

ENTRE SABERES E AFETOS

Diálogos com Igor Sacramento

Ana Paula Goulart Ribeiro
Bruno Souza Leal

ORGANIZADORES



ENTRE SABERES E AFETOS

Diálogos com Igor Sacramento

Ana Paula Goulart Ribeiro
Bruno Souza Leal

ORGANIZADORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Reitor: Alessandro Fernandes Moreira
Vice-Reitor: Alamanda Kfoury Pereira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretora: Thais Porlan de Oliveira
Vice-Diretor: Rogério Duarte do Pateo

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Coordenadora: Sônia Caldas Pessoa
Vice-Coordenadora: Geane Carvalho Alzamora

SELO EDITORIAL PPGCOM
Coordenação editorial acadêmica:
Ângela Cristina Salgueiro Marques
Tiago Barcelos Pereira Salgado

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)
Benjamim Picado (UFF)
Cezar Migliorin (UFF)
Elizabeth Duarte (UFSM)
Eneus Trindade (USP)
Fátima Regis (UERJ)
Fernanda Duarte (NCSU/EUA)
Fernando Gonçalves (UERJ)
Frederico Tavares (UFOP)
Iluska Coutinho (UFJF)
Itania Gomes (UFBA)
Jorge Cardoso (UFRB | UFBA)
Kati Caetano (UTP)
Luis Mauro Sá Martino (CasperLíbero)
Marcel Vieira (UFPB)
Mariana Baltar (UFF)
Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Mozahir Salomão (PUC-MG)
Nilda Jacks (UFRGS)
Renato Pucci (UAM)
Rosana Soares (USP)
Rudimar Baldissera (UFRGS)

Esta obra foi selecionada pelo Conselho Editorial do Selo PPGCOM/UFMG após avaliação por pareceristas ad hoc.

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo PPGCOM/UFMG, disponíveis em: https://seloppgcomufmg.com.br/termos-de-uso/

---

www.seloppgcomufmg.com.br
Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E61

Entre saberes e afetos [livro eletrônico]: diálogos com Igor Sacramento / Organizadores Ana Paula Goulart Ribeiro, Bruno Souza Leal. – 1. ed. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2026. – (Trajetos)
il. color.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-85915-60-1

1. Sacramento, Igor. — Homenagem. 2. Televisão — Historiagrafia. 3. Comunicação — Pesquisa. I. Ribeiro, Ana Paula Goulart. II. Leal, Bruno SOuza. III. Série.
CDD302.23

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI: https://doi.org/10.64275/is16ba10

CRÉDITOS DO E-BOOK

CO-COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ettore Stefani de Medeiros

WEBSITE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
Daniel Melo Ribeiro

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
Bruno Guimarães Martins

PPGCOM/UFMG, 2026.

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO
Ettore Stefani de Medeiros
Marina Carrano Lelis

ASSISTENTE EDITORIAL
Rannyson da Silva Moura

DIAGRAMAÇÃO
Daniel Augusto Borges Silva
Gabriel Oliveira
Iara Mendes dos Santos

Apoio:

CAPES CNPq FAPEMIG

"é fundamental a bravura de alegrar, exatamente porque quem nos falta não pode ser ferido de tristeza. A saudade tem de vir à festa e ser presença que celebra"

Valter Hugo Mãe
(Educação da Tristeza)

Sumário

Apresentação 13

Seus parceiros e professores

Da dificuldade de dizer e da necessidade de lembrar 19
Ana Paula Goulart Ribeiro

Na história (ou nas histórias) 25
Marialva Barbosa

A Instituição como marca afetiva 33
Raquel Paiva

Seus parceiros pelo Brasil

Carta ao amigo 39
Danielle Brasiliense

Há muito ainda a ser sentido
e o sentir nem sempre cabe em palavras 47
Izamara Bastos Machado

Fragmentos de Permanência 59
Vinicius Ferreira

Um pensamento inquieto que construía passagens 71
Rachel Bertol

Pequenas histórias 81
Bruno Souza Leal

O Tempo, a amizade e as parcerias 89
Ana Regina Rêgo

Um amigo fidedigno 109
Frederico de Mello Brandão Tavares

Nossa silenciosa cumplicidade 117
Juliana Freire Gutmann

Seus parceiros e orientandos

Dialogismo, ausência e presença 127
Roberto Abib

Um ancestral 141
Julio Cesar Sanches

Uma biografia incontornável 155
Marcelo dos Santos Marcelino

Depois da revolução, a gratidão:
um agente transformador na trajetória de um orientando 167
Rhayller Peixoto

177

Albúm de afetos

Sobre as autoras e autores 187

Apresentação

Este livro é uma homenagem a Igor Sacramento, professor e pesquisador do campo da Comunicação e da Saúde, que faleceu em abril de 2025, em decorrência de uma meningite bacteriana. Ele estava em Paris, onde fazia seu pós-doutorado, e a notícia da sua partida deixou parentes, amigos e toda a comunidade acadêmica consternada. Igor era muito jovem. A despeito de sua maturidade intelectual e consolidada carreira profissional, tinha apenas 41 anos.

Como uma espécie de despedida, reunimos aqui professores, colegas e orientandos de Igor Sacramento, pessoas com quem ele construiu, ao longo dos anos, diferentes tipos de parcerias. Cada um, à sua maneira, descreveu sua relação com o pesquisador e amigo. São histórias pessoais e memórias afetivas de momentos vividos, que se mesclam com balanços da sua obra, comentários teóricos e conceituais e descrições de sua trajetória acadêmica.

Igor Sacramento nasceu em 22 de novembro de 1983. Fez jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro,

ECO/UFRJ. Fez mestrado em Comunicação e Cultura também na UFRJ, e sua dissertação virou o livro *Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970* (2011), uma importante contribuição para os estudos sobre história da mídia no Brasil.

Na sequência, Igor Sacramento ingressou no doutorado, também no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Desenvolveu, nessa época, uma pesquisa de fôlego, a partir de uma perspectiva teórico-metodológica original e criativa. Fez aquilo que denominou de *biografia comunicacional*, trabalhando com a trajetória de Dias Gomes, centrada na circularidade cultural e política da sua obra e na sua atuação em diferentes circuitos: no teatro, rádio, cinema e televisão. A tese recebeu Menção Honrosa do Prêmio Capes e do Prêmio Compós e, logo, foi publicada como livro, com o título *Dias Gomes: um intelectual comunista nas tramas comunicacionais* (2016).

Em 2014, depois de um estágio pós-doutoral na ECO, Igor Sacramento ingressou como pesquisador no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz). Na instituição, ele atuava no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde, o Laces. Criou o Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs) e foi editor da *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, a *Reciis*. De 2020 a 2024, foi coordenador do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde.

Mesmo depois de sua ida para a Fiocruz, Igor Sacramento manteve o vínculo à UFRJ, onde atuava como professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e como pesquisador do grupo de pesquisa Mídia, Memória e Temporalidade, o Memento.

Publicou diversos livros sobre comunicação, história e saúde. Escreveu, com Ana Paula Goulart Ribeiro, o livro *Televisão e Memória: entre testemunhos e confissões* (2020) e, com Bruno Chiarioni, *O repórter na TV: uma história dos programas de grande reportagem no Brasil* (2023). Orga-

nizou diversas coletâneas, como *História da comunicação: experiências e perspectivas* (2014), com Leticia Cantarela Matheus; *Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas* (2014), com Kátia Lerner; *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (2010), com Ana Paula Goulart Ribeiro; *História da Televisão no Brasil* e *Televisão* (2010) e *História e Gêneros* (2014), ambos com Ana Paula Goulart Ribeiro e Marco Roxo.

Igor foi vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar) e da Rede Brasileira de Pesquisadores de Ficção Televisiva (Obitel Brasil). Era bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Seus parceiros e professores

Da dificuldade de dizer e da necessidade de lembrar

Ana Paula Goulart Ribeiro

Este é o texto mais difícil da minha vida. Há meses tenho sofrido em frente ao computador. E nada. Como me despedir de você? Não faz sentido. Como falar da sua presença na minha vida? Como explicar sua falta? Não sei. Olho fotos antigas em busca de inspiração. Você está sempre lá, em praticamente todos os momentos. Presença certa, sempre com sorriso largo, gentileza no olhar. Foram muitas festas, aniversários, jantares, congressos, viagens, encontros com amigos e famílias, risadas em mesa do bar. Conversas sobre a vida e trabalho, confidências. Muitos planos para o futuro. As fotos não me ajudaram. Parei de olhar.

Agora, no entanto, chegou o momento de concluir o livro em sua homenagem. Não dá mais para adiar. E, no entanto, continuo empacada. Olha só, eu achava que você ia ajudar a cuidar de mim, quando eu envelhecesse. Em minhas fantasias, quando eu partisse, você estaria ao lado da Marina. Me tranquilizava essa ideia. Ela sente sua falta, dindo. Maurício também. Todos sentimos aqui em casa.

Mas - sabe? - você nos deixou um super presente: a Euny. Você herdou dela esse seu jeito gentil, afetuoso, carinhoso. E, na sua ausência, é ela quem nos consola. É sua mãe, no momento da sua dor mais profunda, quem nos acolhe. Deveria ser o contrário, né? Ontem, estivemos na casa dela. Nos sentimos tão bem, sempre. Você está lá, por todos os cantos, nos porta-retratos, nos quadros na parede, nos livros na estante.

Eu poderia falar tantas coisas sobre você. Lembro quando te conheci, numa das minhas primeiras turmas na Escola de Comunicação da UFRJ, lá bem no iniciozinho dos anos 2000. Você era o aluno que todo professor queria ter. Lia os textos, prestava atenção a tudo o que dizíamos e fazia perguntas inteligentes, ainda que você tropeçasse um pouco nas palavras. Aquela sua gagueira de juventude sumiu com o tempo, né? Você desenvolveu uma fala segura, forte, com aquela voz de barítono que era só sua.

Acho que você gostava das minhas aulas, porque você ainda fez outras três disciplinas comigo na graduação. E, quando você foi fazer sua monografia de final de curso sobre o Jornal Nacional, você me procurou para te orientar. Depois, veio o mestrado sobre o Globo Repórter e o doutorado sobre Dias Gomes. E você ainda ganhou uma bolsa de pós-doutorado num projeto - História da Imprensa e Itinerância das Imagens - que dividíamos com nosso querido Mauricio Lissovsky, que partiu de repente, como você, deixando saudades.

Nessa época, Marco Roxo também fazia pós-doutorado na ECO e vocês dois ficaram amigos. Nós três editávamos a revista *ECO-Pós*, lembra? Era uma loucura. A publicação tinha, naquele momento, poucos recursos e uma estrutura precária de produção. Nós cuidávamos de tudo: definição dos temas, chamadas, convites, envio de textos para os pareceristas, contato com os autores, revisão e o que mais fosse necessário para fechar cada edição. Cuidávamos também da parte tecnológica e fizemos a migração da revista para a plataforma SEER. Não tínhamos ninguém para nos ajudar. Mas dávamos conta do recado.

Nessa época, nós três também escrevemos alguns textos juntos. Nos intrigava a presença maciça de comunistas nas redações dos jornais ca-

riocas durante a ditadura militar. Queríamos entender essa aparente contradição. Esse foi só o começo da nossa parceria. A partir daquele momento, eu e você começamos a fazer muita coisa juntos. Tínhamos tantos interesses em comum, né? Jornalismo e narrativa, televisão e teledramaturgia, memória e biografia. E, mais importante: Mikhail Bakhtin. Escrevemos muitos textos – artigos e capítulos de livro – sobre esses assuntos. Organizamos e escrevemos livros também: *História da Televisão no Brasil* (2010), *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (2010), *Televisão, História e Gêneros* (2014) e *Televisão e Memória: entre testemunhos e confissões* (2020).

Foram tantos projetos. Além daquele com o Maurício Lissovsky, a gente tocou o Memória do Jornalismo Brasileiro (MJB), trabalhando com história oral e com os alunos da graduação. Desenvolvemos, com Mirta Varela, da Universidade de Buenos Aires, uma investigação sobre imagens televisivas de 1968 no Brasil e na Argentina. Coordenamos juntos a seção Rio do Obitel Brasil (Rede Brasileira de Pesquisadores de Ficção Seriada). Ajudamos a fundar a rede Historicidade dos Processos Comunicacionais, que reunia grupos de pesquisa de diversas universidades brasileiras. Participamos também de dois projetos de cooperação com a França: o PIMI (Patrimônio, Imagem, Mídia, Identidade) e o AMIS (Arquivo, Mídia, Imagem, Sociedade).

Lá na ECO, você participou da fundação do nosso grupo de pesquisa, o Memento (Mídia, Memória e Temporalidade). Lugar de encontros tão produtivo e fraternos, né? Conseguimos reunir pessoas realmente especiais naquele espaço. Sempre comentávamos que era um algo meio mágico isso de juntar competência acadêmica, bom caratismo, cuidado com o outro e alegria. Você foi fonte de inspiração, parceiro, companheiro de tantos que passaram por ali: Fernanda Lima Lopes, Raquel Timponi, Tiana Ellwanger, Alice Melo, Itala Maduel, Juliana Tillmann, Patrícia D'Abreu, Izamara Bastos, Vinicius Ferreira, Rachel Bertol, Rhayller Peixoto, Thiago Guimarães. Quando você foi para a Fiocruz, criou um outro grupo lá, o Nechs (Núcleo de Estudos em Comunicação, História

e Saúde), também se cercando de companheiros queridos, como nosso amigo Wilson Borges.

Quando eu assumi a coordenação do Programa de Pós-graduação na UFRJ, você estava ao meu lado, me ajudando no desafio de conduzir o então único programa nota 7 do país. A responsabilidade era grande, não podia deixar a peteca cair. Esse foi o período de implantação do Sucupira. Eu e os funcionário da Pós (os queridíssimos Jorgina e Thiago) tivemos que aprender, no susto, a lidar com plataforma, naquele momento ainda muito instável. Você foi peça-chave no processo. Nos ajudou incondicionalmente. E, no final, deu tudo certo.

Em meio a tanto trabalho, nos tornamos cúmplices na vida. O vinho forjou nossa amizade. Você gostava de dizer que tinha aprendido a beber comigo. Mas divido essa façanha como nossa amiga Janine Cardoso. Lembra quando a gente descobriu o Nero D'Avola, in loco? Bebida com personalidade, virou a nossa preferida. Eu, você e Jan formávamos um trio bacana, né? Inesquecível essa nossa ida a Itália. O motivo principal era sério. Fomos participar da XIV Conferência Internacional sobre Bakhtin, na Universidade de Bologna. Três anos depois, a XV Conferência foi em Estocolmo. E lá fomos nós três novamente. Da última vez que nós vimos, você e eu relembramos essas viagens divertidas e combinamos que íamos programar com a Jan a nossa próxima. Pensamos na Rússia, claro.

Confesso que, às vezes, fico com raiva, indignada com sua morte. Você inspirava. Era farol para muita gente. Homem negro, homossexual, inteligente, competente, forte. Sei que você seguirá exemplo. Seus textos permanecem e continuarão como guia. Mas queríamos você aqui, do nosso ladinho. Queríamos beber com você, conversar com você, escrever com você, cantar com você, rir com você.

Querido, de vez em quando, tenho a sensação de que você ainda está lá em Paris, naquele apartamento da Maison Suger, onde você carinhosamente me hospedou por duas semanas, apenas alguns dias antes da sua partida. Foram momentos muito bons, como sempre eram os que passávamos juntos. Fizemos comprinhas (a gente adorava isso), trocamos

confidências, encontramos amigos, fomos a um concerto, saímos para dançar. Rolou até piquenique no Bois de Boulogne.

Guardo no celular a última mensagem que trocamos. Foi tão carinhosa nossa despedida. Eu quero crer que, um dia, nós possamos nos rever e tomar juntos mais uma taça do nosso vinho preferido. Por enquanto, amigo, sigo por aqui com suas lembranças. Porque – você sabe, né? – a memória é a forma mais nobre, talvez a única possível, de transcendência.


QUAI N°10
CRÊPERIE
RESTAURANT

Na história (ou nas histórias)

Marialva Barbosa

O título que atribui a este capítulo procura deixar claro o recorte que adotei para referenciar a obra de Igor Sacramento, privilegiando suas reflexões em conexão com a história a partir de vários trânsitos do seu olhar. Esta escolha, que dialoga com minhas pesquisas que fazem a interconexão entre Comunicação e História, indica também por onde Igor começa a construir sua expressiva trajetória como pesquisador: a relação do seu trabalho com as dimensões da história.

Articulando Comunicação e História, sob três pilares interconectados, o biográfico, o memorável e a história vista na dimensão dos fenômenos mais contemporâneos, revela uma instigante percepção da história como campo de disputas políticas e culturais, onde biografias e narrativas constituem o terreno no qual essas disputas se materializam.

As trajetórias individuais operacionalizadas como biografias comunicacionais constroem um dos seus mais relevantes aportes reflexivos, resultado de sua tese de doutorado sobre a trajetória de Dias Gomes.

Transitando por diversos domínios conceituais, percebe a comunicação como processo fundamental para a constituição do ser histórico, no qual se destaca disputas pelo sentido do mundo.

A história ocupa, com relevo, o início de sua produção intelectual e a historiografia da comunicação emerge de forma inovadora nos seus estudos sobre televisão. Em sua obra inicial *Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970* (2008)[1], os índices historiográficos são marcantes. O livro foi resultado de sua dissertação de mestrado, orientada por Ana Paula Goulart Ribeiro e concluída em 2008. Ana Paula, mais do que orientadora, foi/é uma amiga com quem manteve/mantem infinitos afetos. Na vida, durante a vida e mesmo além da vida.

Na dissertação, se adensa a sua busca pela articulação Comunicação e História (digo se adensa, pois esta já se fazia presente ainda quando cursa a graduação em Comunicação, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). Na dissertação, as tramas comunicacionais da televisão articulam-se com a questão da memória e a atuação de cineastas/intelectuais de esquerda, durante o período da ditadura civil-militar brasileira. Este trabalho seminal reverbera na sua tese de doutorado, na qual desenvolve, a partir da análise da trajetória de Dias Gomes em sua vinculação com a produção midiática, do rádio ao teatro, do cinema à televisão, e o qual inicia a construção do que denomina "biografia comunicacional". A tese publicada em 2016, sob o título *Dias Gomes: um intelectual comunista nas tramas comunicacionais*, aprofunda a perspectiva de que a história das mídias é inseparável da história intelectual, das ideologias políticas e dos projetos sociais que nela se inserem.

Com uma visão histórica refinada, Igor vê a televisão como palco de disputas, consolidando, muitas vezes em conjunto com sua orientadora, uma historiografia da comunicação no país, tendo como cerne reflexivo os processos históricos relativos à televisão. A articulação se faz pela problematização das relações entre intelectuais e mídias, memória

e narrativas biográficas, num caminho que se pavimenta na direção da construção de uma história comunicacional da televisão.

A partir deste início em que contribui para a construção de uma historiografia da mídia e, particularmente, da televisão no Brasil, Igor, a partir de seu vínculo ao grupo de pesquisa Historicidades dos Processos Comunicacionais, se volta para a articulação de sua temática de pesquisa com o conceito de historicidade. No caso da produção reflexiva de Igor, o conceito se apresenta como uma abertura para o que poderíamos classificar como dinâmica subjacente à produção histórica. A história em que ele mergulha não se limita aos esgarçados fatos históricos, nem a apresentação de temáticas contemporâneas sem vínculos com a teoria da história e com o texto/contexto estudado, mas destaca os jogos memoráveis entre o que é lembrado e o que silenciado ou esquecido, como resultado de um complexo jogo de poder e disputa. O arquivo, para ele, não é mero repositório de dados inertes; os documentos; os relatos e as mídias não são evidências transparentes de um passado, mas construções discursivas que precisam ser desvendadas e que, em cada momento histórico, revelam novos desvelamentos. Afinal, para ele também é claro que a história não se refere ao passado, mas sim às questões e inquietações dos nossos múltiplos presentes.

A questão da biografia comunicacional é o último aspecto a que vou me referir nesta breve vinculação de sua trajetória teórica se entrelaçando com uma história que comporta, também, muitas outras histórias.

É, sem dúvida, uma das suas contribuições metodológicas mais originais. Define a biografia comunicacional numa análise das trajetórias dos eventos, nas quais pode se observar como o indivíduo se constitui através de processos de comunicação. A premissa central de seu método é que "ser significa ser para outro e, através dele, para si"[2], inspirado no pensamento de Mikhail Bakhtin (2006). Nesse sentido, a biografia não é apenas a história de uma pessoa, mas a história de como essa pessoa se torna quem ela é por meio de suas interações, discursos e narrativas em circulação no ecossistema midiático. A trajetória de uma pessoa é,

para ele, um conjunto de narrativas que se sobrepõem, se contestam e se reforçam tanto nas mídias analógicas, quanto em ambientes digitais.

Biografia comunicacional, como ele mesmo definiu, é um conceito-método, a partir do qual, "no lugar de centrar a narrativa nas ações ou nos trabalhos de um protagonista, o foco recai sobre as práticas e as mediações socioculturais envolvidas nos processos de produção, circulação e consumo de textos, que, ao se associarem a um indivíduo, constituem a vida a que se referem e pela qual existem"[3] .

Igor Sacramento é, portanto, um intelectual cuja obra transcende as fronteiras disciplinares, oferecendo importante arcabouço analítico para a compreensão das complexas relações entre mídia, história e sociedade. Sua abordagem, integrando história e biografia, mostra que a comunicação é o tecido no qual as narrativas individuais e os processos sociais são arquitetados e nos quais as disputas de poder e de sentido se materializam. Seu legado é um chamado para uma pesquisa que seja, ao mesmo tempo, rigorosa em sua teoria e sensível em sua abordagem do ser humano. É essa dimensão humana que costura o vínculo do seu trabalho com a história.

Falo aqui que Igor é um intelectual, e não que foi, porque sua presença continua viva e latente entre nós. Nas nossas memórias, nas imagens mentais com que produzimos a sua presença. E apaziguamos sua aparente ausência.

Digo aparente, porque, afinal, a morte pode não ser fim. Pode ser começo. Como na *gnose* africana, presente, por exemplo, nos povos bantos, cuja concepção afirma que com a morte transcendemos a vida em direção a outros mundos, numa circularidade em que a dimensão temporal produz começos a partir dos quais podemos construir lembranças duradouras e amorosas, com seres que têm presença perene, mesmo quando aparentemente não estão entre nós.

Podemos pensar a morte como parte do ciclo da vida, como recomeço em novas dimensões, tal como se percebe no tempo cíclico das cosmovisões africanas, que implica a circularidade relacional entre passado

(ancestrais), presente (vivos), num universo significativo no qual está na morte o gesto do devir para a continuidade da vida.

A morte não é ruptura, mas passagem, transição para outro estado da existência e forma de se reconectar com a comunidade, retornando à vida. Podemos pensar como os povos originários bantos para os quais a morte não é aniquilamento, mas passagem necessária para a transformação e o início de um novo ciclo de existência. Ou podemos pensar como nas muitas cosmologias ameríndias, em que a morte reintegra o indivíduo ao ciclo vital da floresta. Ou como os povos quilombolas. Para Nêgo Bispo (2023), por exemplo, "a vida é começo, meio e começo. A vida não tem fim. Porque se o mundo é redondo, a roda é começo, meio e começo" (p. 96), diz ele ao enunciar o Tempo Terra, tempo resistência. O círculo, para ele, não mede um presente homogêneo; ele garante continuidade entre vivos, mortos e territórios, dissolvendo a ideia de fim que legitima a acumulação.

Com esse belo pensamento sobre a morte de Nêgo Bispo, termino com uma imagem que, para mim, é síntese de muitas outras histórias de Igor Sacramento, para além de sua notável capacidade reflexiva, extremamente importante para a comunicação.

A imagem que deixo como texto final resume o entrelaçamento de Igor na minha história, na minha vida: a última foto que tiramos juntos. Meu amado amigo que se foi um dia, mas que deixou laços infinitos que fazem com que Igor na história, seja personagem central também da minha história e alguém cujo aparente fim é também começo.


PROCOPE

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. A dissertação foi publicada em livro, em 2011, mantendo o título original da dissertação. Sacramento, Igor. Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

2. Bakhtin, M. Estética da criação verbal 4 ed. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 337.

3. Matrizes, 2014, São Paulo, v. 8, n. 2, 2014. https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/90452/93229. Acesso em 18 ago. 2025.



A Instituição como marca afetiva

Raquel Paiva

"Nos processos de institucionalização agem mecanismos fundados em princípios de realidade. Eles vêm cercados de soluções racionais, que conservam o máximo da solidariedade e do entusiasmo do '*stato nascenti*', sem, entretanto, violar o princípio de realidade. As instituições racionais nascem do respeito da diferença, do reconhecimento dos limites, do empenho nos mecanismos de observação. A unanimidade não pode ser suposta, tem que ser verificada. Seguindo esse caminho, a institucionalização é um processo lento, feito de erros e acertos e de contínuos ajustes. Mas não tem outra possibilidade de percurso." Eu começo este texto com uma citação do sociólogo e jornalista italiano Francesco Alberoni, no seu livro "Movimento e istituzione. Come nascono i partiti, le chiese, le nazioni e le civiltá" (2014, p.60) porque recorrer ao princípio da Instituição me impele ao da obrigação que certamente é o único sentimento que me leva a escrever agora.

E não por outra razão, escolho o fundamento e as bases da instituição porque para mim é o que melhor descreve a existência de uma pessoa que acompanhei desde 2004, na época do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ. Aluno ainda, fazendo a monografia de finalização do curso, mas também depois em 2006 quando venceu a primeira edição do prêmio recém criado por José Marques de Melo e por mim, quando na Diretoria Cultural, o Prêmio Intercom de melhor dissertação de mestrado, Francisco Morel. Depois o doutorado, depois de aluno a colega tanto no PPGCOM como em diversas publicações conjuntas e co-autorias em apresentações na IAMCR.

Fácil perceber o viés institucional em todas essas atividades. Mas a instituição parte de algo aparentemente fluido, volátil, mas extremamente forte e imprevisível que são as emoções e os sentimentos. E por essa razão relutei dois meses para escrever esse texto. Desde o dia do amável convite, me caiu com um gosto amargo a empreitada. E certamente movida por esse manto, esse texto nunca sairia. Pra mim, me caiu muito mal e de certa maneira inesquecível o telefone tocar as 4 da manhã daquele conturbado abril com as mais terríveis notícias do amigo com quem havia falado há pouco mais de uma semana, via mensagem, como fazíamos com muita frequência, tanto para assuntos banais, quanto para temas de trabalho. O amigo comum chorava enquanto tentava relatar com alguma objetividade os acontecimentos sobre os quais eu não conseguia compreender nem esboçar qualquer pergunta, tão absurda parecia a situação.

Eu não teria nunca conseguido escrever esse texto agora se não tivesse recorrido ao conceito que para mim é a marca da vida do amigo: o respeito absoluto às instituições. Todas elas. E por elas viveu: a partir do imenso respeito pela sua mãe, por todos os seus amigos, por todos os seus alunos, por todos os seus colegas, por todos os seus cargos, por todos os seus prêmios, por todas as suas publicações, por cada um dos seus textos, pelos seus amores. E só mesmo a impressão de que iria nos deixar tão cedo poderia justificar a imensa capacidade produtiva que possuía aliada ao desejo de aproveitar a vida.

Nessa nossa amizade institucional eu nunca perdi o péssimo hábito de me meter em sua vida e sugerir coisas. As quais, ele, institucionalmente aceitava, talvez porque no fundo ainda me visse como aquela velha professora que tanto o aplaudia, quando poderia muito bem, por inúmeras vezes, ter retrucado e dito, que eu estava sendo invasiva ou que estava me metendo onde não devia. E mais não falo para não retirar esse texto da esfera em que pretendo que permaneça: institucionalmente, mas no viés compreendido e defendido por Alberoni, como algo que se consolida a partir de um momento único, de emoções e sentimentos de intensa partilha e muito afeto. Siga sendo institucionalmente belo e forte querido amigo.



Seus parceiros pelo Brasil

Carta ao amigo

Danielle Brasiliense

Thaysa foi pra cozinha, pediu para a Alexa tocar *Noites de Gala*. Tocou Norah Jones, Nina Simone e outras musas que você certamente interpretaria com seu vozeirão lindo, afinado e grave. Imaginei você cantando enquanto as músicas tocavam e finalmente vim escrever esse texto que não é só sobre você, é sobre nós. Pensei no quanto você teria gostado de ir com a gente numa festa chamada *Rastro de Cobra*, que aconteceu ontem num terraço da Marina da Glória. Revi você chegando com uma calça preta jeans, rasgada em uma das pernas para exibir o resultado do tônus do músculo da coxa trabalhado a semana toda na academia. E dizia: Vou ficar bem coxudo, amiga! E nessa cena tinha, lógico, uma bolsa pendurada. Nossa! Como você amava bolsa, e como eu amava quando você surgia com uma nova e propositalmente vinha na minha direção só para a gente dar aquela risada alta. Que charme você ficava com aquelas bolsas, meu amigo. Teve bolsa grande de amiga, bolsa pequenininha de ladinho e também as brilhosas do carnaval. Dali você sacava um gloss

de pimenta que prometia aumentar seus lábios carnudos e deixar eles vermelhos, chamativos, prontos para um beijo bem gostoso, feito aqueles que a gente dava quando estávamos muito felizes e rindo à toa depois de uns bons drinks. A gente se amava numa onda de ter momentos subversivinhos, mas no fundo sabíamos que éramos muito caretinhas.

Que saudade daqueles seus perfumes caros, cheirosos, para eu dar uma cafungada e te abraçar cheia de saudades. Nos últimos tempos você também estava usando sombra nos olhos nas festas, para ficar ainda mais brilhoso do que já era! Como eu amava ver seus olhos naquele glamour.

Das coisas que a vida acadêmica me trouxe, você foi um dos meus melhores encontros. Hoje eu prefiro lembrar da nossa intimidade, do que esteve entre nós, das nossas conversas sobre absolutamente tudo: fofocas da academia, reality shows, novelas, músicas, memes, fofocas da internet. Quantas vezes sua risada, ou sua parceria malévola junto da minha, como se estivéssemos na quinta série, me fizeram passar o dia inteiro com um sorriso de canto, lembrando das bobagens que falamos. Certamente a nossa cumplicidade também se deu pelo fato de sermos dois LGBTs em meio a tantos espaços hostis, e isso nos unia de um jeito particular. Havia coisas que só a gente entendia no olhar, numa piada interna, num gesto de apoio. E o quanto seu escorpião se agitava com os meus para reclamar de alguma coisa ou de alguém

Também lembro de como era bom ter você nos aniversários, nas festas, no meu casamento. Como padrinho, mesmo chegando atrasado (como sempre), você carregava um peso simbólico enorme: a sua presença era fundamental. Tanto que, para garantir que você não perdesse nada, eu marcava as festas três horas antes do horário real, só para você chegar mais cedo. Ser padrinho não era um detalhe. Era o reconhecimento do quanto você era importante para nós, para a nossa história, para a vida que dividimos.

Morávamos em Copacabana, esse bairro marcado pela subversão e pela festa, do jeito que a gente gostava. Era maravilhoso ter você tão perto, no Posto 2, para nossas caminhadas espontâneas até o Amir ou o Basha,

ou ainda para rir das performances no Caju com as bichas, e tantas vezes brindar no Otra, nosso bar sapatônico. Nossas noites também foram feitas dessas fugas: os giros pelas boates gays, do TV Bar ao Pink Flamingo, passando por tantas festas em que podíamos hastear nossa bandeira e esquecer, por algumas horas, o peso das responsabilidades adultas.

Foi nesse espírito que vivemos juntos a catarse de ver nossa mainha Madonna. Tivemos a sorte de espiar o ensaio um dia antes, lembra? Lá estávamos já misturados ao público curioso, quando Madonna entrou mascarada para cantar *Nothing Really Matters*. Depois de tanta vibração conservadora, era simbólico demais assistir à rainha naquele mesmo quintal de casa, a praia de Copacabana. Que lindo foi sentir tantos leques vibrando no dia do show, o público cantando Like a Prayer à capela, e nós plenos emocionados por estarmos muito bem representados pela Diva das Divas, junto com mais de um milhão de viados e viadas!

E por falar em Diva, sabia que a Marina está com essa agora? Só podia ser nossa afilhada, não é? Pois foi assim, de Ana Paula nasceu esse presente em forma de criança. Essa semana é aniversário dela, o primeiro sem sua presença. A Dinda aqui jamais vai conseguir compensar essa falta, mas sigo muito feliz com a certeza que a nossa menina negra que cresce cercada de amor sempre o terá na memória como um farol. Você não foi apenas um padrinho querido, mas a presença de um corpo negro que, com coragem e delicadeza, mostrava que existir é também resistir. Você foi para ela a prova de que ser negro, especialmente no Brasil, é ocupar espaços, brilhar com orgulho e transformar o mundo ao redor. Esses dias mandei para ela um link do concerto da Beyoncé, porque sei que é uma forma dela ter você por perto, nesse momento em que ela sonha o sonho adolescente de ser uma pop star. Posso contar para ela que você também já quis ser a Whitney Houston? Quem nunca quis ser uma diva, não é, meu amor?

Um dos momentos mais importantes da nossa amizade e parceria de pessoas preocupadas com a causa LGBTQIA+ foi o curso que demos juntos em 2018, sobre gênero e discurso, na ECO. Foi a primeira vez

que lecionei no programa, e dividi-lo com você tornou a experiência ainda mais especial. Estávamos felizes, aprendendo um com o outro e com os alunos, descobrindo juntos como as discussões de gênero, corpo e linguagem poderiam ganhar novas camadas no encontro com aquela turma. Além disso, o curso ocorreu em um momento muito importante da história do Brasil, quando a discussão sobre gênero e política estava acalorada, quando se inventava a ideia absurda da "cartilha gay" e quando Damares berrava sobre meninos de azul e meninas de rosa. Aff, que fase, dizia você.

Foi nesse mesmo contexto que levamos nossos alunos ao Parque Lage para visitar a exposição *Queermuseu*. Foi mágico. Antes mesmo de entrar, demos uma aula nos jardins, conversando sobre arte, gênero e política. Ali, no coração do Rio, em meio a um Brasil mergulhado no conservadorismo, criamos com os estudantes um espaço de reflexão e encantamento. Quando entramos no museu, com os olhos já atentos e os corpos atravessados pela conversa, a experiência ganhou ainda mais força. Nossos alunos ficaram fascinados, e eu tive certeza de que aqueles encontros, mais do que aulas, eram gestos de esperança.

E depois de tantas promessas, finalmente escrevemos juntos. Mandamos nosso artigo para a Compós de Porto Alegre e participamos juntos da primeira roda de conversa do GT de Gênero que estava sendo inaugurado naquele ano. Foram ótimas nossas discussões junto com nosso querido Julio Sanches. Aliás, a festa de fechamento do evento foi babado, ne? Nos rendeu muita fofoca boa para o dia seguinte. Nosso artigo, A Fábrica de Monstros: performances da masculinidade em entrevistas com Léo Stronda, publicado na *Contracampo*, foi fruto não só do curso que demos juntos, mas de anos de conversas sobre gênero, corpo e masculinidades. Você mergulhou naquela análise sobre a performance do corpo-monstro, e lembro da alegria de ver nosso texto publicado, como se fosse um registro concreto daquilo que tantas vezes ficou entre cafés e envios de matérias sobre a temática de gênero e saúde pelo Instagram.

Nosso último encontro foi em Paris, quando tínhamos planejado viver algumas coisas juntos, já que dessa vez faríamos o pós-doc ao mesmo tempo. Fizemos piquenique no Bois de Boulogne, você entrou gentilmente com a Thaysa em Notre-Dame para que ela visse a reforma, caminhamos pela rua mesmo você já muito cansado, almoçamos e jantamos juntos. E quando já estava ainda mais debilitado, fizemos compras no mercado, sopinha para você se alimentar melhor, deitamos de conchinha para você descansar, vimos capítulos de *Vale Tudo*, para falar de Odete e Heleninha Roitman. A gente sempre foi noveleiro juntos mesmo que comentando ao vivo tudo pelo Whatsapp enquanto assistíamos cada um de sua casa.

Nas últimas mensagens eu perguntava se você estava bem e, de repente, você apareceu numa ligação de vídeo curtindo um show no Bataclan, animado. Jamais esquecerei nosso abraço quando retornei ao hospital e lhe encontrei lúcido: logo que me viu, esticou os braços chorando, como quem reencontra alguém que daria apoio, alguém familiar.

Também teve o dia em que fomos à exposição *Paris Noir*, no Pompidou. Quando saí, fiquei te aguardando ansiosa do lado de fora para saber sua impressão, e você resumiu em uma frase: "Franceses sendo franceses". Era exatamente isso. Paris Noir não te representa, e tampouco correspondia à luta anticolonialista pretendida pelos curadores. *Desolé!* – como você dizia, dando um risinho. Conversamos sobre como a narrativa insistia em um tom colonialista, destacando mais a "oportunidade" que Paris teria dado aos artistas negros do que as próprias artes que eles criaram. Observamos também como a exposição quase não incluía mulheres negras, como se aquelas décadas tivessem sido apenas masculinas.

Entre o que representa uma pessoa de peso, que se destaca, que brilha, nós amamos outra tão importante quanto essas mulheres maravilhosas: nosso autor favorito, que abriu nosso mundo para um milhão de possibilidades de amar e compreender os signos como vivos, múltiplos e dialógicos. Mikhail Bakhtin foi o grande divo da nossa história, que não tem fim, que continuará sempre que, daqui desse plano, eu o citar em

sala de aula ou num beijo de carnaval. E você estará lá, junto comigo, com nossos amigos, amores, com as vozes plurais que criam uma riqueza de sentidos polifônicos.

Pois, como ele nos ensinou, é no encontro com o outro que a palavra ganha vida. E a nossa amizade foi isso: vida, diálogo, riso e memória. Você vai morar em nós, como um elo de cadeia verbal que não morre nunca.

E, para encerrar essa carta, tenho uma notícia para dividir com você: aquele cramunhão foi condenado!!! E, junto com a cidade, vamos hoje rodar com o Boi Tolo celebrando com carnaval, gritos, música e alegria esse dia histórico. Como lamento você não estar aqui para cair nessa gandaia conosco. Mas sei que o seu grito vai ecoar junto ao nosso, porque essa vitória também era sua. Viva a nossa vida, Igor, que foi e será tão intensa e feliz! Hoje não vou mais me dedicar aos pesares. Embora ainda exista tristeza, quero dizer apenas obrigada por ser ainda essa presença inconfundível e inesquecivelmente marcante. Te amo!



Há muito ainda a ser sentido e o sentir nem sempre cabe em palavras

Izamara Bastos Machado

Para que as luzes do outro sejam percebidas por mim
devo por bem apagar as minhas, no sentido de
me tornar disponível para o outro.
(Mia Couto)[1]

Dia 21 de abril de 2025. Recebo uma ligação e com ela uma notícia devastadora. Alimentei uma esperança que durou algumas horas. Depois a dor se instaurou com a certeza de que a finitude da vida se apresenta das mais variadas formas. A esperança, que se apresentou mais cedo, foi substituída por incredulidade, dor e muita tristeza. Penso que perder um amigo é perder uma parte de nós. Perder a presença física de uma pessoa querida e tão cheia de vontade de viver, também implica em perder um pouco de nós.

***

Igor P. Sacramento e eu trabalhamos juntos, por 15 anos, na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Quando ele chegou na Fundação eu já estava por lá e desde então estivemos alocados no mesmo espaço de pesquisas

e ensino. Nossas rotinas e cotidianos se entrelaçaram através de muitos trabalhos, parcerias e trocas. Atuamos juntos enquanto pesquisadores no Laboratório de Comunicação e Saúde (Laces) - no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz e também trabalhamos juntos no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Icict/Fiocruz – onde Igor, além de atuar como professor, também foi coordenador do PPGICS, entre 2020-2024 e foi coordenador adjunto do Programa entre 2018 e 2020.

Nossas trajetórias profissionais e pessoais também tinham muitos pontos de contatos para "além dos muros da Fiocruz". Em bancas de avalições, em espaços acadêmicos científicos, como: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alcar – onde chegamos a dividir a coordenação do GT História do Jornalismo) e Rede de Pesquisa Historicidades dos Processos Comunicacionais. Como nossos temas de pesquisas tinham vários pontos de interseção, era comum nos encontramos em muitos congressos (tais como: Intercom, encontros da Rede Alcar, encontros da Rede Historicidades, Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (ABRASCÃO), entre outros). Além disso, não foram poucas as vezes que tivemos a oportunidade de estarmos juntos em atividades de lazer. Também nos unia o desejo intenso por viver, mas não apenas viver, era o viver alegremente que nos interessava. A vontade de celebrar era também um ponto em comum em nossos modos de estar no mundo.

Nossas histórias de vida eram diferentes, trajetórias distintas, mas tínhamos pontos importantes de aproximação. Penso que uma certa leveza no modo de ver a vida nos unia. Não compartilhávamos tudo, não dividíamos tudo, mas nos respeitávamos e nos acolhemos. Rimos muitas vezes juntos e choramos muitas outras também. Vibrávamos muito com as conquistas um do outro. Talvez uma das características mais marcantes que nos unia: a capacidade de nos alegrarmos com as conquistas um do outro e também com as conquistas das outras pessoas. Essa alegria e torcida pelo outro, muitas vezes compartilhadas entre nós, talvez seja uma

das coisas que mais me aproximava do Igor. Diria que uma das marcas de nossa relação de amizade.

Ainda que mais jovem que eu, sua enorme capacidade intelectual e seu brilhantismo acadêmico me inspiravam. Igor foi acolhimento e generosidade. E sei que segue sendo inspiração para muitos. Afinal, alguém tão intenso e presente não deixará de ser presença constante em nossas memórias e lembranças. Se fisicamente Igor não está aqui hoje, cabe a nós mantermos as memórias vivas – afinal, como sabemos, a memória é viva e se dá no presente[2].

***

No que diz respeito à trajetória de Igor na Fiocruz, cabe apontar que contribuiu muito com o campo da Comunicação e Saúde. Foi um pesquisador ativo e muito importante nos estudos em Comunicação e também na interface da Comunicação e da História. Me lembro de sua mente pulsante e inquieta. Sempre muito criativo e disposto a experimentar. Soma-se a tudo isso, sua capacidade de construir pontes e buscar parcerias.

Além de pesquisador e professor na Fiocruz, Igor também atuou como editor científico da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação Inovação em Saúde, a RECIIS.

Foram muitas frentes em que ele esteve.Com frequência perguntava a ele, em tom de brincadeira: "*Que horas você dorme? Aliás, você dorme?*" Sua partida tão precoce e abrupta nos causou além de espanto e dor, a certeza da efemeridade da vida e o quanto vivê-la intensamente é necessário.

Faço questão de lembrar que Igor era Fiocruz, mas também era UFRJ: se formou na Escola de Comunicação da UFRJ (ECO) e era também professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da universidade. Ele nutria muito amor pela ECO, e fazia questão de verbalizar esse afeto[3]. Portanto, nossos caminhos acadêmicos-científicos também se cruzavam na UFRJ.

Posso afirmar que nossos caminhos se cruzaram em muitas frentes, instituições e redes. E, sempre que posso, faço questão de ressaltar: a vida acadêmica nos apresentou, mas foi o afeto e o cuidado que cultivamos ao longo dos anos que sustentaram nossa trajetória e nos mantiveram próximos (até hoje). Nossos percursos se cruzaram em diversas instâncias, e vou falar neste texto, muito brevemente, sobre sua atuação nas atividades na Fiocruz, especialmente sobre aquelas que tive a oportunidade de conhecer um pouco mais de perto. Afinal, Igor esteve em várias instâncias e espaços e eu não teria condições traçar todo esse percurso. O que apresento a seguir são partes, isto é, recortes de uma ampla história da qual aciono memórias que me ajudarão a apresentar alguns apontamentos.

Começaria destacando que, ainda que tenha sido breve sua trajetória conosco, Igor deixou sua marca e grandes contribuições ao campo da Comunicação e da Comunicação e Saúde!

A Fundação Oswaldo Cruz, também conhecida como FIOCRUZ (instituição que completou seus 125 anos em maio de 2025), trata-se de um órgão vinculado ao Ministério da Saúde brasileiro e é pautada por alguns conceitos na atuação da gestão, entre eles: "Promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico e ser um agente da cidadania". Igor demonstrou, ao longo de sua trajetória, se inspirar desses conceitos.

Durante seu tempo na Fiocruz, trabalhou com diferentes temas – na interface da Comunicação e da Comunicação e Saúde. Reforçando, assim, como características pessoais a versatilidade e criatividade.

Nos últimos anos vinha se dedicando aos estudos sobre desinformação e saúde. Não foram poucos os investimentos que fez na busca pela compreensão dos fenômenos de desinformação. Cabe aqui destacar alguns projetos em que ele atuou (não pretendo nem esgotar, nem me aprofundar nos projetos) mas considero relevante lançar luz sobre algumas dessas iniciativas reiterando assim a força de sua trajetória e uma carreira consolidada em tão pouco tempo. Entre alguns projetos que coordenou (a partir do seu curriculum lattes[4]), pode-se apontar:

- As redes de comunicação e a confiança nas vacinas: um estudo da perspectiva de usuários de unidades básicas de saúde;

- Negacionismo e desinformação: saúde e doença em tempos de pós-verdade;

- Formação de trabalhadores da atenção primária à saúde para o enfrentamento à desinformação sobre vacinação;

- A experiência como evidência: a internet e os testemunhos antivacinação no Brasil contemporâneo (1999-2022);

- A desinformação sobre as vacinas contra a Covid-19 e seus impactos no Programa Nacional de Imunizações.

Como é possível observar, seu interesse por temas da atualidade se mostrava presente em seu percurso. Mas seu interesse em trazer a perspectiva histórica para dentro de seus estudos também era visível.

No que diz respeito às suas muitas publicações, destacaria seu último livro (lançado no final de 2024) intitulado: *"(Des)informação em saúde: na perspectiva das mediações*". Ele assina a obra com as autoras Ana Carolina Monari e Hully Falcão. Vale mencionar que *Ana Carolina Monari* foi orientada pelo Igor e co-orientada pela Drª Hully Falcão, no PPGICS do ICICT/Fiocruz, e sua tese, intitulada "*Quem consome fake news consome fake news? Os usos e sentidos atribuídos à ciência e ao jornalismo em canais sobre covid-19 no Telegram "*, ganhou o Prêmio Oswaldo Cruz de Teses 2024, na Fiocruz, na categoria Ciências Humanas e Sociais.

Ainda no tema publicações assinadas por Igor Sacramento, no campo da Comunicação e Saúde, cito algumas (apenas alguns livros, tendo em vista a vasta lista que pode ser aprofundada a fundo em uma busca bibliográfica mais refinada). A seguir alguns dos livros publicados com autoria e/ou organização de Igor Sacramento:

- "*A infecção e suas memórias: o testemunho e a exposição do viver com HIV no YouTube*", publicado em 2023 pela Pimenta Cultural e assinado em co-autoria com José Antônio Cirino;

- "*Representações midiáticas da saúde*", assinado por Igor e Wilson Couto Borges e lançado em 2020 pela Editora Fiocruz;

- Organização do livro: "*Mediações Comunicativas da Saúde*", lançado em 2017 pela Multifoco;

- "*Saúde e Jornalismo: Interfaces contemporâneas*", organizado por Kátia Lerner e Igor, lançado em 2014 pela editora Fiocruz.

Em relação a artigos científicos, são muitos os textos cuja discussão contribui com o campo da Comunicação e/ou que estejam na interface da Comunicação e Saúde. Igor tem muitas publicações de única autoria, mas também estabeleceu, ao longo de sua trajetória, muitas parcerias. Tive, ao longo desses anos a oportunidade de trabalhar em alguns textos com Igor e outros colegas e, sem dúvida, foram parcerias muito interessantes e produtivas. Parcerias sempre regadas a muito afeto e escuta gentil. Frente ao grande volume de textos publicados por ele, cito aqui alguns artigos que assinamos juntos: *O local como ponto de vista: dinâmicas de trabalho de comunicadores em cenários de desinformação pós-covid-19* (2024); *A morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional* (2018); *A emergência das epidemias de dengue e zika em O Globo* (2017); *A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ebola* (2015).

Conforme mencionado anteriormente, ele estabeleceu múltiplas parcerias, concorreu e ganhou muitos editais, propôs muitas ideias e projetos. Uma inquietude visível para quem dedicou a vida profissional a pesquisar e a ensinar. Um ser humano que esbanjava sempre muita vontade de viver intensamente.

É essencial destacar também suas valiosas ações para contribuir com formação de quadros e por sua incansável vontade de colaborar com os campos da Comunicação e da Comunicação e Saúde. Foram muitos alunos e orientandos ao longo de sua trajetória como professor e pesquisador. Igor ajudou a pensar e construir disciplinas e cursos. Também

contribuiu com a formação de alunos de graduação e atuou na formação de muitos mestres e doutores. Além de ter supervisionado pesquisadores em estágio pós-doutoral. Não são poucos os relatos repletos de afetos destinados ao professor Igor Sacramento.

O afeto e o sorriso largo também são marcas importantes do ser humano Igor Sacramento que precisam ser exaltados. Apaixonado por música, telenovelas, livros e viagens, conseguia se inserir facilmente em rodas de conversas que podiam variar entre os mais diversos temas – dos mais sérios e complexos, aos mais divertidos e leves. Sua gargalhada expansiva ainda ecoa nos ouvidos e corações de quem teve a oportunidade de conviver com ele.

Seu amor intenso por sua mãe, a quem ofereço todo meu respeito, também era tema constante nas trocas com Igor. Ele estava sempre atento ao amor e ao cuidado com mãe. Fazia questão de tê-la sempre por perto. E ela, visivelmente, tinha muito orgulho do filho.

Ainda é muito difícil falar/escrever sobre o Igor. Muito difícil acreditar que não seja possível pegar o telefone a qualquer hora (outra marca importante do Igor – ele sempre respondia rapidamente aos contatos) e trocar mensagens com ele. Igor era presença constante. E creio, será sempre presença na vida daqueles que construíram uma história de afeto e proximidade com ele.

É de notório reconhecimento o quão brilhante professor e pesquisador Igor era (usar o verbo no passado, ainda é muito difícil). Lidar com sua ausência física no cotidiano tem sido muito triste. Mas, quero reforçar que se dói não ter o pesquisador/profissional Igor presente, maior ainda é a dor de não ter o amigo no dia a dia. Há um certo "tormento" no atravessamento desses últimos meses. Sua partida ocorreu de forma muito "devastadora" e inesperada. Ele vivia um momento que ele por tanto tempo desejou: fazer seu pós-doc na França. Por vezes parece um pesadelo do qual torço para acordarmos a qualquer momento. Ao mesmo tempo que me sinto honrada com o convite para compor este livro, me sinto profundamente sensibilizada ao ter que admitir que ele não está mais

fisicamente presente. A dor não desaparece. É como uma ferida aberta. E a saudade só aumenta.

Igor nos deixou ainda muito jovem. Ainda existiam muitos planos e projetos, mas, a vida tem dessas coisas... A gente acha que tem controle sobre o dia seguinte, sobre as próximas horas... quando na verdade é apenas o agora que temos.

Para mim, Igor não era apenas um "brilhante pesquisador/professor". Igor era um amigo. Um amigo "criativo, inquieto, inteligente, autêntico, combativo, divertido, simpático, corajoso, propositivo, empático, alegre e muito solidário... Igor foi resistência e coragem. Sua capacidade produtiva e criativa era inexplicável. Trabalhava muito e ao mesmo tempo conseguia encontrar espaço na agenda para estar com seus afetos, marcando presença em celebrações e encontros. Tinha sempre muito sorriso e um ombro a ofertar. Igor foi presença intensa. Daquelas pessoas que vieram a esta vida para viver com muita vontade essa experiência e para marcar outras vidas!

Foi e seguirá sendo um intelectual muito importante. Ainda que muito jovem, com uma trajetória tão breve, sua produção é extremamente robusta e valiosa. Tenho certeza de que seguirá formando e contribuindo muito para os estudos de Comunicação e para os estudos no campo da Comunicação e Saúde – onde em muito pouco tempo ele se destacou, através não apenas de seus textos, mas através das muitas conexões que estabeleceu com tantos alunos, orientandos e parceiros de pesquisas e ensino. É realmente lamentável que sua passagem por aqui tenha sido tão breve. Que suas obras e suas reflexões sigam inspirando muitas pessoas nas suas produções intelectuais. E, concluo este texto pontuando aqui o que denominei como título deste texto "*Há muito ainda a ser sentido e o sentir nem sempre cabe em palavras*". Ainda não tenho as palavras possíveis, ou corretas, para expressar o que significa e o que sinto com a perda de alguém que sentia e vivia fortemente a vida. Neste momento só me cabe agradecer a oportunidade de ter convivido com Igor Sacramento, por 15 anos, e agradecer por doces lembranças. Perder um amigo é perder uma parte de nós.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Mia Couto é um biólogo, jornalista e escritor moçambicano com mais de 30 livros publicados, ganhador de diversos prêmios literários e autor que Igor Sacramento e eu nutríamos grande admiração. A frase mencionada foi uma das que dediquei ao Igor no início de nossa relação de amizade. Vi Igor iluminando e se encantando muitas vezes com a luz do outro. E vi, muitas vezes, Igor iluminar o outro e se colocar disponível ao outro.

2. "Presente", na língua portuguesa, pode ser usado para fazer analogia as marcações temporais, cronologia (passado-presente-futuro), mas também pode ser algo que se oferece a alguém (um mimo, uma prenda). Com isso quero afirmar que Igor está presente em nossas memórias e foi um presente na vida de muitas pessoas, como foi na minha.

3. Igor e eu tivemos como orientadora, ao longo do nosso processo formativo – desde a graduação, a professora Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ). Em temporalidades diferentes esses encontros entre orientandos e orientadora ocorreram. Há novamente uma bela coincidência em nossas trajetórias – a professora e orientadora citada, se tornou, para nós dois, uma grande incentivadora para que seguíssemos a carreira acadêmica. Ela nos conheceu quando estávamos em nossos primeiros anos de graduação em Comunicação Social (em lugares e tempos distintos) e seguiu/segue sendo uma bússola e inspiração. Igor e eu sempre fazíamos questão de destacar o quanto Ana Paula G. Ribeiro era para nós uma grande referência e foi ela quem imprimiu em nossas vidas acadêmicas o valor do afeto e o cuidado com o outro.

4. CV Lattes de Igor Pinto Sacramento: http://lattes.cnpq.br/1758813567228605. Acesso em 16 out. 2025.

Referências:

CARDOSO, Janine; SACRAMENTO, Igor; BASTOS, Izamara. A emergência das epidemias de dengue e zika em O Globo. In: SACRAMENTO, Igor (org.). Mediações comunicativas da saúde. 1ed.Rio de Janeiro: Multifoco, 2017, v., p. 219-271.

LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor (orgs.). Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014. 269 p.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Televisão e memória: entre testemunhos e confissões. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2020. 164p.

SACRAMENTO, Igor; FALCAO, Huly; MONARI, Ana Carolina. (Des)informação em saúde: na perspectiva das mediações. 1. ed. Rio de Janeiro: MauadX, 2024. 200p.

SACRAMENTO, Igor; FALCAO, Huly; LEIROZ, Flávia; BORGES, Wilson Couto; BASTOS, Izamara. O local como ponto de vista: dinâmicas de trabalho de comunicadores em cenários de desinformação pós-covid-19. Logos (Rio de Janeiro. Online), v. 31, p. 39-58, 2024.

SACRAMENTO, Igor; CIRINO, J. Antônio. A infecção e suas memórias: o testemunho e a exposição do viver com HIV no YouTube. 1.ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. 350p.

SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. Representações midiáticas da saúde. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2020. v. 1. 182p.

SACRAMENTO, Igor; BASTOS, Izamara; NEGRINI, M.. A morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional. REVISTA CONTRACAMPO, p. 126-148, 2018.

SACRAMENTO, Igor. Mediações comunicativas da saúde. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. v. 1. 400p.

SACRAMENTO, Igor; BASTOS, Izamara. A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ebola. Comunicação e Sociedade, v. 28, p. 25-47, 2015.



Fragmentos de Permanência

Vinicius Ferreira

Escrever para lembrar? Não para *me* lembrar, mas para combater a dilaceração
do esquecimento *na medida em que ele se anuncia como absoluto*.
O – em breve – "nenhum rastro", em parte alguma, em ninguém.
Necessidade do "monumento".
Memento illam vixisse (Lembra-te de que ela viveu)
Roland Barthes

A epígrafe que abre este ensaio é um fragmento do diário escrito por Barthes durante o processo de luto pela morte de sua mãe. Retorno ao pensador francês para pensar meu próprio luto e a elaboração deste texto. Tomado pela dor da perda, Barthes mantinha um diário para tornar dizível a tristeza inexprimível e, assim, por meio da escrita e da cultura, tentar tornar a experiência tolerável. Na elaboração da morte, a escrita era também uma forma de manter sua mãe viva. Produzir uma obra sobre ela apresentava-se como um imperativo para que sua memória pudesse superar o esquecimento. Como escreve Barthes (2011, p.190): "que me importa durar para além de mim mesmo [...] já que a memória de mam. não durará mais do que eu e aqueles que a conheceram, e que morrerão por sua vez? Não quero um 'monumento só para mim'".

Guardadas todas as devidas proporções, também me vejo atravessado pelo luto e, em meio à dor vívida da perda, sinto-me convocado a escrever sobre alguém muito querido, cuja presença marcou os últimos dez anos da minha vida. O exercício de escrever sobre Igor tem me ajudado a elaborar a tristeza de sua morte, porque aciona memórias de um cotidiano partilhado que extrapola os últimos meses de dor, ainda presentes na superfície das lembranças. Há, no entanto, uma diferença importante entre os dois lutos e o esforço da escrita para combater o esquecimento: a vida de Henriette Binger, mãe de Barthes, inscreve-se na esfera privada; já a de meu amigo Igor Sacramento, apesar da pouca idade, alcançou projeção nacional e construiu uma vasta obra.

Igor, através dos seus feitos e palavras, tem a sua memória acolhida pela história. Sua atuação como pesquisador permite que ele pleiteie sobreviver ao mundo em que nasceu e às coisas que o cercavam. Sua obra pode significar algo mais permanente do que nós mesmos. Esse livro/homenagem representa, assim, um gesto de permanência: ao revisitarmos sua produção e trajetória, garantimos que ele siga sendo lembrado, mesmo em meio à avalanche informacional do nosso tempo que torna o saber uma mercadoria cada vez mais instantânea.

Sua vida profissional foi marcada pela dedicação à pesquisa e ao ensino, sendo reconhecido desde as etapas iniciais de formação pelo brilhantismo da sua atuação. Por sua primeira participação em congresso, no *Intercom Nacional* de 2006, realizado em Brasília, recebeu o *Prêmio Francisco Morel*, conferido ao melhor trabalho de mestrado. O artigo apresentado, "Coutinho na TV: um cineasta fazendo jornalismo", seria publicado no livro *Ícones da sociedade midiática: da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates* (2007), organizado por José Marques de Melo (UMESP) e Raquel Paiva (UFRJ). Esse foi o primeiro de mais de sessenta capítulos de livro que publicou ao longo da carreira.

O reconhecimento à qualidade de suas pesquisas, que uniam rigor teórico, mergulho nas fontes e análises de profundidade, acompanhou toda a trajetória. Em 2011, ficou em segundo lugar no *Prêmio Freitas*

Nobre, concedido pela Intercom aos melhores trabalhos desenvolvidos no âmbito do doutorado. O texto premiado era o resultado de uma parceria com a pesquisadora Kátia Lerner, que à época coordenava o projeto *Observatório Saúde na Mídia* do Laces/Fiocruz para o qual Igor havia sido contratado em 2010.

Após a conclusão de sua tese, em 2012, Igor receberia mais duas distinções acadêmicas em importantes premiações nacionais: menção honrosa no *Prêmio de Teses da Compós* e, também, menção honrosa no *Prêmio de Teses da Capes* na área de Ciências Sociais Aplicadas. Sua tese seguia no mesmo eixo de pesquisa da dissertação, interessava ao Igor investigar as relações do campo da política com a produção cultural e midiática, especialmente entre intelectuais comunistas. Enquanto sua dissertação analisava os documentários dirigidos por Eduardo Coutinho e por João Batista de Andrade para o *Globo Repórter,* a tese investigava a trajetória artístico-intelectual de Dias Gomes e seu papel de mediador cultural. Não era só a temática que interligava suas pesquisas, elas também eram marcadas por abordagens inovadoras, que punham em diálogo aspectos históricos, discursivos e culturais para compreender a complexidade dos fenômenos comunicacionais e suas articulações com o social.

A docência começou ainda no mestrado, em parceria com a professora Ana Paula Goulart Ribeiro — sua orientadora ao longo de todo o percurso acadêmico e grande parceira intelectual. Juntos, ministraram a disciplina *Laboratório de Televisão* na ECO/UFRJ. Durante o doutorado, Igor seguiu lecionando na graduação, com disciplinas como *Retórica e mídia: estudos ibero-brasileiros* e *Comunicação, Espetáculo VI*. Sua primeira contratação como professor universitário ocorreu em 2011, quando iniciou o seu vínculo com a Universidade Salgado de Oliveira (Universo). Na instituição, ministrou diversas disciplinas para os cursos de Comunicação, Farmácia e Educação Física.

A docência também o aproximou do campo de estudos em Comunicação e Saúde, no qual se consagraria anos depois. Em 2009, a convite da colega de doutorado Janine Cardoso, passou a integrar o corpo docente

da especialização em Comunicação e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vínculo que manteve até ser aprovado no concurso público para compor o quadro de pesquisadores da instituição. Após o doutorado foi selecionado em primeiro lugar no processo seletivo para professor do Departamento de Comunicação Teórica e Aplicada da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

A breve sumarização de alguns destaques de sua trajetória no ensino e na pesquisa, ainda durante o período de formação (entre o mestrado e o doutorado), já revela sua inserção no campo e a relevância de suas contribuições. Existem muitos outros feitos a serem elencados sobre esses primeiros anos de carreira. Talvez alguns números sejam capazes de demonstrar, de forma sintética, a abrangência da sua atuação ainda enquanto estudante do PPGCOM da UFRJ. Foram 20 artigos publicados em revistas, 13 capítulos de livro, 5 livros organizados e um livro autoral. Igor despontava, assim, como uma das grandes promessas de sua geração e tinha apenas trinta anos de idade.

Em nossas conversas, ele compartilhava o peso das expectativas, tanto as externas quanto as internas. Mas isso nunca o paralisou, ao contrário, sua carreira seguiu em ascensão. Em 2014, tomou posse como pesquisador em saúde pública na Fiocruz; em 2017 retornou ao PPGCOM/UFRJ, onde tinha se formado, como professor permanente, e também se credenciou no PPGICS – Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz. Em apenas oito anos de docência na Pós-Graduação stricto sensu, orientou dezessete dissertações e oito teses. Como orientador, Igor era um mestre amigo: tornava a academia mais leve, com afeto e acolhimento. O rigor com que orientava as pesquisas era atravessado pelo zelo, pelo incentivo e pelo desejo constante de ver todos ao seu redor crescerem.

São inúmeras as frentes de atuação, os projetos e as publicações que se seguiram ao doutorado. Uma trajetória reconhecida por meio de diversos financiamentos e distinções como a Bolsa de Produtividade do CNPq e a de Jovem Cientista do Nosso Estado, da Faperj. Coloco-me, então,

diante de um desafio: como, em um texto breve, dar conta de tudo o que ele realizou? Como escolher o que destacar em uma trajetória marcada por uma presença tão vigorosa no ensino, na pesquisa, na gestão e na atuação em revistas e entidades científicas?

Ao revisitar sua produção, encontro, entre seus escritos, uma via que apazigua meu incômodo: tudo o que eu possa vir a dizer jamais será capaz de revelar a completude do que Igor foi. E talvez seja justamente aí que reside um dos aprendizados que ele nos deixa: uma biografia não deve pretender recompor a totalidade de um sujeito, mas revelar a diversidade e a fragmentação que constituem o humano (Sacramento, 2014).

Penso, então, por que caminho seguir para concluir este relato imperfeito sobre meu amigo. O que eu ainda teria a dizer, em meio a tantas homenagens[1] que já celebraram sua trajetória desde a partida? Percebo que as suas contribuições intelectuais continuarão a circular, devidamente registradas, mas o seu lado pessoal, o que vivemos juntos, os gestos, as conversas, as risadas não deixarão "nenhum rastro", não durarão mais do que eu e aqueles que o conheceram. Talvez seja justamente isso o que tenho de mais valioso a compartilhar nas últimas páginas dessa homenagem.

Nos últimos meses recebi inúmeros pedidos vindos de amigos, colegas, seus ex-alunos e até mesmo curiosos que tinham interesse em saber o que havia acontecido com Igor. As perguntas, em parte movidas por um certo fascínio provocado pela morte, carregavam sempre uma perplexidade de como alguém tão novo, tão forte e tão enérgico poderia ter partido tão cedo e de forma tão rápida. A cada abordagem, uma linha do tempo se formava em minha mente, repleta de datas, horários, diálogos e sentimentos. Pensar em Igor ainda vem carregado por memórias muito cruas de quem acompanhou de perto todo o processo da sua internação, morte e retorno ao Brasil. Hoje percebo que a força dessas lembranças recentes, por vezes, tornou as memórias da vida um tanto quanto remotas, até mesmo um pouco turvas. Me lembro então de um questionamento propositivo de Denilson Lopes (2023), também amigo de Igor: por que

continuar pensando o passado a partir do trauma e da ferida? Diante da maior dor, do cansaço, do luto e de um certo sentimento de fracasso, escolho, como propõe Denilson, olhar para a alegria, para as festas e para um Igor que dançou até os últimos dias.

O último e os primeiros encontros voltam com força entre minhas lembranças. Essas memórias compartilham alegria, pertencimento e admiração. Em nossa última conversa, por videochamada, Igor estava deitado em sua cama na *Maison de France,* recém-saído da primeira internação em Paris. Havia uma atmosfera de preocupação, mas ela era abafada por risadas, confidências e planos para o futuro, alguns banais, outros intelectuais. Como em quase todas as nossas conversas, passamos por uma grande variedade de assuntos, falamos de *The Last of Us*, que prometemos assistir juntos, mesmo à distância. Ele reforçou o convite para eu participar de uma coletânea sobre biografias comunicacionais que organizava e perguntou por mim, com o cuidado de sempre: queria saber como eu estava lidando com o luto da minha avó, falecida havia pouco tempo.

Igor tinha um sorriso fácil, uma gargalhada que preenchia e contagiava o ambiente. Mesmo diante da adversidade, havia nele um encantamento pela vida e um olhar sempre atento e cuidadoso para com o outro. Esses traços o acompanhavam desde os nossos primeiros encontros, mesmo quando só o observava academicamente com admiração. A primeira vez que o vi foi durante o 9º Encontro Nacional de História da Mídia, o congresso nacional da Alcar realizado em Ouro Preto, em 2013. Igor era o coordenador do GT História do Jornalismo e conduzia as sessões de um modo que eu nunca havia presenciado. Eu era apenas um graduando, apresentando meu trabalho de iniciação científica em outro GT; ele, um recém-doutor que, a cada comunicação, articulava perguntas instigantes e uma profusão de autores. As apresentações aconteciam em um auditório lotado, onde todos ouviam com atenção suas intervenções. Os debates eram intensos e sempre construtivos; cada comentário ou provocação de Igor revelava potências e caminhos possíveis para os trabalhos apresen-

tados. Ao longo do dia, ele manteve o mesmo interesse e generosidade, independentemente da titulação ou da origem dos pesquisadores. Eu permanecia ali, acompanhando as discussões, à espera da apresentação de um amigo da graduação da UFPI. Seu trabalho seria o último do dia. Quando terminou, veio o aviso de que o auditório precisaria ser liberado. Igor, porém, insistiu para que aquele último texto não ficasse sem retorno. Conseguiu, então, improvisar uma pequena sala, onde, mesmo diante do cansaço, conduziu um debate profundo sobre a pesquisa do meu amigo, acerca da relação entre o jornalismo e a ditadura.

Nosso próximo encontro só aconteceria dois anos depois, em 2015. Eu havia ingressado no mestrado em Comunicação da UFRJ e passei a conviver mais de perto com Igor, em uma relação que começou acadêmica e terminou familiar. Daquele primeiro período de convivência, um episódio me marcou profundamente. Em setembro, a UFRJ sediava a edição nacional do congresso da Intercom. A professora Marialva Barbosa, então presidente da entidade, era também a coordenadora local do evento. Eu ajudava na organização quando recebi um pedido que me soava inusitado: organizar uma festa estudantil para o congresso. Era tradição que os alunos da instituição anfitriã promovessem, próximo ao encerramento das atividades, uma confraternização fora do campus. Recém-chegado ao Rio, eu conhecia pouco da cidade, meus percursos se limitavam à UFRJ e aos arredores do meu apartamento na Lapa. Foi então que sugeri o *Buraco da Lacraia*, um espaço cultural LGBT com mais de trinta anos de história. A festa foi um sucesso: casa lotada, open bar, karaokê, DJs e desconto para os congressistas da Intercom. Mas o que realmente me marcou naquela noite foi uma conversa com Igor. Apaixonado por karaokês, ele conhecia o espaço e adorou a escolha. Aproximou-se de mim para parabenizar a iniciativa e disse o quanto considerava simbólico realizar o evento ali. Naquela festa, o submundo da Lapa se misturou com parte da intelectualidade da Comunicação. Igor acreditava exatamente nisso: em uma nova academia, menos sisuda, mais afetiva, mais popular. Durante nossa conversa, ele me revelou algo que selou nossa amizade:

— Você sabe que agora somos irmãos? — disse. *— Ana Paula me orientou no mestrado, no doutorado e no pós-doc, e agora está te orientando. Temos a mesma mãe acadêmica, somos irmãos. Conte comigo sempre.*

Essa irmandade, anunciada em uma madrugada na Lapa, entre gargalhadas e brindes de fato se concretizou. Nos dez anos que se seguiram, nossos laços se estreitaram cada vez mais. Fomos vizinhos em Laranjeiras e depois em Copacabana, partilhando rotinas, confidências e afetos. Passamos a frequentar com naturalidade a casa um do outro, a viajar juntos, a conhecer e nos aproximar das respectivas famílias. Igor assumiu o papel de irmão mais velho, aquele que observa com cuidado os passos do mais novo, oferece conselhos generosos e estende a mão sempre que é preciso. Foram tantas as conversas longas ao telefone, os planos de futuro traçados, os sonhos partilhados, que é difícil pensar em uma etapa da minha vida acadêmica e pessoal em que ele não estivesse, de algum modo, presente.

Hoje, ao ver as inúmeras homenagens dedicadas a Igor, penso sempre o quanto ainda há por dizer sobre ele. Falar de sua produção intelectual e de sua atuação acadêmica, por mais impressionantes que sejam, nunca será suficiente para revelar a dimensão transformadora de sua presença. Porque Igor não se limitava ao espaço das ideias, ele também foi excepcional no âmbito pessoal, transformando vidas com sua generosidade, humor e uma escuta sempre atenta. Pensar em sua ausência ainda me parece irreal, talvez porque ele siga tão presente no meu cotidiano, nas conversas, nas lembranças e nas relações que ajudou a tecer. Durante as homenagens, há sempre um instante em que as lágrimas insistem em vir: é quando escuto sua voz em algum vídeo. O grão da voz, como diria Barthes (2015; 2004), me devolve a materialidade do seu corpo e a lembrança da sua forma singular de habitar o mundo. É justamente a consciência da ausência dessa materialidade, desse corpo, desse timbre, dessa presença que ocupava o espaço com tanta vida, que faz do luto um estado tão doloroso. Porque, de outras maneiras, Igor segue comigo, com aqueles que também conviveram com ele e com os que ainda o conhecerão através dos seus textos.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. As homenagens a Igor começaram ainda em maio de 2025. A primeira ocorreu no dia 14, durante o XVII Historicidades, realizado na UFF, em Niterói. Poucos dias depois, em 28 de maio, a Fiocruz promoveu uma solenidade em sua memória, organizada pela presidência da instituição. No dia 10 de junho, a trajetória de Igor foi novamente celebrada, desta vez na abertura do 34º Encontro Anual da Compós, realizado na UFPR, em Curitiba. Ainda naquele mês, a Revista Mídia e Cotidiano publicou uma homenagem especial. Em julho, foi criado o Prêmio Igor Sacramento, destinado a reconhecer os melhores trabalhos sobre desinformação e saúde na comunicação. Nesse mesmo período, a Reciis, revista da qual Igor era editor, lançou um editorial dedicado à sua trajetória e às suas contribuições ao campo da comunicação e saúde. Na primeira semana de agosto, as homenagens se multiplicaram: a 7ª Jornada Discente do PPGICS foi inteiramente dedicada a refletir sobre suas memórias e legados. No dia 22 de agosto, o PPGCOM da UFRJ organizou uma manhã de falas em sua homenagem, e, poucos dias depois, em 27, a Alcar, durante seu congresso nacional realizado na UFOP, instituiu o Prêmio Igor Sacramento, voltado a reconhecer pesquisas de destaque de mestrado e doutorado. Em setembro, mais duas homenagens se somaram: a primeira, no dia 16, durante o I Congresso Internacional de Enfrentamento à Fome e à Desinformação; e a segunda, no dia 24, durante o II Encontro Internacional Mídia e Dimensões do Tempo, realizado na UFPI.

Referências

BARTHES, Roland. Da fala à escrita In: O grão da voz. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.1-7.

BARTHES, Roland. *Diário de luto*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LOPES, Denilson. Por uma Genealogia das Festas de Fim do Mundo. *Significação-Revista de Cultura Audiovisual,* v. 1, p. 1-19, 2023.

SACRAMENTO, Igor. Coutinho na TV: um cineasta de esquerda fazendo jornalismo. In: MELO, José Marques de; PAIVA, Raquel. (Org.). *Ícones da sociedade midiática*: da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 129-148.

SACRAMENTO, Igor. The biography through a communicational perspective. *Matrizes* (Online), v. 8, p. 153-173, 2014.



Um pensamento inquieto que construía passagens

Rachel Bertol

Eram muitas as frentes coincidentes de atuação que eu tinha com Igor Sacramento. Neste artigo, vou falar um pouco do que aprendi nessa convivência e sobre os significados desses aprendizados que, no meu entender, podem contribuir para a pesquisa e o conhecimento. Para começar, como fio condutor, eu trago minha lembrança de sua breve fala no encerramento do encontro Sudeste de 2024 da Associação Brasileira de História da Mídia (Alcar), entidade da qual ele era vice-presidente, na gestão 2023-27. Eu também integro a diretoria da Alcar nessa gestão, como representante da Seção Sudeste, e o encontro de 2024 dessa regional foi realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para saudar as atividades que lá haviam sido realizadas, Igor destacou a importância de estarmos, naquele evento, dedicando tempo ao estudo da História das mídias e dos processos comunicacionais, ao lembrar que na área da Comunicação, em geral, costumamos ser afetados por um exacerbado presentismo.

E aqui quero destacar, como ponto de partida, que é importante distinguirmos a noção de presentismo em relação às nossas preocupações em relação ao presente. O "presentismo" seria uma espécie de mirada sobre o presente que se esgota em si mesmo, sem profundidade ou densidade temporal, nem a devida contextualização histórica. A crítica ao presentismo é um preceito caro ao grupo de pesquisa Memento, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado pela Profa. Ana Paula Goulart Ribeiro. Foi no Memento, do qual faço parte até hoje, que conheci Igor, na época de meu Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da UFRJ, concluído em 2016 sob orientação de Ana Paula. Tivemos a mesma orientadora de Doutorado e compartilhamos muitos preceitos sobre os estudos comunicacionais, um deles justamente este, de crítica ao presentismo (ver Barbosa; Ribeiro, 2011).

Ainda assim, é preciso admitir que há demandas no presente que muitas vezes quase nos "atropelam" nos estudos comunicacionais, em parte porque lidamos de fato com questões prementes da sociedade relacionadas às mídias e a seu impacto social. Por exemplo, hoje estamos vivenciando uma forte preocupação em relação à chamada "inteligência artificial". Há um pavor difuso, um medo generalizado, e não sem razão. E a Comunicação é chamada, convocada a lidar com essas questões, que se relacionam também aos circuitos de desinformação hoje em curso. Como poderíamos, enquanto pesquisadores dos processos comunicacionais e das mídias, nos furtar a enfrentar a perplexidade social que se coloca com os circuitos desinformativos, com as chamadas *fake news*, com o negacionismo que ganha vulto pelas mídias de rede social, com a propagação de discursos de ódio eivados de preconceitos e radicalismos que beiram até mesmo o fascismo? Esses extremos levaram, nos últimos anos, à emergência de muitos movimentos em prol da integridade da informação, caso da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), criada por Ana Regina Rêgo, professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e na qual Igor e eu tivemos atuação.

Entretanto, é preciso deixar claro: Igor compreendia muito bem que havia desafios urgentes do presente, e ele nunca se eximiu de suas responsabilidades, pagando inclusive um preço pelo sacrifício que realizava por sua devoção e dedicação a causas que considerava importantes (falo em "sacrifício" porque diante de tantas demandas de trabalho, precisamos sacrificar tempo inclusive de ordem pessoal para dar conta de todas as atividades). Coerente com o que acreditava, buscou trilhar um caminho que não era nada simples e, bem ao contrário, extremamente desafiador e complexo, de equilibrar, em sua trajetória de pesquisa, diferentes interesses, de ordem histórica e contemporânea. Afinal, a Comunicação lida com problemas comunicacionais atuais e que, hoje em dia, ganham uma dimensão central na medida em que as mídias de rede social encontram-se no cerne dos debates sobre a viabilidade democrática das nossas sociedades. Estudar a Comunicação - seja em relação ao presente e/ou ao passado - é começar a compreender o que se coloca em jogo no debate público, nas vozes hegemônicas e não hegemônicas na sociedade, em como se partilham os poderes que constituem, por exemplo, os regimes de verdade.

Ora, vivemos ainda sob o impacto de uma pandemia, que muitos de nós agora preferem esquecer, mas que foi uma experiência peculiar no mundo todo, que nos fez todos encarar o que, em 2020, chamamos de "novo normal" e que escancarou, por exemplo, como a presença da desinformação na sociedade pode adquirir magnitude alarmante. Pudemos ver como a falta de informação e, pior ainda, a informação incorreta e falsa pode contribuir de forma decisiva para que se aumente significativamente o número de pessoas que deixam de acreditar nas vacinas, por exemplo. Assim, coloca-se hoje como desafio constante para os pesquisadores lidar com esses contextos adversos e talvez por isso esteja crescendo a compreensão em torno do conceito de "integridade da informação", como base para um trabalho constante, que não apenas responda às situações de demandas urgentes na sociedade, para "apagar os incêndios", como

foi preciso na pandemia, mas que possa ser propositivo de outros modos comunicacionais, não destrutivos e não devastadores.

Como eu destaquei acima, Igor compreendia muito bem a necessidade desse sentido da pesquisa, não de "cair na moda", não se trata disso, mas de entender que há questões sociais que se colocam e com as quais o pesquisador - por questões circunstanciais e conjunturais de sua trajetória - precisa lidar. Entre essas circunstâncias, encontra-se o lugar institucional ocupado pelo pesquisador. Assim, como trabalhador da Fiocruz na área de Comunicação e Saúde, ele se preocupava em conhecer os motivos do negacionismo em relação às vacinas e buscava soluções para isso, em projetos de vulto nas políticas públicas no país, para elevar a consciência dos agentes envolvidos em processos de saúde. Seus projetos estavam em curso e ainda podem dar muitos frutos sob a continuidade, agora, daqueles com quem ele trabalhou e reuniu em suas redes, que não eram poucas.

Pesquisar a história da mídia, no entanto, o levava a pensar questões históricas na Comunicação, com aportes sobre a historiografia das mídias. Essa vertente vem de sua pesquisa sobre história da televisão, derivada de sua tese sobre Dias Gomes, em que ele realizou o que denominou ser uma "biografia comunicacional" a respeito do autor (ver Sacramento, 2014 e 2015). A história da cultura brasileira no período da ditadura e a preocupação com as trajetórias biográficas, não apenas de figuras públicas, mas de todos nós, eram questões que o preocupavam enquanto pesquisador. Eram questões que ele também desenvolvia em suas pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do qual também integrava o corpo permanente de docentes.

Assim, foi de fato uma trajetória de muitas faces, mas todas, de alguma forma, se interpenetravam. Por exemplo, Igor se indagava sobre o adoecimento e sua relação com a espetacularização gerada pelas mídias, com os narcisismos contemporâneos, com as relações entre memória, mídia e trauma, por exemplo. Como já destaquei, ele lidava com questões da

atualidade, contemporâneas, urgentes, de política pública, mas tendo esse pressuposto de crítica ao presentismo, que vinha dessa base de pesquisa histórica comunicacional, ou seja, ampliando e complexificando as possibilidades de lidar com as realidades que pesquisava.

Existem muitas pesquisas que, para falar do contemporâneo, precisam abordar aspectos históricos - e isso é muito comum -, mas em geral não há uma investigação, um questionamento fundamentado, sobre como realizar essa investigação histórica. Muitas vezes nem mesmo há consciência de que se trata, de alguma forma, de um estudo histórico sobre as mídias ali em curso. Igor certamente trazia essa contribuição com suas preocupações sobre historiografia.

Foi com essas preocupações que ele atuou na Rede de Historicidade dos Processos Comunicacionais, entre 2015 e 2025, que contava com dois encontros anuais em diferentes cidades do país, sempre com apoio institucional de agências de fomento (CNPq, Capes e agências estaduais, entre outras, variando de acordo com as circunstâncias). Nos dias maio 14, 15 e 16 de maio de 2025, eu organizei na Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio da Faperj, o XVII Historicidades dos Processos Comunicacionais. Igor encontrava-se em Paris, por conta de seu pós-doutorado, mas estimulou orientandos e colegas de seus grupos de pesquisa a enviar trabalhos. Faltando poucos dias para o evento, em 21 de abril, ele morreu na capital francesa devido a complicações causadas pela meningite. Abrimos o Historicidades na UFF, como não poderia deixar de ser, com uma homenagem à sua pessoa. Foi uma homenagem carregada de simbolismo e emoção, inclusive por ter acontecido no mesmo dia em que ele foi cremado na França. Tão jovem e alegre, sempre trazendo questões centrais para os debates na Rede, foi possível constatar que todas as publicações do Historicidades até então contavam com artigos seus, escritos em colaboração com colegas de outros grupos de pesquisa.

Além de ter sido um dos fundadores da Rede Historicidades, ele foi militante extremamente participativo de seus debates. Nesse grupo, costumávamos abordar o contemporâneo, tendo como mote questões comuns

partilhadas pelo grupo, como a noção de catástrofe, a relação das espacialidades com a das historicidades nas mídias, os aspectos conceituais das temporalidades nos processos comunicacionais, ou seja, muitas vezes trazendo questionamentos sobre o que compreendemos como tempo histórico e as relações entre presente, passado e futuro. E tudo isso sem deixar de observar como esses processos encontravam-se no cerne de muitas questões de disputas de poder na atualidade.

Eu também não posso deixar de destacar que Igor tinha consciência do papel que desempenhava, em termos de representatividade, para muitos jovens pesquisadores. Assim, questões de luta antirracismo e contra os preconceitos de gênero, especialmente contra a homofobia, que o preocupavam pessoalmente, também eram integradas à sua pesquisa, mas sempre com uma busca de consistência teórica muito forte. Novamente, são questões de nossa atualidade, que nos interpelam a todos, mas que Igor buscava tratar observando as sutilezas em curso, um papel realmente transformador que pudesse ir muito além da textura muitas vezes esvaziada das mídias quando aborda esses assuntos. Além de pesquisador, ele atuava politicamente na área da Comunicação, em muitas frentes, ciente do papel de representatividade que desempenhava e de sua pioneira nesse sentido. É preciso ainda lembrar sua enorme capacidade de escrever e produzir pesquisas de forma coletiva. Além dos artigos acadêmicos, ele deixou muitos livros em coautoria, como com Ana Paula Goulart Ribeiro (2020), Ana Paula e Marco Roxo (2010), Wilson Couto Borges (2020), Leticia Cantarela Matheus (2014), Chiarioni (2023) - cito estes por estarem entre os que mais consulto de sua obra. De fato, Igor Sacramento, apesar de tão jovem, nos deixou uma obra!

É nesse ponto que eu vejo como era de fato grande a proposição do Igor, e eu me identifico com muitas frentes de sua pesquisa, como uma inspiração. Além de estar com ele na militância pela história da mídia e a historicidades nos processos comunicacionais, eu também atuo em programas de combate à desinformação. Eu vejo que muitas vezes é sim difícil conciliar muitos interesses: talvez seja impossível? Eu diria que esta

foi uma das utopias de trabalho do Igor Sacramento, de estar presente em frentes variadas, equilibrando interesses particulares com as demandas sociais, e vendo como as diferentes pesquisas, reunidas, tornavam o caldo todo muito denso, com uma riqueza e uma seriedade que nem sempre encontramos nas pesquisas da área. Não é fácil realizar essas passagens, mas eram elas, justamente, que faziam do Igor Sacramento esse pesquisador especial, que lembramos e homenageamos, de forma muito justa e importante.

Encerro este artigo com a nota de uma lembrança muito pessoal. Num momento muito importante para mim, quando eu recebia muitos amigos para uma celebração, ele viu como eu fiquei feliz de vê-lo presente para festejar comigo e comentou: "Eu nunca deixaria de ter vindo". Não me esqueço desse carinho. Ah, Igor, de fato: você nunca poderia ter deixado de ter vindo! Sua passagem rápida nesta vida foi um acontecimento para todos nós que o conhecemos. Uma pessoa muito atenta a tudo, um amigo que nos dava a mão. A memória que tenho de você será sempre alegre, forte e generosa, espelhando a sua pessoa. Muito obrigada!

Referências

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.) *Comunicação e história:* partilhas teóricas. Florianópolis: Insular, 2011.

CHIARIONI, Bruno; SACRAMENTO, Igor. *O repórter na TV*: Uma história dos programas de grande reportagem no Brasil. Pimenta Cultural, 2023.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. *Televisão e Memória:* entre Testemunhos e Confissões. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (orgs.*). História da televisão no Brasil:* do início aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Contexto, 2010.

SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. *MATRIZes,* São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. 153–173, 2014.

SACRAMENTO, Igor. *Dias Gomes*: um intelectual comunista nas tramas comunicacionais. Pedro e João Editores, 2015.

SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. *Representações midiáticas da saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Leticia Cantarela (orgs.). *História da Comunicação*: Experiências e Perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.



Pequenas histórias

Bruno Souza Leal

Antes da possibilidade de escrever este texto sobre o Igor, em mais de um momento em que se honrava sua trajetória e memória eu afirmei que teria dificuldades em saber por onde começar a construir um fio narrativo sobre nossas conversas e histórias. Eu e Igor nunca moramos na mesma cidade. Nossos encontros, que variavam de frequência e intensidade ano a ano, se deram em diferentes lugares, ao sabor de eventos acadêmicos e de atividades em comum. A criação e a regularidade dos seminários da Rede Historicidades dos Processos Comunicacionais, nesse sentido, foi um marco nas nossas conversas, que passaram a acontecer ao menos duas vezes ao ano. Sou pouco afeito a redes sociais e conversas mediadas por recursos digitais – ao contrário do que era o Igor – e nossas trocas afetivas e intelectuais dependiam então desse estar junto presencialmente e, de modo mais raro, de algumas mensagens de correio eletrônico e de telefonemas. Agora, ao me deparar com o desafio da escrita, escolho então não construir uma narrativa articulada e inteiriça. Prefiro respei-

tar nossa história e os modos como ela se desenvolveu. Trarei a seguir então pequenos fragmentos não lineares, momentos episódicos, com hiatos e lacunas, mas construídos com o afeto, o respeito, a gratidão e a admiração que caracterizaram nossas trocas. Esses pequenos fragmentos falarão do Igor intelectual, do pesquisador, cujo amadurecimento eu fui testemunha, em certa medida privilegiada. Falarão também de um outro Igor, divertido, baladeiro, que gostava da noite e da alegria que ela abriga. Unem esses dias e essas noites uma característica inegável do Igor: um intenso amor à vida, na academia e fora dela.

***

Me lembro de quando recebi a notícia da morte do Igor. Estava em um dos meus botecos favoritos de BH, em um domingo, almoçando com um grande amigo. Foi ele que atendeu o telefone, arregalou os olhos, desligou e disse: "O Igor Sacramento morreu!". Não acreditamos na hora. A notícia nos pareceu muito improvável, dada a juventude e o vigor intelectual que caracterizavam Igor. Temi que a notícia fosse verdadeira e resisti a ligar para Ana Paula, que havia nos apresentado anos atrás. Mesmo preocupado com Ana Paula, temia que ela confirmasse a história. Preferi checar com a Juliana Gutmann, outra amiga em comum, que me confirmou, chorando, a veracidade do que eu achava até o momento que era *fake news*. A notícia azedou o dia. Fiquei desorientado, atordoado, como se a ordem natural das coisas houvesse se rompido, como quando um tsunami não previsto leva sua casa enquanto está no supermercado comprando ingredientes para o almoço de domingo. Só consegui – tive coragem - ligar para Ana Paula à noite. Na minha memória, essa tarde de domingo tem a imagem do muro da antiga fábrica de tecidos em frente ao boteco que estava: árida, dura, bruta e impedindo a manifestação de um horizonte.

***

Alguns dos momentos mais alegres que vivi com o Igor foram no Rio, na Lapa. Não me lembro o que me levava ao Rio, mas o fato é que fomos ao então existente e infame Buraco da Lacraia. Estivemos lá, eu e Igor juntos, mais de uma vez, mas não consigo hoje mais separar esses momentos. Todos eles se fundem, como se fossem um só. As lembranças são contraditórias. Um Igor jovem, recém doutorado e em início da carreira acadêmica se joga na pista e brinca, com os amigos, sobre a convivência com alguns dos grandes nomes da área da Comunicação da época. Esse é, ao meu olhar, quase o irmão mais novo de outro, que também está no Buraco da Lacraia, mas já é mais escolado e mais inteiro em meio aos desafios que as relações acadêmicas impõem. Esse Igor mais sensato é, porém, ainda jovem diante do pesquisador da Fiocruz, capaz de atuar na coordenação de dois programas de pós-graduação simultaneamente, de liderar equipes e de conduzir com segurança diferentes projetos. O "Igor novo", que exorciza as toxicidades de algumas companhias, me causava admiração pela ginga e pela inteligência com que lidava com as situações, ao mesmo tempo que me fazia saborear seu deleite pela noite e pela festa que estava ao nosso redor. O "Igor do meio" me surpreendeu pelo aprendizado rápido e me preocupava levemente, considerando que sua sensatez já abrigava decepções e alguns desencantos. Essa preocupação frequentemente se dissipava, pois me parecia que a ginga e a inteligência continuavam fortes nele e serviam de anteparo a essas tristezas. Já o "Igor professor" (na ausência de expressão melhor) me parecia que colhia alguns dos frutos que havia plantado com tanto trabalho e ainda conseguia espaço e tempo para o prazer e a alegria. Provavelmente, eu não estive com todos esses Igor no Buraco da Lacraia, mas esse dado factual é irrelevante, pois o que fixa essa lembrança é a sua entrega admirável à festa, em meio à construção de uma trajetória intelectual consistente. Esse Igor, farrista, me acompanha sempre, aparece para mim toda vez que, em meio a qualquer atividade acadêmica, vislumbro o despudor com que se pode saborear a vida.

***

O Igor mais jovem tinha dificuldade de fala. Às vezes, parecia que a mandíbula travava, doía, quando ele ia articular uma frase e desenvolver um pensamento. Ele insistia e esses momentos hesitantes não duravam muito tempo. Mais tarde, um Igor mais maduro já não tinha essa dificuldade. Segundo ele, a terapia havia ajudado a superar a timidez e a dar vazão à agilidade do seu pensamento. Nos últimos anos de nossa convivência, já não havia traços dessa hesitação: um pesquisador cada vez mais seguro se afirmava diante de mim e para seus interlocutores

***

Igor era uma pessoa sociável. Eu me impressionava com a facilidade com ele lidava com relações pessoais e institucionais diversas. Tinha às vezes a impressão de que ele como que navegava em meio e com elas. Para mim, o elemento sensual, erótico, de amor à vida, corria sempre ao seu auxílio: Igor gostava das pessoas, gostava dos encontros. Em algum momento em 201... fomos juntos, eu, ele, Fred Tavares e outros colegas, a um evento acadêmico em Cartagena, na Colômbia. Como era um congresso grande, frequentemente nos encontrávamos com conhecidos e o grupo se alterava nos almoços, jantares e horas felizes. Lá na Colômbia, presenciei em mais de um momento jovens doutores e pós-graduandos do Rio recorrendo a Igor em busca de conselhos e referências. Ali, eu vi se manifestar seu perfil de liderança, que me pareceu nada impositivo ou conquistado à força, pois se apresentava em decorrência de suas posturas e de sua abertura às pessoas. Essa liderança ganhou corpo na Fiocruz e Igor, ao longo de sua trajetória, se firmava como uma referência nacional, do ponto de vista político e institucional, para a área de Comunicação.

***

Em um dos vários encontros da Rede Historicidades dos Processos Comunicacionais, debatia-se muito a noção de encruzilhada, que era

chamada frequentemente nos debates e em algumas das apresentações. Igor, em um dado momento, pediu a fala na plateia e lembrou: é preciso respeitar o conceito em sua localização epistêmica, guardando sua força e evitando que ele se diluísse em derivações imprecisas. "Encruzilhada" é, como conceito, vinculado a um pensamento afrodiaspórico e Igor, como homem negro e gay, tinha consciência das lutas acadêmicas das quais participava. A observação da precisão no uso do termo foi ao mesmo tempo a manifestação nítida de rigor acadêmico e de consciência político-social. Essa fala do Igor foi feita com firmeza e sem agressividade. Quando Igor falou, assenti: fala necessária, posição intelectual correta e consistente, atitude admirável.

***

Igor e eu escrevemos um único artigo juntos, apesar das várias ideias que surgiam nas nossas conversas. O artigo é sobre a noção de tradição, abordada no diálogo entre os pensamentos de Paul Ricoeur e de Raymond Williams. Escrita fácil, leve, sem nenhum atropelo. No processo de construção do artigo, enviei a ele um fragmento, centrado nas ideias de Ricoeur. Semanas depois, ele me envia o texto com o acréscimo da revisão crítica do pensamento de Williams. Sabia que, naquele momento, o Igor estava às voltas com "trocentas" coisas e me preparei para receber um esboço incompleto. Ledo engano. Vi-me diante de uma reflexão madura, muito bem fundamentada e que ia nos pontos chave da discussão. "Como ele deu conta de fazer isso?", me perguntei. Nesse momento e em vários outros, Igor me pareceu incansável. Como trabalhava! Era mesmo impressionante o quanto, mesmo premido por tarefas e demandas múltiplas, ele conseguia dar conta do recado e ainda de modo preciso e consistente.

***

Das últimas vezes que nos vimos, fiquei preocupado com o Igor. Ele me parecia um pouco abatido, sem aquele brilho nos olhos que lhe era tão característico. Cheguei a perguntar a ele e a pessoas que nos eram próximas se estava tudo bem. A resposta foi a mesma: era cansaço, em função das várias demandas. Queria que ele se sentisse bem, que ficasse bem. Sentia falta da sua verve, do sorriso largo e de uma disponibilidade ímpar. Continuo sentindo.

***

Adorava, ou melhor, a-do-ra-va a bichice do Igor, o modo como ele se vivia gay e se fazia queer quando queria. Havia nele uma sensualidade à vontade, distendida e divertida. A bicha que mora em mim agradece todos os momentos em que esteve ao lado da que morava nele. Sabíamos que nosso existir, na Universidade, implicava um desafio a mais, um desfazer de resistências e fronteiras invisíveis, para além daquelas que tínhamos em outros espaços. Reconhecer esse cenário não constituía um lugar de dor, a meu ver. De indignação, sim, às vezes. De criatividade e ginga, sim, sempre. De responder com alegria, afeto e acolhida, sim, necessariamente. De produzir companheirismos, trocas, partilhas, sem dúvida. A construção de uma trajetória pessoal e acadêmica como a do Igor foi feita com grande esforço, com dor, com decepções. Não podemos em nenhum momento desconsiderar isso. Porém, Igor me parecia afirmar o tempo todo que ela podia ser vivida com encontros, com prazer, com dedicação, com volúpia, com alegria, com sabor. É isso que, afinal, importa e que guia a vida boa. Como já disse antes, mais de uma vez em que estou em meio aos ires e vires da Universidade, especialmente quando me vejo à beira do cansaço, do aborrecimento e do tédio, me vem a imagem do Igor desopilando toxicidades, lavando a alma, topando mais uma atividade, se divertindo, se jogando, gingando. Levo sempre essa imagem comigo, não com pesar, mas como alento e signo de amor à vida e ao que ela tem de sabor.



O Tempo, a amizade e as parcerias

Ana Regina Rêgo

> *"São três os tempos, portanto: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. Esses três tipos de tempo existem de algum modo na alma e não os vejo em outro lugar: o presente do passado é a memória, o presente do presente é a atenção, e o presente do futuro é a expectativa."*
>
> (Agostinho, Confissões, 1999, p. 266)

É em meio a tríplice tensão temporal que escrevo este texto: na espessura do presente do passado, em que habita a memória viva do amigo e parceiro de projetos, eventos e viagens, Igor Sacramento; na intensidade do presente do presente, onde sua ausência física se impõe como silêncio, mas também como interrogação; e no horizonte do presente do futuro, onde seu legado se projeta como tarefa — inacabada, incansável, infinita.

Escrever sobre e para Igor Sacramento é, nesse sentido, um exercício de tempo múltiplo. É lembrar, com amor e rigor, os gestos, as ideias, os projetos, os encontros. É reconhecer, com dor e admiração, o vazio que sua partida abriu em nossas redes e em nossas práticas. Mas é, sobretudo, afirmar, com esperança, que há algo que permanece: um pensamento que nos precede, nos atravessa e nos convoca.

Este texto, então, é um presente — no duplo sentido: um oferecimento e um tempo. Um presente que busca preservar a intensidade de uma convivência intelectual e afetiva que não se perdeu com a morte. Porque,

como o próprio Agostinho compreendeu, o tempo verdadeiro não se mede apenas com os relógios. Mede-se com o amor e amizade.

"Sabe-se que o tempo não seria tempo, se não passasse."
(Agostinho, Confissões, p. 260)

Paris, 21 de abril de 2025. A cidade se cobriu de um silêncio que, mesmo em meio ao burburinho habitual do metrô e das margens do Sena, pareceu subitamente denso, irreversível. Era uma manhã como outra qualquer, e, no entanto, não foi uma manhã comum, nem para os amigos que ali estavam, nem para os que como eu, estavam distantes. A notícia da partida de Igor Sacramento chegou até a mim, somente à noite, como um sussurro cortante — desses que silenciam tudo ao redor. Naquela noite eu ainda estava em Sevilla concluindo um período de Pós-Doutorado. Naquela noite sevillana, o tempo se dobrou. O tempo da amizade, o tempo da escuta, o tempo dos projetos comuns, tudo se recolheu, por um instante, à interioridade dos que o amavam. Mas não cessou, visto que foram muitas as sementes plantadas por Igor Sacramento.

Relembro, então, o começo de fevereiro deste mesmo ano — apenas dois meses antes — quando estivemos juntos pela última vez, presencialmente, também em Paris. Foram quatro dias intensos e alegres, compartilhados com Marialva Barbosa, Concha Langa e Américo Vermelho. Dias de riso, de trocas, de planos. Naquele encontro, fizemos uma pequena celebração, um lançamento íntimo, do meu novo livro *A Seta do Tempo*, em um *petit comité,* onde o gesto editorial se misturava ao gesto de afeto. Foi ali, entre taças levantadas, que testemunhamos mais uma vez o brilho generoso do pensamento de Igor — tão atento às sutilezas do tempo, da saúde, da linguagem, da história.

Foi a última vez que o vi presencialmente, depois desse encontro, muitas reuniões se seguiram virtualmente até a última que aconteceu

poucos dias antes de sua morte, em 15 de abril, em pleno início da semana santa. Mas não foi, de modo algum, o fim da sua presença. A voz de Igor segue ressoando. Está nos textos que lemos e relemos, nos vídeos de seminários onde sua fala é sempre clara e firme, nas anotações das nossas reuniões de projeto, nos corredores das instituições por onde passou e nos silêncios comovidos dos que hoje continuam seu legado. Há algo de radicalmente vivo na sua escrita. Ela pulsa, tensiona, interroga, acolhe — como ele fazia em cada debate, cada aula, cada grupo. Igor permanece nos interstícios: entre uma hipótese e uma lembrança, entre um arquivo e uma conversa informal, entre uma pergunta de pesquisa e uma emoção inesperada.

Sim, a dor é funda. A ausência física tem peso, eco, vazio. Mas também há uma outra dimensão, a do compromisso com a continuidade. Continuar não é substituir; é prolongar. É saber que a obra de Igor Sacramento— crítica, lúcida, insurgente — não se encerra em sua morte, porque está enraizada em nós, seus parceiros e parceiras de sonho, de pesquisa, de luta. Continuar é fazer com que sua ética da escuta, sua precisão conceitual, sua sensibilidade para com as injustiças siga moldando nossos caminhos. Ele confiava na inteligência coletiva, e agora é a coletividade que se encarrega de preservar e expandir o que ele semeou.

"O passado, que já não é, e o futuro, que ainda não é,
só podem existir na alma, que os realiza com um certo mistério."
(Agostinho, Confissões, p. 264)

Nos conhecemos nos encontros da ALCAR1, por volta de 2011. Os eventos de história da comunicação sempre tiveram uma atmosfera de troca mais densa, menos protocolar, como territórios de descoberta, convocação de afetos e lugar de muitas trocas positivas. E foi ali que, em meio aos debates sobre memória, testemunho, história e narrativas, que

o nome de Igor Sacramento me chamou atenção. Jovem, recém-chegado à cena da pesquisa, e já irremediavelmente inquieto. Eu, de uma geração anterior, já carregando meus próprios mapas e estranhamentos, encontrei nele um pesquisador em formação, mas com grande independência. Em comum, tínhamos a inquietação com as injustiças sociais e acadêmicas.

A diferença de idade nunca nos separou. Pelo contrário, ela se dissolvia na densidade das perguntas que nos moviam. Igor vinha com um frescor de formulação e um rigor conceitual impressionantes, e ao mesmo tempo, com uma escuta rara, uma espécie de generosidade epistemológica que acolhia e potencializava o outro. Nossas conversas rapidamente ultrapassaram os corredores dos eventos, os GTs e as sessões temáticas. Começaram a tomar o formato de trocas e colaborações futuras, e, sobretudo, de uma espécie de escolha mútua: íamos trabalhar juntos. Estava decidido. Mas mais que isso: havia ali uma aliança que não era meramente institucional. Era também existencial. Em Madrid em julho de 2019, no evento do IAMCR, conversamos muito sobre pesquisas em parcerias e possibilidades de realizarmos pós-doutorado conjuntamente. O que de fato veio a se realizar posteriormente.

Unia-nos o desejo comum de pensar a historicidade dos processos comunicacionais a partir da rede de grupos que discutia essa temática, mas não somente como recorte metodológico, mas também como um gesto político. A memória, para ambos, não era arquivo morto. Era campo de disputa. E a saúde — esse campo supostamente técnico, clínico, asséptico — aparecia para nós como território profundamente simbólico, afetivo, político, cultural. Era ali que nossos projetos começavam a se entrelaçar: na compreensão de que saúde pública, vulnerabilidade social e cultura midiática não podiam mais ser pensadas em compartimentos estanques. A comunicação não era apenas um meio, mas um operador de mundo. Nesse ínterim, investigar os meandros da desinformação em saúde, foi um caminho que surgiu para nós, naturalmente, após a pandemia da Covid-19.

Foi nesse cruzamento entre os nossos diversos interesses que as conversas viraram projetos. O que nasceu como afinidade e desafio intelectual cresceu como uma parceria, onde a confiança era elemento de base. Podíamos divergir metodologicamente, problematizar conceitos, mas havia sempre um eixo comum: o compromisso com uma pesquisa situada, crítica, plural. Igor era, desde o início, alguém que sabia que a produção de conhecimento era também produção de vínculos. E isso fez toda a diferença.

"Não se pede: que hora é?, mas: quanto tempo falta?,
pois não se trata de tempo passado, mas futuro."
(Agostinho, Confissões, p. 267)

Entre 2015 e 2024, a Rede de Pesquisadores em Historicidades dos Processos Comunicacionais foi não apenas uma estrutura acadêmica, mas uma casa comum. Uma casa onde as ideias circulavam como afetos e onde os afetos não eram vistos como ruído, mas como forma legítima de produzir conhecimento. Foi nesse espaço compartilhado que nossas inquietações encontraram uma espécie de chão fértil e coletivo. A cada evento da Rede de Historicidades, a cada seminário, cada mesa, cada diálogo entre pares, Igor reafirmava sua presença com a precisão do pensamento e a leveza da escuta. Ele não entrava em cena para brilhar sozinho, mas para fazer com que os outros brilhassem também. Sua inteligência era inseparável da generosidade.

Dois momentos, em particular, ficaram gravados com nitidez na memória afetiva desses encontros: sua vinda ao Piauí em setembro de 2016 e, depois, seu retorno em 2023 para o I Encontro Internacional "Mídia e Dimensões do Tempo". Em ambas as ocasiões, Igor não foi apenas o conferencista, o pesquisador, o articulador. Ele foi o amigo, o parceiro de travessias — tanto metodológicas quanto geográficas. No Piauí, ele

acolhia os modos de vida locais com o mesmo interesse com que lia grandes autores. O que muitos viam como margem, ele tratava como centro pulsante.

A ida ao Delta do Parnaíba foi, talvez, uma das experiências mais leves que vivenciamos juntos com grandes e queridos amigos e amigas. Navegar aquelas águas, com seus tempos lentos e espiralados, parecia fazer ressoar as próprias questões que moviam nossa pesquisa: como resistem os corpos? Como se inscrevem as memórias em territórios fluidos? Como se constrói sentido fora dos centros e círculos hegemônicos? Igor, com o olhar sempre atento e o humor sutil, fazia perguntas e ria com o corpo inteiro.

Nos eventos da Rede de Historicidades, as noites eram reservadas para o *historicinigth* — nosso momento ritualístico de descompressão coletiva. Ali ríamos e confraternizávamos, e esses importantes fragmentos do tempo, reverberavam em nós, não como distração: mas como método de partilha. Era uma forma de dizer que a pesquisa também se faz com o corpo, com o riso. Que não há rigor sem alegria.

Essas vivências não eram paralelas à pesquisa. Elas eram, elas próprias, epistemologia. Porque Igor compreendia que o conhecimento se dá nas frestas: entre um minicurso e uma conversa na cozinha, entre um painel e uma canção ao pé da rede. Ele entendia que o espaço acadêmico precisava ser menos um palco e mais um terreiro. E, por isso, os momentos que partilhamos em Teresina ou no Delta do Parnaíba, no Rio de Janeiro, em Cachoeira, em Salvador, em BH ou Ouro Preto, em São Paulo ou Paris são, para mim, parte essencial da sua obra. Ele sabia que o que nos salva, no fim, são os vínculos que construímos e estreitamos.

"O tempo é uma certa distensão: mas de quê? Da alma mesma."
(Agostinho, Confissões, p. 272)

O ápice da nossa parceria — pelo menos no plano formal dos projetos submetidos e aprovados — veio com a formulação e a aprovação, em 2023, da proposta internacional de pesquisa intitulada *Negacionismo e desinformação: saúde e doença em tempos de pós-verdade*, submetida à chamada pública MCTI/CNPq nº 14/2023. Um projeto ambicioso, corajoso, crítico, pensado para operar em diversas frentes e territórios — Brasil, Bolívia, Espanha, Nigéria, África do Sul — e, sobretudo, para escavar camadas profundas das disputas epistêmicas e afetivas em torno da saúde, da comunicação e da verdade.

Igor Sacramento foi o coordenador-geral do projeto e responsável pelo mesmo junto ao CNPq. Estruturamos e construímos o projeto conjuntamente, mas ele estruturou o problema de pesquisa a partir de uma inflexão central: não se tratava apenas de entender a desinformação como produto da mentira ou da má-fé intencional, mas como efeito e sintoma de uma reconfiguração mais ampla do regime de verdade em tempos de midiatização radical, crise epistêmica e colapso da confiança institucional. A questão era pensar a ação social de desinformar para além da intencionalidade, "uma vez que entendemos que o sentido da ação pode ser diverso" — como afirmamos na metodologia do projeto.

Foi essa sensibilidade metodológica — epistemologicamente densa e politicamente situada — que tornou a proposta inovadora. Rejeitando os reducionismos estatísticos tão comuns, o projeto optava por abordagens qualitativas, centradas nas experiências concretas dos sujeitos, em seus sistemas de crença, gramáticas morais, emoções mobilizadas e modos de subjetivação. O ponto de partida era simples, mas profundamente perturbador: "A saúde é um campo que lida com gente, com pessoas, dotadas de subjetividade e que vivem em contextos socioculturais específicos, com crenças e valores diversos." (Projeto Negacionismo e desinformação, 2022, p. 7).

Adotamos uma concepção crítica para o projeto e procuramos aprofundar a proposta ao considerar a infodemia não como fenômeno lateral à pandemia, mas como seu dobramento estrutural. Como escrevemos no

projeto, "o discurso negacionista, em larga escala em relação à pandemia de Covid-19, inelutavelmente impactou o comportamento das pessoas de maneira prejudicial à saúde, individual e coletivamente." (Projeto, p. 24) E mais: a desinformação era vista como catalisadora de desconfiança, como vetor de angústia epistêmica, e como agente ativo na reconfiguração dos afetos políticos — uma análise que Igor sustentava com raro rigor conceitual e clareza comunicacional.

Desenvolver o projeto conjuntamente nos permitiu habitar um espaço-tempo de experimentação coletiva. Era visível sua capacidade de escuta e sua abertura à diversidade de vozes e perspectivas — do pesquisador iniciante ao mais experiente, da acadêmica latino-americana aos parceiros africanos. Ele sabia criar ambientes onde o saber não hierarquizava, mas costurava. E é justamente isso que tornou o projeto *Negacionismo e desinformação* um marco: ele foi pensado não apenas como pesquisa, mas como rede de afeto, política de solidariedade e ato radical de resistência epistemológica.

> *"Quem pode apreendê-lo claramente e distingui-lo e explicá-lo em poucas palavras? [...] E no entanto, falamos do tempo, de tempos, e de tempos longos e breves."*
> (Agostinho, Confissões, p. 261)

Durante o desenvolvimento do projeto *Negacionismo e desinformação: saúde e doença em tempos de pós-verdade*, embarcamos, Igor e eu, em duas jornadas paralelas que, embora geograficamente distantes, estavam entrelaçadas. Eu segui para Sevilha, onde investiguei a desinformação em saúde em momentos do passado e do presente. Igor estabeleceu-se em Paris, onde realizou sua pesquisa de pós-doutorado enquanto mantinha vínculos com redes francesas de pesquisa em saúde, mídia e epistemologia

crítica. Sevilha e Paris tornaram-se, para nós, dois polos comunicantes de um mesmo campo simbólico e afetivo.

A distância não foi um obstáculo. Pelo contrário, era como se as duas cidades ecoassem uma mesma inquietação compartilhada: como pensar a verdade em tempos de colapso? Como ouvir o rumor das emoções que circulam sob a superfície das narrativas sanitárias e midiáticas? Como acolher a experiência concreta dos sujeitos — seus medos, suas recusas, suas apostas — sem reduzi-los à caricatura da ignorância ou à estatística do erro?

Nossas trocas nesse período foram constantes. Compartilhávamos não apenas dados e bibliografia, mas estados de ânimo, imagens de arquivos, dúvidas teóricas, insights metodológicos. Era um jogo de espelhos e de escuta: um diálogo atravessado por geografias distintas, mas movido por uma ética comum.

Mais do que textos ou dados, o que nos ligava era a convicção de que o trabalho de pesquisa é sempre também um trabalho de reparação. Reparação do que a linguagem oficial silencia. Reparação dos desvios e descompassos entre a norma técnica e a vida real. Reparação, ainda, das feridas abertas por uma política do descaso que atravessa tanto o Brasil quanto a Europa, tanto o campo da saúde quanto o da comunicação. Igor compreendia — e fazia compreender — que cada escolha teórica era também um posicionamento ético, e cada categoria conceitual carregava implicações profundas na forma como se compreende e se cuida do outro.

Paris, para Igor, não era apenas cenário. Era lugar de fricção e inspiração. Ele mergulhou em debates sobre verdade, regime de saber e subjetivação, com a mesma seriedade com que escutava um agente de saúde na periferia carioca ou uma mãe hesitante frente à vacinação do filho. Como eu, adquiriu inúmeros livros concernentes à temática do nosso projeto e iniciou a escrita de um livro autoral, enquanto articulávamos eventos internacionais e publicações para o projeto.

Nesses meses de pós-doutorado compartilhado, desenhou-se, de forma talvez mais clara que nunca, a extensão da nossa parceria de pesquisa

e amizade: seguíamos alinhados por uma mesma escuta, uma mesma coragem, uma mesma recusa em aceitar explicações fáceis para fenômenos tão densos quanto a desinformação. Seguíamos pensando juntos, em movimento, cada qual no seu território e, ainda assim, lado a lado.

A distância geográfica entre Sevilha e Paris foi, para nós, apenas uma forma outra de vizinhança. Já desenhada anteriormente entre Teresina e Rio de Janeiro.

> *"É na alma onde eu meço o tempo. Não devo permitir que ele me perturbe: é ali que ressoam as impressões das coisas."*
> (Agostinho, Confissões, p. 273)

Outro projeto que marcou profundamente nossa parceria e me fez admirá-lo mais ainda foi a pesquisa voltada à formação de trabalhadores da atenção primária à saúde para o enfrentamento à desinformação sobre vacinação. Um projeto que se enraizava nas urgências da pandemia de Covid-19, mas que ultrapassava a conjuntura, para tocar uma ferida estrutural: a da erosão da confiança, do colapso dos vínculos entre ciência e população, e da insurgência de racionalidades cismadas, frequentemente enredadas em afetos políticos, morais e religiosos. Deste projeto, participaram juntamente conosco, vários pesquisadores da Fiocruz e de suas unidades pelo Brasil, além de investigadores da Universidade Federal Fluminense, dentre outros.

Desde o início, Igor nos convocava a escutar. Mas não uma escuta passiva ou protocolar — e sim uma escuta radical, comprometida com a compreensão da complexidade dos contextos em que os trabalhadores da saúde atuam. O que o projeto propunha não era apenas diagnosticar o problema, mas mergulhar nas condições de fala desses profissionais — compreender como a desinformação se apresenta em seus cotidianos, como circula nos corpos e nos afetos, como se enraíza em mundos de vida específicos.

Com um desenho metodológico sensível e preciso, o projeto começou a se desenvolver em cinco capitais brasileiras — Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Manaus e Porto Alegre, como também iniciava paulatinamente em Teresina — por meio de entrevistas em profundidade e grupos focais com profissionais da atenção primária.

A ideia não era culpabilizar os sujeitos — fosse o trabalhador de saúde ou o cidadão comum. O objetivo era, como Igor formulava com frequência, "construir estratégias formativas baseadas na realidade concreta dos territórios e dos vínculos". Cada região, cada bairro, cada posto de saúde trazia consigo uma ecologia informacional distinta, um regime de afetos específicos. O enfrentamento à desinformação, portanto, só poderia ser efetivo se partisse dessas singularidades.

O que Igor nos ensinava era que enfrentar a desinformação exige mais do que evidências. Exige implicação. Exige entender que, muitas vezes, a recusa à vacina é também recusa à humilhação histórica, recusa à invisibilidade, recusa ao silêncio. Exige compreender que a comunicação em saúde não pode ser colonizada por uma racionalidade autoritária, mas deve abrir-se à alteridade, ao diálogo, à escuta que transforma.

É por isso que esse projeto, como tantos outros que Igor tocou, não cabe nos marcos habituais da pesquisa acadêmica. Ele é também um ensaio sobre a dignidade. Um gesto de reparação. Uma aposta radical na possibilidade de construir pontes onde antes havia apenas ruído. E, sobretudo, um lembrete de que as palavras, quando ditas com responsabilidade, podem se tornar políticas públicas — ou ao menos, práticas de cuidado.

Vale pontuar que ambos os projetos mencionados foram descontinuados pelo CNPq após sua morte. O primeiro deles, o internacional, estamos concluindo juntamente com os demais pesquisadores envolvidos e que são da Espanha, Bolívia, Nigéria e África do Sul.

"O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu o sei. Se quero explicá-lo a quem me pede, já não o sei."
(Agostinho, Confissões, p. 260)

Entre tantas formas de definir Igor Sacramento — pesquisador de excelência, intelectual público, formulador de projetos de grande fôlego, articulador de redes nacionais e internacionais — há uma que, para mim, sempre esteve acima de todas: ele era, antes de tudo, um amigo. Aquele que sorri sem razão e nos acolhe quando nem sabemos nomear o que estamos sentindo.

Tive o privilégio de conviver com Igor essa dimensão da amizade — uma amizade que se cultivava tanto no rigor dos debates quanto nos gestos mínimos: uma mensagem trocada num fim de tarde, um áudio que vinha acompanhado de riso, um comentário sobre um texto lido, uma ironia afiada sobre a política do dia, uma lembrança de um encontro no Delta do Parnaíba. Ele sabia falar com leveza sobre coisas graves — e sabia levar a sério até o que parecia pequeno. Nossos vínculos não precisavam ser reafirmados o tempo todo; bastava que um de nós escrevesse: "vi isso e pensei em você".

Havia, nos modos de Igor, uma afetuosidade firme — não era melosa, nem difusa. Era presença. Ele era generoso nas escutas e, ao mesmo tempo, corajoso nas críticas. Recebi dele uma crítica muito consistente e construtiva sobre meu trabalho apresentado no Congresso da Compós2 em 2018, uma crítica que fez diferença em meu modo de pensar. Nunca se esquivava de dizer o que pensava, mas dizia com respeito, como quem quer somar, não reduzir. Para além das críticas, como dito, ele foi acolhimento e generosidade. E tenho certeza de que, para muitas e muitos colegas da Rede de Historicidade, esse foi também o lugar que Igor ocupou: o de alguém que criava ambientes possíveis, em que a crítica e a solidariedade podiam coexistir. Em prefácio ao nosso livro (meu e de

Marialva Barbosa, *A construção intencional da ignorância*, publicado em 2020), Igor foi generoso:

> [...] Há, também, uma profunda negação da ciência e, no caso do Brasil, em particular, ainda, da cultura e da necessidade de políticas culturais. À medida que avançamos para essa nova era política, no entanto, precisamos de outras formas de entender o mundo e os movimentos políticos atuais. A recente revitalização do ultraconservadorismo, alimentada por um neoliberalismo perfeitamente ajustado a um regime político neofascista, indica a necessidade vital de construir um movimento de justiça social para resistir aos esforços patrocinados pelo Estado, que envolvem a promoção da desinformação e do desconhecimento como estratégia de manutenção da extrema direita no poder: pela construção intencional da ignorância. Como fazem Ana Regina Rêgo e Marialva Barbosa, aqui, compreender o mundo contemporâneo requer desenvolver uma estrutura de inteligibilidade que, primeiramente, reconheça que inúmeras pessoas estão rompendo com princípios básicos da civilidade moderna em prol da barbárie como regra social generalizada. Mas elas não são a maioria. Este livro nos explica o porquê chegamos a este ponto e dá pistas sobre como podemos sair dele. É um livro a ser lido, urgente e potente (Sacramento, Prefácio, 2020, p. 13).

Igor sabia que a descompressão também é forma de resistência. Sabia que o riso entre pesquisadores não diminui o pensamento — o fortalece. Sabia que o encontro humano é parte do método. Por isso, penso que seu legado não se restringe aos textos que escreveu, aos projetos que coordenou, aos seminários que organizou. Está também nos silêncios que soube escutar, nos vínculos que soube sustentar, nas alegrias que soube compartilhar.

Entre nós, havia sonhos ainda por realizar. Congressos planejados, capítulos de livro esboçados, viagens sonhadas, livros a serem discutidos e escritos. Igor me ensinou, sem saber que ensinava, que a vida intelectual não precisa ser dissociada da amizade. Que podemos, sim, construir pensamento com afeto, com cuidado, com generosidade. Que o rigor não exclui a ternura. E que o compromisso ético começa nos pequenos gestos: o modo como se escuta uma pergunta, como se devolve uma crítica, como se acolhe a dúvida do outro. Igor fazia tudo isso com maestria.

E é por isso que, mesmo em sua ausência física, ele permanece inteiro em nós. Nos grupos de pesquisa, nos textos em que o citamos, nas reuniões em que sentimos falta de sua fala, nas decisões metodológicas em que ainda o escutamos dizer "isso faz sentido?". A presença de Igor não se apaga. Ela se desloca. E segue nos atravessando.

"As coisas futuras e as passadas existem na alma: as futuras como expectativa, as passadas como memória."
(Agostinho, Confissões, p. 274)

Há presenças que não cessam. Há vozes que seguem ressoando mesmo quando o corpo que as portava já não ocupa mais os espaços físicos das reuniões, das aulas, dos congressos. Igor Sacramento é uma dessas presenças. Sua ausência, tão dura e definitiva em sua materialidade, é contraditoriamente acompanhada por uma permanência incontornável. Ele está — nas palavras que deixou, nos arquivos que organizou, nos projetos que concebeu, mas, sobretudo, na forma como nos ensinou a pensar, a cuidar, a resistir.

O legado de Igor não se resume à produção bibliográfica — embora ela seja, por si só, densa, inovadora e fundamental. Seus textos — sobre comunicação e saúde, sobre regimes de verdade, sobre o negacionismo contemporâneo, sobre desinformação e subjetividade — já ocupam lugar central nos debates mais sérios da área. Seus argumentos são acionados em bancas, artigos, aulas, projetos e redes internacionais. Mas há algo que ultrapassa os escritos: é o método. Um método que não está apenas nos protocolos, mas no gesto. No modo de formular uma hipótese com cuidado. No modo de escutar uma fala de campo com paciência. No modo de discordar com generosidade.

Igor construiu redes — e talvez esse seja o traço mais duradouro da sua obra. Redes de pessoas, de afeto, de colaboração. Redes que atravessam o

Brasil e alcançam a Bolívia, a Espanha, a Nigéria, a África do Sul. Redes que se encontram na RNCD (Igor foi nosso parceiro também aqui), na Rede Historicidades, nos congressos da ALCAR, nas universidades do Brasil e do mundo por onde estivemos em eventos. Redes que ele sustentava com um tipo raro de ética: a ética da confiança mútua. Sabíamos que, ao lado dele, nossos projetos ganhavam consistência e sentido.

Por isso, sua ausência nos convoca — e nos responsabiliza. Manter vivo o seu pensamento é mais que uma homenagem. Precisamos dar visibilidade a seus textos, a debater suas proposições, a ensinar suas categorias, a fazer circular suas intuições. Precisamos assegurar que sua obra não se dilua, mas se expanda. E mais: precisamos garantir que suas práticas — o modo como ele conduzia uma reunião, como tratava seus orientandos, como respeitava os colegas— se tornem também parte do nosso próprio modo de estar no mundo.

Há, nos rastros de Igor, um convite permanente à reinvenção: das epistemologias, dos vínculos, das alianças, dos modos de comunicar. Ele não aceitava o mundo tal como se apresentava. Ele queria transformá-lo — com análise, com método, com escuta, com firmeza. E é exatamente isso que nos cabe agora: dar continuidade ao inacabado. Ampliar as redes. Preservar os arquivos. Reanimar os diálogos. Fazer da memória um instrumento de ação.

Nos próximos anos, caberá a nós zelar por sua obra, não como quem guarda um relicário, mas como quem carrega uma semente. Porque seu pensamento foi sempre movido pela confiança no coletivo. E essa confiança continua sendo nossa maior herança.

"Contudo, quando os homens falam do tempo,
têm consciência do que falam."
(Agostinho,Confissões, p. 261)

E é aqui que retorno à circularidade do tempo. Para Nego Bispo (2023), tempo não é linha, é encruzilhada, caracol, espiral. Para Alexis Kagame (1975), o tempo bantu não aponta para o futuro como ruptura, mas como reatualização constante do que foi e do que ainda é. A partida de Igor Sacramento, então, é dobra. Não é fim. É retorno. É reinício. É reverberação na ancestralidade daquilo que não cessa porque ainda pulsa em nós.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, da qual fui presidenta e ele terminou a vida como vice-Presidente.

2. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

Referências

AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BISPO, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

KAGAME, Alexis in UNESCO. *As culturas e o tempo*. Petrópolis: Vozes, 1975.

SACRAMENTO, Igor e RÊGO, Ana Regina. *Projeto Negacionismo e Desinformação*: saúde e doença em tempos de pós-verdade. 2023. (Projeto construído a quatro mãos e apresentado ao CNPq pelo Igor Sacramento que o coordenou).

SACRAMENTO, Igor (Prefácio). In: RÊGO, Ana Regina e BARBOSA, Marialva. *A construção intencional da ignorância*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.



Um amigo fidedigno

Frederico de Mello Brandão Tavares

Igor e eu tínhamos uma diferença de idade de três anos. Todo ano, no seu aniversário, eu mandava uma mensagem, dava um alô. Ele sempre me perguntava: "como é que você lembra, amigo?". Eu brincava que não esquecia por causa do signo dele – às vezes conversávamos sobre astrologia e afins – mas, na verdade, era um gesto espontâneo e natural. Num mundo em que estar conectado é um modo de vida compulsório e no qual as agendas de telefone, os calendários, estão disponíveis na palma da mão ou em qualquer tela, meu vínculo com Igor tinha um afeto que estava para além disso. Sim, ele era uma pessoa muito "on-line"; e sim, como eu lhe respondia anualmente: não eram (apenas) as redes que me alertavam sobre os parabéns a serem dados em novembro. Ainda que nosso contato se desse, muito, por telefone e por plataformas digitais, essa conexão teve outros pontos de partida. Um primeiro, pontual, em eventos, que caminhou, posteriormente, para uma amizade; e que, sim, usou a vida em rede como extensão possível para trocas cotidianas, bem como forma de encurtar distâncias. Eu em Minas, ele no Rio de Janeiro.

Não me recordo com precisão a data de quando o conheci pessoalmente e de quando trocamos números telefônicos, ou de quando começamos a sair juntos e a compartilhar assuntos dos mais diversos, de maneira cúmplice e verdadeira. Consigo afirmar que antes de nos encontrarmos, já o conhecia de nome, de textos. Somos de uma mesma "geração comunicacional" e de um mesmo "espírito do tempo" da pesquisa no Brasil e em nosso campo. Tivemos mestres e mestras em comum, fomos aos mesmos congressos acadêmicos, várias vezes, mesmo sem nunca termos nos visto; apreendemos a problematizar o mundo dentro de uma mesma "linguagem".

Nosso encontro definitivo, entretanto, deu-se a partir da Rede de Pesquisa Interinstitucional "Historicidades dos Processos Comunicacionais". Ele já na Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz; eu já na Universidade Federal de Ouro Preto, a UFOP. Nós dois, na Rede, como líderes de Grupos de Pesquisa e representantes de nossas instituições. Ocupando os espaços científicos e docentes que coube à nossa geração ocupar, os quais soubemos conquistar, mas os quais, também, tivemos o privilégio de ver existir – graças a bolsas de pesquisa, concursos públicos e a toda uma conjuntura político-histórica que nos envolveu da Graduação ao Doutorado. Temporalidades e espacialidades compartilhadas. Projetos pessoais entremeados por outros, de um país que mirava, nos primeiros governos de Lula e Dilma, principalmente, um horizonte de esperança via educação e ciência. Com fomento e planejamento. Somos de uma mesma geração não apenas pela idade, mas também pela coexistência e pela alimentação de mesmos sonhos de vida e de país.

Uma vez, numa das muitas conversas e noitadas, não me lembro se num bar ou numa mesa de reunião, Igor me contou, anos depois, ter sido relator do Projeto do APCN que apresentamos à CAPES para a abertura do PPGCOM da UFOP. Mais que uma alegria, foi para mim um resposta à qualidade do que fizemos. Ainda que fôssemos de uma mesma "época" e de um mesmo ambiente acadêmico, para mim, Igor sempre exerceu uma liderança; o que me fazia admirá-lo. Pela competência, pelo senso

de justiça, pela indignação ferina, pela genialidade. Estar com ele e ser seu amigo era um misto de proteção e orgulho. Claro, vale dizer, isso não dizia respeito apenas às questões do trabalho; mas no trabalho estava muito do seu brilho e singularidade. Em 2023, em visita sua à Ouro Preto e Mariana, Igor gentilmente topou conversar com o grupo de docentes do PPGCOM na UFOP, ajudando-nos com conselhos e com a partilha de experiências da pós-graduação. Estávamos, naquela ocasião, finalizando nossa proposta de APCN de Doutorado, aprovado pela CAPES cerca de um ano depois, em setembro de 2024. Certamente, Igor estaria conosco nessa nova etapa institucional da Comunicação ufopiana.

Nossa amizade, desde o primeiro encontro da Rede "Historicidades", em 2015, foi crescendo e misturando atribuições profissionais e vida social. Nessa década de parceria, caminhamos pelo reconhecimento de valores compartilhados, passando por decisões e conversas sérias, alcançando entre nós um espaço de confiabilidade e confidências. Nesse ínterim, Igor foi se tornando sinônimo de farol. Além de aprender com ele, escutando-o, entendendo sua maneira de ser, suas posturas e performances, também, quando me era possível, articulava com ele sobre objetos, sobre coisas pessoais. Conversávamos sobre racismo, sobre sexualidade. Às vezes debatíamos sobre incongruências alheias, de quem se aproxima desses temas e/ou problemas de maneira muito etérea, dentro de uma ilusão de conceitos e pretensos métodos. Sob "verdades elitistas", como conjecturamos e nomeamos em algum convescote.

Uma vez, em São Paulo, voltando de uma "balada", estávamos eufóricos e cansados. Ainda assim, no táxi, enveredamos por ecos do dia de trabalho. Lembro-me de perguntar-lhe sobre a ideia de "lugar de fala", sobre como pensá-la para além de uma prevalência do identitarismo e das disputas pela legitimidade do dizer, que acabam por apagar vozes e, contraditoriamente, gerar apagamentos outros. Tal qual tem-se visto por aí. O assunto era esse, ainda que aqui eu o reproduza de maneira mais "formal". Sua reposta, (nada) singela, já quase descendo do carro, foi mais ou menos essa: "Não podemos invalidar nossos objetos e questões

por premissas restritivas. O importante é estarmos juntos, construir isso, não importa a causa". Sigo com essas frases nas minhas aulas, nas minhas pesquisas, nas minhas orientações.

Parece estranho lembrar de algo "conceitual", assim, associado a um momento de ócio. Mas a sagacidade e a observação constantes eram uma espécie de radar incansável e ininterrupto desse grande pesquisador e querido bon vivant. Erudito e, ao mesmo tempo, conhecedor contínuo das novidades da música pop, da cultura midiática e do entretenimento. Admirável também por isso.

As muitas lembranças que tenho de Igor em viagens, festas e "saídas" são de um amigo alegre, intenso e risonho. Que honra ter podido dividir com ele boas memórias: Alcar, Compós, Historicidades, IAMCR, Intercom; muitos estados, capitais, mais de um país. Muitas foram as fotos, as danças, as mesas, os papers, os relatos, os drinks. Ele viveu tudo isso na enésima potência, em muitos outros momentos, com muita gente e com muita vivacidade. Também acompanhei isso de longe. Às vezes eu me surpreendia com ele; e perguntava qual o segredo de estar em tantos lugares, em tantas frentes de trabalho, em tanta interação social, e ainda fazer tudo com tamanha energia e primor. Nas respostas, havia um certo cansaço; mas ele sabia, de forma refletida ou não, da sua força, da sua capacidade e da vontade de ocupar essa "missão" com o vigor que era só seu.

Ausências e futuros

Mesmo que fôssemos diferentes nessa energia, penso que construímos uma afinidade complementar. Mais uma vez, do ponto de vista de nossa geração, vejo a intensidade de demandas e a nossa entrega a elas como algo constituinte. Por muitas ocasiões conversamos sobre isso, de maneira crítica e preocupada, discutindo política, discutindo a academia, o contexto no qual havíamos escolhido "habitar". O que nos levou, em várias oportunidades, a pensar em futuros que diziam respeito não apenas ao mundo, mas também à Comunicação. Especulamos sobre a

carreira e os nossos desejos, sobre nossas instituições e associações, sobre o que poderíamos pensar, de maneira concreta, em termos de parceria e inserções na área.

Em 2017, Igor foi meu hóspede pela primeira vez em Mariana. Veio para o Encontro da Rede Historicidades e estendeu sua estadia para uma banca de qualificação na UFOP. No ano seguinte, em 2018, voltou mais uma vez, para a defesa do trabalho e também para passeios prometidos. Em ambas as ocasiões, levei-o à rodoviária de Ouro Preto, para o retorno ao Rio de Janeiro. Em maio de 2025, quando fiz essa mesma viagem, para Encontro da Rede Historicidades em Niterói, na UFF, lembrei-me dele todo o tempo. Pensei na década que se foi, nas coincidências da vida, na sua ausência. Foi o primeiro Encontro da Rede sem ele, evento que era uma de nossas agendas anuais. Junto com a tristeza, fui tomado de um certo silêncio e de uma clareza muito dolorida sobre as impermanências. Algo que me acompanhou naqueles dias e que, na verdade, eu já vinha sentindo desde a partida do Igor, um mês antes. Consegui vislumbrar ali uma mensagem, numa conversa com lembranças e com a duração do que partilhávamos.

Nós, que falávamos tanto sobre a mistura do trabalho com a vida, não mais poderíamos conversar sobre isso. Colocar o papo em dia, articular agendas e possibilidades, mesmo que fossem planos abertos ou pouco factíveis. A crueza dessa impossibilidade, entretanto, junto com o pesar, me trouxe um sentido importante. A partida de alguém jovem, de idade tão próxima à minha, esse amigo em sintonia com meu mundo e meus anseios, traduziu-se, então, numa demanda: não perder de vista a luta como guia para os enfrentamentos no trabalho, na pesquisa, tal qual falávamos e nos correspondíamos; mas, também, enfrentar a sabedoria da transitoriedade.

Na transitoriedade que a passagem traz consigo, bem como naquilo que ela escancara de forma tão abrupta, como repensar jeitos, compromissos, prioridades, conceitos? Como reassumir outros caminhos de pesquisa e da vida laboral? Como caminhar fazendo valer a qualidade

do que se faz? Como combater lógicas de aceleração e produtividade que podem levar a obras inócuas e superficiais? Sem generalizar o mote de tais perguntas e suas respostas, a indissociabilidade entre o fazer e o lazer, tão presentes na vida intelectual que escolhemos e (já) nas memórias sobre ela, veio à minha mente como alerta. Como a nossa geração, infelizmente, agora, sem a presença do meu amigo, poderá e deverá lidar com urgências que precisam ser revistas? Como agir sobre um sistema que tem cada vez mais nos engolido?

A sede por tanto fazer, que nos acompanhou como tônica geracional, e que Igor praticou com maestria e de maneira tensionada, necessita moldar novos futuros. Um futuro que problematize menos o lugar onde chegamos – que sabemos ser inclusivo e tematizado por importantes emergências –, mas o modo como chegamos até este lugar. Igor tem me feito perguntar, desde uma outra distância, pelos diálogos da saudade, sobre como seguir pelos próximos anos, equilibrando vida pessoal e escolhas acadêmicas, sobre como encarar, de maneira sensível, as lições que uma ausência tão inesperada, que uma partida tão precoce, nos traz. Conversávamos sobre isso, bastante. Não sobre um adeus iminente, claro. Mas sobre como havia entre nós o sentimento crescente de sermos instados a pausar, a mudar, a repensar coisas na chegada à nossa "meia idade". Pensar tudo isso, assim, não deixa de ser, também uma continuação dos nossos papos. Não como eu gostaria, mas com o mesmo afeto e respeito que sigo tendo por esse querido interlocutor.

De alguma forma, esse tudo isso também me traz um desafio. Honrar uma amizade, fazer valer ensinamentos e partilhas. Seguir mirando os exemplos que a convivência com Igor me permitiu conhecer e entender. É difícil racionalizar sobre essas questões – e devo chamar atenção para essa dificuldade. Tampouco não se trata de agir de maneira resignada. Pelo contrário. Acredito, porém, que o privilégio de ter Igor como amigo me conforta e transforma sua falta em presença virtuosa.

A partida dele me fez, durante dias, pensar no papel de nossas filiações acadêmicas. Sua ausência me vem, constantemente, acompanhada da

imagem de uma pessoa querida, sua orientadora, amiga, comadre, Ana Paula. Não se constrói uma relação como essa em qualquer lugar e com frequência. Isso demonstra muita beleza, de Igor e de Ana; e de como ambos encaram o ambiente acadêmico. Para muito além de sua dureza institucional, mas com o rigor da cumplicidade que permite reconhecer encontros genuínos. Tenho tentado estar mais perto de meus pares, dos encontros que a vida discente, docente e de pesquisa me trouxeram. Nossos esteios científicos são muito mais do que ciência. Outra lição revivida e a se praticar.

Nos anos em que convivemos, não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente sua mãe, Dona Euny. Soube bem e sigo sabendo do amor incondicional do filho por ela, de tudo o que ela representava para ele. No auge da pandemia de Covid-19, numa conversa virtual, falamos sobre nossos medos e as maneiras de proteger as pessoas que amávamos. Lembro da preocupação e das palavras de Igor sobre o cuidado que aquele momento nos demandava com nossos familiares. Em uma situação de dificuldade emocional, uns dois anos atrás, Igor me contou do apoio de Dona Euny e da importância dela como colo e como fortaleza, presença incomensurável em sua vida. Tenho pensado em Dona Euny. Ainda quero, um dia, conhecê-la.

Querido Igor, que sua autenticidade, seu senso de justiça, sua verdade, sua franqueza, me acompanhem. Muito obrigado pela companhia fraterna e pela amizade fidedigna! Um abraço, amigo.



Nossa silenciosa cumplicidade

Juliana Freire Gutmann

Meu primeiro encontro com Igor Sacramento foi em 2013, no Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) em Salvador, quando recebemos juntos o Prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela pelas nossas pesquisas doutorais. A imagem que tenho dele naquela noite de honrarias no Teatro Castro Alves, e que se repetiu por muitos outros encontros, é do seu sorriso largo, olhar astuto e um entusiasmo contagiante pela vida. Lembro da felicidade de reconhecer ali um par. Éramos dois recém doutores muito orgulhosos com o fato de termos dois trabalhos sobre televisão brasileira premiados.

Igor Sacramento é meu colega de geração. Nos tornamos doutores no mesmo ano (2012) e, por coincidência do destino, também ingressamos no serviço público ao mesmo tempo, em 2014, quando me tornei professora da Universidade Federal da Bahia e ele pesquisador e anos depois também docente da Fundação Oswaldo Cruz. Havia entre nós uma liga geracional que a gente reconhecia no olhar e que prescindia qualquer

contrato físico. Eram tácitas as partilhas, mas elas permaneciam e se renovavam a cada encontro, na admiração pelas falas e intervenções, na escuta atenta, nas citações mútuas, nas boas risadas da vida ordinária. Foram incontáveis as vezes em que estivemos debatendo em seminários, congressos, encontros de Redes de Pesquisa, Grupos de Trabalho e, claro, festivas mesas de bar (mesmo eu sendo, quase sempre, a primeira a me despedir e ele o último a sair).

Para além da vida acadêmica, minha admiração pelo Igor passava pela relação carinhosa e dedicada que ele tinha e orgulhosamente ostentava com sua mãe. Ele não foi pai, mas tenho a certeza de que foi o melhor dos filhos. Aquela mulher elegante e sorridente era tão presente nos registros de sua vida pessoal que passavam pela minha time line, mas também em missões profissionais (algumas delas sob meu testemunho) e nas infinitas histórias que Igor me contava instigado pela minha sempre previsível pergunta: "como está a sua mãe?".

A nossa cumplicidade tácita também se revelava em suas frequentes vindas à Bahia cercadas de muito dendê e dengo. Ele falava de sua relação ancestral com essa terra, não me recordo se por parte de pai ou mãe, e eram famosas as "tias baianas". Também não foram poucas as vezes em que lhe contei sobre minhas experiências no Rio quando lá morei, meus lugares preferidos e minha saudade do cheiro de gás. Sim, a gente tinha muitas redes de pesquisa em comum, temas de pesquisa em comum, a gente testemunhou muitas situações acadêmicas juntos e também comungávamos esse amor intenso pela Rio-Bahia.

Testemunhar sua gana pelo debate crítico a cada apresentação de trabalho foi privilégio. A primeira vez que vi Igor em cena foi no GT Estudos de Televisão da Compós, naquele mesmo ano em que nos conhecemos, apresentando um artigo muito instigante sobre o populismo e o neopopulismo no jornalismo televisivo brasileiro (Sacramento; Silva, 2013). Foi neste mesmo GT, dois anos depois, que ele iniciou o debate sobre a formatação televisiva de experiências traumáticas (Sacramento, 2016; 2018). Já como pesquisador da Fiocruz, Igor estava interessado em

como os testemunhos em programas televisivos reinscrevem e deslocam o problema individual ao coletivo pelo clamor da representação associada aos desígnios contemporâneos da autoestima, empoderamento e superação. Pista retomada de modo ainda mais robusto em 2017 (Sacramento; Borges, 2016), quando eu tive contato com a inspiradora noção de televisualidade midiatizada. Temos aqui um dos textos pioneiros do debate sobre como os modos de exposição de si realizados por vlogueiras e youtubers hibridizam formatos televisivos com formas digitais.

Apesar do GT de Televisão ter sido nosso local de origem e formação na Compós, abrimos novas frentes de investigação em trânsitos por outros Grupos de Trabalho. Mas como bons filhos, vira e mexe, à casa retornávamos porque sempre arrumávamos um jeito de pôr a televisão novamente em pauta, agora atravessada pelas nossas outras preocupações: as transformações do televisivo e suas relações com as ambiências digitais, a questão da memória e do arquivo televisivo, a desinformação, a urgência pela abordagem historicizada dos processos comunicacionais.

Na experiencia de Encontro remoto em 2020, durante a pandemia, Igor voltou ao GT Estudos de Televisão nos instigando a refletir sobre formas de confissão do viver com HIV/aids na TV e no Youtube (Abib; Sacramento, 2020). Em seu último trabalho escrito para a Compós em 2025, nos brindou, juntamente com Gêsa Carvalho, com o que me arrisco a chamar de texto-manifesto: uma reflexão atualizada sobre os desafios da pesquisa em televisão no Brasil frente a ausência de políticas públicos sobre arquivo. Ele não estava mais lá fisicamente, mas sua presença foi celebrada por todos nós como um futuro de esperança. Era ele nossa indicação para assumir a coordenação do GT Estudos de Televisão, que estive a frente nos últimos anos. Igor teria ainda esta missão, dentre tantas que nos legou.

Nossa trajetória intelectual também foi atravessada por duas Redes de Pesquisa em comum. Ainda como recém doutores, participamos da equipe de formação da Rede Historicidades dos Processos Comunicacionais, fundada em 2015 com a participação de, salvo engano, quatro

Universidades e que atualmente congrega 13 programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil. De lá para cá já se foram 18 encontros em diversas Universidades do país, quase todos com a nossa presença. Foram diversos os trabalhos que li e os processos que testemunhei de suas pesquisas no nosso querido Historicidades, como chamamos a Rede. Descobri com o Igor e seus parceiros de escrita muito sobre memória (uma palavra que escrevo e escuto sua voz ressoar), sobre contextos de controle do corpo (Maia, Sacramento, Vilas Boas, 2017), sobre tradição como problema (Leal; Sacramento, 2019), sobre Bakhtin e o cronotopo (Ribeiro; Sacramento, 2023) e sobre futuros (Ribeiro; Sacramento; Jacome, 2024).

Nosso último encontro juntos no Historicidades foi em maio de 2024 na Bahia. Em sua passagem por Salvador, antes de pegarmos a estrada para a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, onde o seminário foi sediado, marcamos um acarajé. O encontro era nosso, mas fomos angariando amigos pelo caminho entre o Hotel e o Largo de Cira, no Rio Vermelho, e uma mesa farta se formou. Naquela noite, ele me contou empolgado sobre novos projetos de enfrentamento da desinformação sobre vacinação. Um envolvia modos de circulação e consumo de informações sobre vacinação na perspectiva de usuários de unidades básicas de saúde em diferentes cidades do país; o outro tinha foco na formação de profissionais de saúde também em distintas capitais. O entusiasmo do Igor pelo labor acadêmico, que eu já conhecia há tempos, parecia renovado com a nova empreitada de notório impacto social. As duas pesquisas envolviam a cidade de Salvador, e as visitas às tias teriam agora um importante propósito profissional. No outro dia, seguimos para Cachoeira e repetimos o roteiro dos calorosos debates seguidos de saídas festivas que marcaram esses anos da Rede Historicidades.

A segunda Rede de Pesquisa que partilhamos foi o PIMI - Patrimoines-Images-Médias-Identités, um projeto de cooperação internacional, que nos levou a duas viagens juntos para a França e outros encontros nacionais, em Salvador, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro

(Igor prosseguiu nos intercâmbios desta Rede entre Brasil e França nos anos posteriores). No encontro na Sourbonne Nouvelle - Paris 3, em 2017, tenho a grata lembrança de sua impactante apresentação sobre os usos do YouTube nas pesquisas sobre a história da televisão no Brasil, posteriormente publicada no livro da Rede (Sacramento, 2023). Nesses encontros iniciais do PIMI, testemunhei seu encantamento pela França, sua familiaridade com a língua progredi, seus desejos de firmar redes e espaços de colaboração com aquele país se tornarem reais. Igor permaneceu firme nas empreitadas francófonas, eu me aventurei a navegar por outros mares.

E seguimos assim, ora por caminhos comuns, ora distintos, por vezes apaziguados e outras conflituosos, mas acho que nunca perdemos de vista nosso tácito acordo de colaboração. Talvez fosse mesmo algo relacionado a uma questão geracional. Talvez tenha sido esta a chave de um contrato não registrado que perdurou sem muito alarde. Não chegamos a ser amigos íntimos, mas tenho muito orgulho desse modo respeitoso e franco com que vivenciamos o papel de colegas, até nos momentos de turbulência, que não são raros no campo.

Com Igor, aprendi sobre o entusiasmo pela vida, sobre esperança, sobre ambição generosa e desejo de mudança. Aprendi, principalmente, sobre o valor do endosso, desgarrado de hierarquias, daquilo que podemos genuinamente chamar de par. Que suas contribuições inestimáveis para o campo da comunicação no Brasil, que sua alegria e tom festivo com que conduzia os mais fervorosos debates e articulações políticas se perpetuem como afagos, como vestígios vivos de sua escrita poderosa, de sua reflexão aguda e sensível e de seus sonhos de transformação política e social.

Referências

ABIB, Roberto; SACRAMENTO, Igor. Entre câncer e Hiv/Aids: o armário.e as mobilizações da estigmatização da homossexualidade masculina em entrevistas de Reynaldo Gianechini. In: XXIX Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande. XXIX Encontro Anual da Compós, 2020. v. 29.

LEAL, Bruno Souza; SACRAMENTO, Igor. A tradição como problema nos estudos de comunicação: reflexões a partir de Williams e Ricoeur. Galáxia (São Paulo. online), v. Especial 1, p. 22-33, 2019.

MAIA, Jussara; SACRAMENTO, Igor; VILAS BOAS, Valéria. O controle do corpo feminino no programa Encontro com Fátima Bernardes: subjetividade, texto e contexto. Revista Famecos (online), v. 24, p. 27064, 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; TAVARES, Frederico M. B.; SACRAMENTO, Igor; JACOME, Phellipy. Que passado nós planejamos para o futuro?. In: Silva, Fernanda Maurício da; Tassis, Nicoli; Azevedo, Rafael José; Ferreira, Thiago Emanoel. (Org.). Corpos em tempos e espaços: reflexões sobre historicidades dos processos comunicacionais. 1ed.Belo Horizonte: Fafich/ Selo PPGCOM UFMG, 2024, v. , p. 239-265.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Bakhtin e o cronotopo: notas para pensar os processos comunicacionais. In: FONSECA, Maria Gislene Carvalho; GUTMANN, Juliana Freire; JÁCOME, Phellipy; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. (Org.). Temporalidades e especialidades nos processos comunicacionais. 1ed.Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2023, v. 1, p. 91-114.

SACRAMENTO, Igor, SILVA, Marco Antonio Roxo. O populismo e o neopopulismo no jornalismo televisivo brasileiro. In: XXII Encontro Nacional da Compós, 2013, Salvador. XXII Encontro Anual da Compós. Salvador: Compós, 2013.
SACRAMENTO, Igor. A formatação televisiva de experiências traumáticas: uma análise do programa Encontro com Fátima Bernardes. In: XXV Encontro Anual da Compós, 2016. XXV Encontro Anual da Compós, 2016.

SACRAMENTO, Igor. Transformações no sentido de trauma: uma análise das manifestações do discurso terapêutico no programa Encontro com Fátima Bernardes. CONTEMPORANEA (UFBA. ONLINE), v. 16, p. 708-727, 2018.

SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. A televisualidade midiatizada do testemunho: a dismorfia corporal num canal do YouTube. In: XXVI Encontro Nacional da Compós, 2017, São Paulo. XXVI Encontro Nacional da Compós, 2017.

SACRAMENTO, Igor. YouTube et la recherche dans l'histoire de la télévision au Brésil. In: CHAMBAT-HOUILLON, Marie-France; GOETSCHEL, Pascale. (Org.). Le temps à l'épreuve des médias: Brésil-France (XXe-XXIe siècles). 1ed.Paris: L'Harmattan/ina, 2023, v. , p. 39-57.



Seus parceiros e orientandos

Dialogismo, ausência e presença

Roberto Abib

Muniz Sodré interpreta Bakhtin argumentando que este pensador leva em conta o fato de que inexiste na linguagem o enunciado isolado: "aquilo que se diz (o enunciado) no ato de mobilização da língua (a enunciação) sempre seria construído a partir de um diálogo com a voz dos outros", sendo eles do passado ou do presente (Sodré, 2014, p. 259). Nesse sentido, teço nessa escrita memórias que entrecruzam minhas vivências passadas-presentes com o Igor, cuja voz e de outras que o formaram me constituem dialogicamente. Propagador e criador de uma ciência da comunicação que transita por diversos campos e temas, Igor estabeleceu comigo relações de professor, orientador, pesquisador e amigo, me privilegiando com diálogos que seguem presentes em mim.

Conheci o Igor exercendo seu ofício de professor num curso preparatório para processos seletivos em programas de pós-graduação em Comunicação no Rio de Janeiro entre 2014 e 2015. Naquele momento, eu estava focado em dar continuidade aos estudos sobre a filosofia do diálogo a partir do modo de realização documental — audiovisual — do

cineasta Eduardo Coutinho, proposto como trabalho de conclusão de curso da especialização em Comunicação e Imagem na PUC-Rio. Aparentemente, isso me levava a uma linha de pesquisa diferente da qual ele havia se formado na UFRJ, em Mídia e Mediações Socioculturais.

No entanto, nesse curso preparatório, o Igor lecionava sobre algumas obras da linha de Tecnologias da Comunicação e Estéticas. A maneira como comunicava, ou melhor, *tornava comum* pensamentos densos como de Gilles Deleuze encantava a tod@s e a mim, que enfrentava com um entusiasmo desafiador a leitura sobre as reflexões desse autor. Eu era um aluno tímido que tinha dificuldade de procurar os professores antes ou depois da aula para tirar dúvidas, conversar sobre os projetos de pesquisa e indicação de referências. Numa das nossas conversas sobre o passado, Igor me disse que, naquela época, o chamava a atenção pelos meus gestos atentos na aula, sem muita dispersão.

Durante o curso, a gente disponibilizada nossos projetos para os professores nos orientar com dicas de revisões e referências. Essa não era uma atividade que o Igor fazia parte, mas ele contribuiu em ler os projetos. Em sala de aula, a gente ia até ele para pegar o projeto seguido de algumas sugestões. Quando foi a minha vez, ele fez uma arguição tão acurada que fiquei muitos dias pensando sobre ele.[1] Fiquei com a sensação de que ele havia lido o dito e não dito sobre mim naquele texto sobre um outro. Igor me afetou.

Eu não fui aprovado nos processos que me inscrevi naquele momento. Atuando como servidor público na Comunicação do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro desde 2012, motivo pelo qual me mudei para o Rio, procurei ouvir conselhos de alguns colegas em fazer algum curso na Fiocruz. Eu já estava um pouco enfadado de uma rotina instrumental. Foi quando vi o edital de processo seletivo da especialização Comunicação e Saúde, tendo como coordenadores Janine Cardoso e Igor Sacramento. Ele havia acabado de assumir o cargo de pesquisador em Saúde Pública. Eu não hesitei em estar próximo daquele brilhante professor novamente. Fui passando pelas etapas e cheguei à entrevista. Ali estavam Janine e Igor.

Estava encantado com a Fiocruz e me senti em casa depois de alguns anos distante da minha. Lembro-me que Janine havia me perguntado onde eu pensava estar e\ou fazendo o que daqui a cinco anos. Quero já estar no doutorado e estar trabalhando aqui. Guardo também na memória, que ao final da entrevista, Igor havia me levado até a porta e disse: "estou feliz em te ver de novo. Espero que dê certo". Deu certo!

Tornar-se orientador

Após um semestre, com aulas integrais durante uma semana de cada mês, o Igor se tornou meu orientador. O projeto com o qual ingressei na especialização era sobre saúde mental, investindo nas reflexões de Foucault. Igor me propôs duas obras associadas às linhas de estudo de arte e estética: Andriopoulos (2014) e A Invenção da Histeria (Didi-Huberman, 2015). Eu fiquei fascinado com a abordagem de Didi-Huberman ao discutir como a fotografia contribuiu na 'invenção' das histéricas no Hospital *Salpêtrière*. A partir daí, fomos construindo a monografia com a análise do filme *Augustine*. Igor me propôs a pensar na perspectiva de arquivo por meio de Foucault (2005) e cinema e história (Ferro, 1975) e (Morettin, 2007). Igor era um orientador detalhista. Não deixava passar aquele trecho do texto escrito sem muita atenção. Suas sugestões e provocações iam ganhando sentido na construção do trabalho. Numa das orientações desse estudo, ele havia me dito algo que até hoje ressoa como um ensinamento de proteção: "se alguém disser que isso não é Comunicação e Saúde, ou qualquer coisa que você está defendendo, responda na escrita". Talvez esse entendimento tenha sido o que o moveu a escrever tanto.

No perfil do Instagram de uma colega dessa época da especialização, na tentativa de elaborar a notícia de sua passagem, ela relembrou algo que dizia com frequência: quando ela conversava com o Igor tinha a sensação de que estava fazendo muito pouco. Lendo a postagem em meio a um carrossel de imagens de vários encontros, aulas e reuniões do grupo

Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs), me fez pensar que Igor desafiava o tempo fazendo do seu futuro presente. Produzir ciência era sua paixão.

No ano em que o Igor estava em processo para ingressar como docente na Pós-Graduação na UFRJ, ele havia me intimado: estude! porque devo ingressar na pós e terei vaga. Você tem o perfil da ECO". Mas orientou a me inscrever novamente no processo seletivo no programa de Comunicação e Saúde da Fiocruz, pois não havia sido aprovado no processo anterior. "Será outra banca", comentou. Ele estava trabalhando num projeto de pesquisa sobre narrativas terapêuticas das celebridades, sobretudo, em relação ao tratamento do câncer. Naquele momento, eu e colegas de trabalho estávamos produzindo e dirigindo com o recurso 'uma ideia na cabeça e uma câmera na mão' um documentário no Hospital Federal Cardoso Fontes sobre mulheres mastectomizadas pelo Ministério da Saúde – Rio. Comecei a pesquisar sobre estudos realizados no campo e percebi que não havia muitas pesquisas sobre narrativas masculinas sobre o câncer, pensando muito na ideia machista de que homens não narram a sua dor. Igor já havia referenciado em seus estudos algumas celebridades masculinas como o próprio Reynaldo Gianechini. Desenhei o projeto com mais um ator e um jornalista. Depois de aprovado, reelaboramos o projeto e focamos no Reynaldo Gianecchini porque seu tratamento ganhou grande visibilidade midiática em diversos formatos de mídia.

Nos congressos que a gente participava, havia comentários comuns sobre uma dificuldade de compreender sobre de qual e na qual mídia será o estudo: na televisão, na internet, nas revistas ou nos jornais? Eu entendia que passava por todas as mídias, mas precisava de um caminho teórico-metodológico. Igor propõe a biografia comunicacional, apresentada em sua tese (Sacramento, 2014). Eu achei perfeito! Foi quando comecei a me aprofundar nesse campo que atravessa seus estudos 'Comunicação, História e Memória', construído com as professoras Marialva Barbosa e Ana Paula Ribeiro Goulart.

A perspectiva bakhtiniana (Bakhtin, 1990; 2000; 2010), muito vinculada às reflexões do Igor, me fortaleceu e me encorajou a entender que a cultura popular pode ser pensava como relevante para compreensão de como partilhamos cultura e não Cultura. Eu partilhava com o Igor a forma como as pessoas reagiam quando me perguntavam sobre a pesquisa. Surgia um silêncio perturbador na conversa. O silêncio, às vezes, insinuava vozes na minha imaginação que me diziam tratar de uma pesquisa sobre alguém superficial e sem consciência social. Uma vez, uma pessoa me disse quase com compaixão: poxa, tem que tomar cuidado para não encontrar problemas de aceitação com esse tema. Dificilmente, volta-se a atenção para a questão de pesquisa em detrimento a uma opinião sobre o biografado(a). Assim, seguimos até o doutorado com esse dilema.

Guardo uma das frases que o Igor dizia em algumas aulas quando vinham assuntos relacionados: "meu professor me questionou porque resolvi estudar televisão, ou telenovelas, pois eu era muito inteligente". Igor teve uma vivência com a mídia muito parecida com a que eu tive. As novelas faziam parte do cotidiano da nossa casa. Lembro-me de outra afinidade com as mídias e que me surpreendeu quando o Igor disse em sala de aula que fazia os testes das revistas femininas *Capricho* como "Descubra se ele gosta realmente de você?" pensando no rapaz que estava a fim. Eu pensei e comentei: eu também fazia isso e não imaginava que alguém também fazia. Naquela época, tais desejos ingênuos por outro homem eram mais obscenos.

Resistir à inércia

Eu queria fazer valer a resposta que havia dado a Janine na entrevista da especialização. No mestrado, senti mais necessidade em aproximar meu trabalho à pesquisa. Conversei com o Igor e pensamos em possibilidades na Fiocruz. Ele desejava que eu estivesse onde ele mais gostava de estar, na RECIIS, por onde passou por várias posições, de autor de resenha à editor científico.[2] Na posição de editor científico, junto a coordenadora

da revista, Maria Elisa da Silveira, iniciou-se os trâmites para minha cessão à Fiocruz, publicada em novembro de 2018. A comemoração se juntou ao aniversário dele. Igor tinha muitos projetos para implantar no periódico. Um deles era o fortalecimento de chamadas públicas para dossiês. Era necessário um reforço na divulgação e eu estava lá para isso, entre outras atividades.

No meu primeiro ano, já era perceptível a mudança da revista. Achei que ela tinha ficado mais contemporânea com as temáticas trazidas nos dossiês. Isso se aliou à divulgação do periódico, que aumentou em 50% o número de seguidores da rede social Facebook;[3] as taxas de submissões e os acessos aos artigos. Na posição de editor científico e pesquisador, Igor era assertivo e propositivo. Chamava a responsabilidade para ele. Eu tentava acompanhar o ritmo lidando com muitas complexidades na relação com os cientistas brasileiros. Eu ficava admirado em perceber como o Igor tinha uma ampla noção dos debates no campo da comunicação e como era presente nesse espaço. Isso se refletia em vários convites feitos pela revista por ele e prontamente aceitos.

Lembro-me de um dia, entre uma banca de defesa e outra, ele se sentou ao lado do Fred (Frederico Tavares), editor executivo, para decisões no fluxo de alguns artigos. Ele fazia uma leitura dinâmica pelas referências do trabalho e decidia em sinalizar uma atenção no artigo por indicar uma discussão inovadora. Eu observava aquilo pela minha mesa ao lado e quando terminaram fui perguntar: "como que faz isso?" Ele me explicou e foi para mais uma participação de banca de defesa no campus da Fiocruz.

Igor trabalhava demais e quando perguntava para ele como estava, ele dizia: "cansado!" Mas esse cansaço, às vezes, não tinha o sentido de que estava reclamando, porque ele gostava de realizar. Havia a sensação de que o cansaço significava os efeitos da realização, do se sentir realizado. Ele não parava de buscar essa sensação mesmo que isso demandava muita energia e conflitos. Ele peitava, principalmente se fosse muito difícil. A presença do Igor mobiliza tradições sedimentadas em castelos. Ele estava em constante movimento e nos estimulava a se movimentar com ele.

Igor diretamente e indiretamente contribuiu a me deixar resistente e em movimento nas angústias que todo tipo de trabalho e pesquisa demanda. Resistir à inércia era a sua filosofia de vida que envolvia a todos nós.

Voltar para casa e o desconforto

No início de 2020, voltava de férias da minha terra. Fui à casa do Igor, em Laranjeiras, pegar um livro que havia me emprestado. Ele iria caminhar no Aterro do Flamengo e como eu morava próximo, fomos descendo a Rua das Laranjeiras em meio a um ensaio de bloco de carnaval. Eu contava a ele sobre uma paixão de férias, que intensificava uma saudade que estava sentindo da minha terra natal nos últimos anos. Em meio ao bloco, aquela conversa tinha um sentido carnavalesco.

Em março, estava começando o primeiro ano de doutorado e após a primeira aula das disciplinas, entramos em emergência sanitária devido a pandemia de covid-19. As autoridades sanitárias recomendavam o distanciamento social. Passamos a trabalhar a distância e as incertezas de sobrevida intensificaram os medos, as inseguranças, os conflitos, as desinformações e negações - da esfera mundial ao contexto brasileiro - nas nossas relações cotidianas.

Em reuniões *on-line* do Nechs, estávamos conversando sobre a pesquisa da Erika, que aborda o etarismo por meio das narrativas da cantora Gretchen (Saraiva, 2021). Falávamos de um documentário feito por uma jornalista que admiro muito, mas que reduzia a Gretchen à rainha do rebolado. A discussão, a saudade de casa e o pensamento constante sobre a tese que se iniciava naquele ano me fez comentar de um projeto em realizar um documentário com David Cardoso, o rei da Pornochanchada. Pensava que seu reconhecimento como uma celebridade do Estado de Mato Grosso do Sul era bastante controverso. Foi um desafio angustiante e perturbador escavar as narrativas que o envolvia. Naquele momento, Igor lançou a questão: não poderia ser sua tese? Meu projeto de doutorado propunha discutir sobre ideias de masculinidades e a emergência da cul-

tura e narrativas terapêuticas, sendo um aprofundamento de discussões realizadas na dissertação. Os meus sujeitos de pesquisa eram ainda uma abstração. Despois da reunião daquela reunião *on-line*, Igor e eu ficamos horas falando por ligação pelo WhatsApp sobre a possibilidade desse sujeito de pesquisa. Concordamos em desenvolvê-lo como tese.

Durante a pandemia, as defesas de dissertações e teses ocorriam *on-line*, sendo mais viável para assistirmos. Lembro-me que assistia à defesa de tese de Alice Carvalho de Melo (2020). Enquanto ocorria a defesa, que estava sendo bem elogiada pela banca, perguntei simultaneamente por WhatsApp para o Igor, que também a assistia: o que uma boa tese deve apresentar? Ele pontuou o ideal de uma tese: "uma discussão, um tema ou uma abordagem original e apresentar uma contribuição como tese. No meu caso, foi um caminho teórico-metodológico". Então, passei a perseguir esse ideal acompanhado a pergunta insistente: o que faz com que sua tese seja em Comunicação?

Nas incertezas de quando a pandemia seria controlada para voltarmos ao que imaginávamos como normal, voltei para casa. Quando voltamos às atividades presenciais, comecei a pesquisa de campo da tese no Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul. David Cardoso havia feito doações de seu arquivo ao museu e a outras instituições de memória no interior de São Paulo. Interpretei como uma vontade de ser reconhecido pela história. Minhas visitas ao museu eram inspiradas pela escrita de um livro que Marialva Barbosa comentava em aulas: O Sabor do Arquivo (Farge, 2009). Também parti de estudos referentes no Brasil sobre arquivos pessoais (Heymann, 2014).

O sabor do meu campo de pesquisa gerava sensações angustiantes. O estado caótico com que se encontrava aquele arquivo pessoal era perturbador e indiciava uma vontade de esquecimento. A dificuldade da pesquisa e das sensações que despertavam gerou em mim uma vontade de traçar um caminho mais seguro, como voltar para o conforto de casa, um método confortável e já sabido. Numa conversa com o Igor, ele disse: "você pode voltar se quiser". Era a mesma frase da minha mãe quando

eu compartilhava desafios trabalhando como jornalista em lugares tão diferentes e desafiadores. A frase pedia para ser contrariada porque ela te convocava a desistir de enfrentar o desconforto e se expandir.

Paradoxalmente, eu voltei para casa para enfrentar o desconforto abrindo um armário e me relacionando com sujeitos e tradições controversas e desejos reprimidos. A minha volta para casa não era muito aceita pelo Igor. Ele tolerava. No entanto, na defesa da tese, ele disse que se eu não tivesse voltado eu não teria feito uma tese tão linda. Eu disse a ele que o amava porque, entre vários motivos, ele nos gerava o desconforto. Igor nos impulsiona para a frente voltando para o passado, assim como Benjamin (2012) pensou sobre o anjo da história.

Ausência-presença

Na posição de amigo, Igor foi abrindo meus armários e libertando vários sentimentos desde as primeiras orientações como orientador. Em reunião, após a qualificação da dissertação, quando a banca havia sugerido pequenos ajustes, Igor começou a propor grandes mudanças. O vermelho do meu rosto manifestava um descontentamento que eu tentava reprimir. Igor parou de argumentar e me questionou: "por que você está tão vermelho? No que está pensando? Pode falar". Eu não estou acreditando que esse 'viado' vai quer que eu refaça isso, desabafei. Rimos muito. Eu me confundo nas várias posições em que o Igor é presente na minha vida. Dizer que ama um orientador como o Igor pode significar para alguns como um desejo masoquista. Compreendi que há amor. A convivência com ele como professor, orientador, editor científico e principalmente como amigo por um longo período, desfez qualquer hesitação em dizer o quanto o amava e o quanto me sentia privilegiado em estar com ele.

Igor se protegia um pouco em relação a mim. Procurava manter um Eu ou um Outro dele distante de mim. Houve uma orientação que ele fez com o objetivo de me pedir desculpas. Quando ele disse, eu fiquei sem reação e seguimos discutindo sobre a tese. Uma outra vez, naquele

ano de carnaval pré-pandemia, o chamei para irmos à rua. Me pintei de coringa e levei as tintas para ele se pintar, improvisando um cisne negro. Ao longo dos anos, as fotos que tiramos juntos naquele dia tomava densidade e muitos sentidos, quando ele me disse que o salvei naquele dia.

Com o término do doutorado, nossas relações estavam se reconfigurando. Não era mais doutorando e se abria a possibilidade de intensificarmos a relação de amigos. Compartilhamos a vida e eu o acompanhava na França pelas redes sociais digitais, realizando um desejo que há muito tempo comentava em concretizar. Uma das últimas troca de mensagens foi sobre aquele carnaval. Dissemos estar com saudades um do outro. Ele disse que estava se lembrando daquele dia.

Sou um *low profile* no Instagram e não tenho o hábito de ver os s*tories*. Mas percebo e acompanho aquela luz colorida envolta na foto de perfil. Quando não nos falávamos, acompanhava o Igor assim. Fazia uma semana que ele não atualizava seus *stories*.

A última vez que estive presencialmente com o Igor foi na defesa da minha tese. Antes de irmos comemorar no sugestivo bar Chanchada, em Botafogo, conversamos sobre as arguições da banca pelo WhatsApp. Igor considerou interessante perceber o que entendeu como uma ausência-presença do pensamento bakhtiniano na escrita, quando eu referenciava e quando não, mas consciente de que aquele pensamento me guiava. Agora, esses fragmentos de conversas e palavras ditas se projetam para o futuro, se constituem em memórias que se fazem presente, preenchendo o vazio de sua ausência.

Referências

ANDRIOPOULOS, Stefan. *Possuídos*: crimes hipnóticos, ficção corporativa e a invenção do cinema. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. São Paulo: Unesp/ Hucitec, 1990.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção da histeria*: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2015.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: EdUSP, 2009.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História*: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. *In*: *Arquivos pessoais*: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa, de vários autores, Editora FGV, 2014.

MELO, Alice Carvalho de. *Espiral de lembranças*: a "tragédia de Mariana" (MG) em imagens e memórias. 2020. 273f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1..A dissertação de mestrado do Igor abordou a migração de cineastas de esquerda para o jornalismo televisivo brasileiro durante a década de 1970. Eduardo Coutinho era um dessas cineastas. Ele Participou do programa *Globo Repórter*, incorporando estéticas cinematográficas e temas sociais em formatos televisivos.

2. Conferir em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/sacramento

3. Desde 2015, a revista mantém sua conta nessa rede social digital.



Um ancestral

Julio Cesar Sanches

Há um provérbio Yorubá que diz: "Orí eni ní um 'ni j'oba" (A cabeça de uma pessoa faz dela um rei). Segundo Mãe Stella de Oxóssi (2007), o provérbio diz que "usar corretamente a cabeça é certeza de grandes realizações". Acredito que o conhecimento dos povos yorubas descreve a pulsante jornada de Igor Pinto Sacramento, professor, pesquisador, amigo, orientador e confidente. Sem sombra de dúvidas, Igor foi um rei em sua passagem pelo mundo, governando a si mesmo como alguém que não tinha pretensões, mas que em suas realizações pessoas e profissionais soube, como poucos, demonstrar o que é a grandeza da vida.

Este texto memorialístico não tem o intuito de ser uma fotografia que aprisiona a imagem de alguém, mas talvez ele possa ser um registro da existência de uma pessoa amada e respeitada. A tarefa da escrita de um texto que conjuga o verbo no passado é árdua, principalmente por considerar que há uma presença indelével do Igor em minha vida. Acredito que irei fracassar em diversos momentos, conjugando-o no passado e no presente. E isso, sem sombra de dúvidas, define a força da nossa relação.

Espero que a saudade que sinto continue me guiando para próximo das memórias construídas com ele desde o ano de 2017. Com toda certeza, posso afirmar que Igor Sacramento é alguém singular em minha história de vida, com uma presença avassaladora e, sobretudo, alegre. A alegria, para mim, é a principal marca da personalidade de Igor e é com ela que quero narrar alguns momentos marcantes da nossa amizade.

Benedictus de Spinoza (2008) é o filósofo que compreende a alegria como um afeto que potencializa as ações humanas em direção à perfeição. Para Spinoza, a alegria é a força motriz das experiências do espírito humano em busca da perfeição. Assim como em Spinoza, as cosmologias yorubas também veem na alegria a potência transformadora da existência. Em *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, Muniz Sodré destaca as distinções da concepção de alegria nas culturas africanas em relação ao Ocidente. Como descreve Muniz Sodré, a alegria:

> Trata-se de fato de um regime sensível formado por uma intuição imediata do mundo, em que se experimenta o vigor do tempo presente (o *nunc instans* dos escolásticos) e se entra em comunhão com o real. Esta experiência prescinde de qualquer racionalização, exige tão-só a capacidade de sentir (Sodré, 2006, p. 205).

As pessoas mais próximas do Igor Sacramento claramente percebiam a existência do vigor que ele tinha em relação à vida e ao viver, colocando em evidência uma espessura de alegria que contaminava os espaços, os encontros e as pessoas que tinham contato com ele. O tipo de presença que a alegria de Igor construía colocava sob relevo o prazer de viver no tempo e de se relacionar com a potência do ser em plena vida. Escrevo estas palavras e sou tomado pela mesma alegria que era compartilhada em nossa amizade.

Vasculhando os registros antigos que nos ligam, encontrei o primeiro e-mail que mandei ao Igor demonstrando o meu interesse em ser orientado por ele no doutorado. No dia 19 de junho de 2017, enviei a mensagem que nos ligaria para sempre. A rápida resposta me animou e definiu o

nosso primeiro encontro. Marcamos de conversar no antigo Cópia café, um pequeno estabelecimento ao lado do auditório do CFCH/UFRJ, no Campus da Praia Vermelha. Eu me atrasei por quase trinta minutos, algo que nunca tinha acontecido em meus compromissos acadêmicos, mas o Igor manteve-se em espera e tivemos uma conversa sobre o projeto que eu iria submeter à seleção do PPGCOM da Escola de Comunicação da UFRJ.

Igor sacramento foi credenciado como docente permanente do PPGCOM/UFRJ em 2017, mesmo ano que nos falamos e nos conhecemos. Na banca de seleção, no ato da entrevista, eu disse com muita alegria que pretendia ser orientado pelo professor Doutor Igor Pinto Sacramento, o que se tornou uma realidade após a minha aprovação na seleção. No dia 18 de dezembro de 2017, enviei a notícia que selou o início da nossa relação acadêmica/profissional e afetiva: "Aprovação na ECO". A resposta do e-mail, como sempre, chegou muito muita alegria: "Oi, Julio! Eu já sabia. Fico feliz demais por você. Parabéns! Aproveite muito essa boa notícia. Também estou feliz. Você será meu primeiro orientando de doutorado. Em março, voltamos a conversar. Teremos muito trabalho e desafios pela frente, que serão encarados com parceria e afeto".

A tônica da orientação que tive com o Igor entre os anos de 2018 e 2022 foi essa: parceria e afeto. Olhando para o passado, sinto que desde sempre nós tivemos um compromisso ético um com o outro. Parceria e afeto são palavras que simbolizam o tempo que tive Igor Sacramento como meu orientador de pesquisa de doutorado, assim como a amizade e o companheirismo que se desenvolveram junto a isso. Uma circunstância me parece fundamental nesse encontro, algo que me recordo em alguns diálogos que tínhamos desde o início: o Igor era o meu primeiro professor negro na Universidade.

Quando eu me recordo da primeira vez que nos vimos pessoalmente, Igor e eu, tenho a sensação de que uma identificação veio à tona de modo inexplicável. Eu tinha diante de mim um intelectual negro do campo da Comunicação, um jovem pesquisador que já possuía ampla experiência e estava credenciado como docente em um programa de pós-graduação

de excelência. Além disso, ele seria o responsável por orientar a minha pesquisa, tornando o momento do doutorado um marco em minha trajetória acadêmica. O ânimo de ser orientado pelo Igor também tinha relação com o fato de ser o primeiro estudante a entrar no doutorado a partir da política de ações afirmativas adotada pelo PPGCOM/UFRJ.

A primeira turma de estudantes cotistas de mestrado e doutorado teve início em março de 2018 e, desde então, o nome do Igor era sempre comentado pelo grupo de alunos e alunas que viam nele uma inspiração – grupo que, por sinal, fundou o primeiro coletivo negro de estudantes da pós-graduação da ECO/UFRJ. A falta de professoras e professores negros nos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação era um sintoma percebido por vários discentes, o que tornava a imagem de Igor Sacramento fundamental para construção de uma autoestima acadêmica entre as pessoas negras que ali estavam.

Além da inspiração como acadêmico, uma das marcas deixadas por Igor no PPGCOM/UFRJ foi a inclusão de autoras e autores negros na bibliografia dos editais de seleção discente, revigorando o ambiente teórico e incentivando a inserção de perspectivas não-canônicas. Como coordenador da linha de pesquisa de Mídias e Mediações Socioculturais, Igor Sacramento implementou uma bibliografia compatível com os anseios que existiam para os debates sobre raça, gênero, sexualidade e regimes de poder que atravessam a Comunicação.

As boas realizações que Igor Sacramento executou como pesquisador e docente aparecem como lampejos de vaga-lumes em um mundo marcado pela luz artificial. Como descreve Georges Didi-Huberman, os vaga-lumes são "seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis e resistentes enquanto tais" (2011, p. 23). Em meio ao produtivismo neoliberal e às relações de poder da branquitude acadêmica, Igor Sacramento surgiu como um vaga-lume que, com a sua extraordinariedade, iluminou o caminho de diversas pessoas no mundo, resistindo por vezes aos ambientes de alta competitividade.

Como pesquisador, o caráter inovador e perspicaz de suas análises proporcionou avanços significativos em áreas da História da Comunicação, Comunicação e Saúde, Estudos biográficos e Estudos Culturais. Um leitor apaixonado de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, um analista do discurso em suas mais variadas facetas e formações. Com um perfil acadêmico interdisciplinar, Igor orientou pesquisas com múltiplos interesses no campo da Comunicação, estando sempre atento às novas referências e aos problemas mais contemporâneos. Esse perfil intelectual tornava-o único.

A nossa relação acadêmica surgiu de uma admiração que ganhou força no decorrer do tempo e transformou-se numa amizade marcada pelo reconhecimento. Lembro-me quando Igor me convidou para ser editor assistente da Revista Eletrônica em Comunicação, Informação e Inovação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Reciis/Fiocruz). Ele reconhecia em mim um desejo de aprender, um encantamento com as atividades do mundo acadêmico, e me proporcionou experiências profissionais que alavancaram minha vida na Universidade.

Como editor assistente da Reciis, desde 2018, passei a integrar uma equipe científica que trabalhou arduamente para promover a divulgação científica de pesquisas da área de Comunicação e Saúde. Compartilhei da vida do Igor como um colega de trabalho, aprendendo pouco a pouco as dinâmicas de um periódico acadêmico e o importantíssimo trabalho de um editor científico. Esse é mais um dos feitos de Igor Sacramento, pesquisador que soube partilhar a sua experiência no campo editorial com os mais jovens, iluminando as brechas de uma atividade fundamental para a ciência.

Inquieto e questionador. Sem sombra de dúvidas, Igor era reconhecido por esses adjetivos. Acredito que graças a eles, o nome Igor Sacramento causava curiosidade para quem não era próximo, mas também admiração pela personalidade que carregava o ímpeto da mudança e da inovação. E isso me leva recordar o surgimento do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs).

Desde que iniciei as minhas atividades como discente do doutorado da ECO/UFRJ, Igor comentava que estava estruturando a ideia de um grupo de pesquisa que agregasse as múltiplas pesquisas que ele orientava na UFRJ e na Fiocruz. A intenção de criar o NECHS foi, desde sempre, fortalecer os diferentes interesses de pesquisa que o próprio Igor tinha com seus orientandos de mestrado e de doutorado. Com cinco linhas de pesquisa, inicialmente, o NECHS tinha uma rotina de atividades de leitura e encontros que ocorriam na sala do NEPCOM – Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação, na Escola de Comunicação da UFRJ e no prédio de Expansão do ICICT – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz.

Assim como a minha orientação era fundamentada na parceria e no afeto, os encontros do NECHS agregavam um ambiente de solidariedade e companheirismo, onde podíamos falar sobre as nossas pesquisas em andamento, ler textos clássicos, debater conceitos-chaves da ementa do grupo e, sobretudo, estreitar laços de amizade. Igor Sacramento atuava como um líder que construía pontes entre os temas de interesse e desenvolvia dinâmicas muito proveitosas para todas as pessoas que compunham o grupo.

O NECHS é um dos principais legados que o Igor deixou à Fiocruz e ao campo da pesquisa científica em Comunicação. Em suas linhas de pesquisa, o grupo agregou diferentes perspectivas sobre os campos da História, da Comunicação e da Saúde, tornando-se parte de redes de pesquisa que extrapolavam o ambiente da cidade do Rio de Janeiro e consolidava a importância da transversalidade dos temas pesquisados. A realização do IX Historicidades dos Processos Comunicacionais – Encontro de Grupos de Pesquisa Brasileiros marcou um importante momento na história do grupo e sua relação com outros grupos de pesquisa no Brasil.

Outra dimensão importante que vale destaque é a da produção científica capitaneada por Igor Sacramento no Nechs. Desde a criação do grupo de estudos e pesquisa, as publicações geradas buscavam apresentar a característica amplamente interdisciplinar do escopo científico conhecido

pelo Igor. Das dissertações e teses orientadas por ele ao longo dos anos, assim como as supervisões de pós-doutorado, Igor era apaixonado pela divulgação científica e nos encorajava a publicar livros e artigos como forma de contribuição e retorno social.

É inegável que um dos maiores ensinamentos de Igor Sacramento como professor e pesquisador em saúde pública seja a luta contra a desinformação e o obscurantismo nefasto das políticas ultraconservadoras e neoliberais. A trajetória acadêmica e política de Igor Sacramento revela como um pesquisador comprometido com a ciência e o desenvolvimento social é figura fundamental para a sociedade. Dentre as inúmeras realizações de um extenso currículo acadêmico, a postura ética, combativa e alinhada aos valores democráticos, salta aos olhos de quem viu e ouviu alguma apresentação pública de Igor Sacramento.

O entendimento da importância da ciência e da Universidade para o desenvolvimento social, econômico, político e social sempre estive sempre na conduta pessoal e profissional de Igor. Em minha concepção, acredito que essa conduta moralmente comprometida com a sociedade e o saber tornava-o um agente de transformação social. O impacto de sua produção científica e intelectual é imensurável, sobretudo diante da quantidade de pessoas que foram e são seus leitores. Esse legado é composto de livros, artigos, notas de conjuntura, editoriais, dossiês, revistas e coletâneas de grande importância para os estudos contemporâneos da Comunicação.

Em 2019, Igor me convidou para editar um livro com ele. Para minha surpresa, ele acreditava mais no meu potencial acadêmico do que eu mesmo. Eu me sentia acanhado naquele período, mas fui sendo incentivado por ele a acreditar ainda mais em mim. Decidimos escrever uma introdução que destacasse a potência do conceito foucaultiano de "dispositivo como tecnologia de subjetivação", um texto que inaugura a nossa escrita em quatro mãos. A coletânea de artigos *Dispositivos de subjetivação: saúde, cultura, mídia* (Sacramento; Sanches, 2019) me mostrou o quanto o meu orientador era um educador apaixonado, um intelectual sempre disposto a colaborar e comungar o conhecimento.

bell hooks fala que "a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa orientação para esse fim" (hooks, 2013, p. 86). Para mim, como primeiro orientando de doutorado do professor Igor Sacramento, percebo como ele desde sempre aplicou uma teoria educacional curativa e libertadora. Nós, homens negros, somos comumente representados como violentos, disfuncionais e direcionados aos trabalhos subalternizados. E Igor, contrariando todas as expectativas e estatísticas sociais, rompia completamente com esse estereótipo racista. Sobretudo, ele era um negro intelectual que educava numa perspectiva libertadora.

A liberdade e a autonomia fizeram parte de todo o processo de construção da minha tese de doutorado. Como orientador, Igor Sacramento conjugava a perspectiva de uma educação libertadora com a criticidade necessária para o tempo sombrio que vivíamos. Essas características da orientação contrastavam com todo o imaginário sobre a escrita de uma tese de doutorado, comumente entendida como dolorosa e sacrificante. Em minha trajetória, posso afirmar que a presença de Igor contaminou o modo como escrevi e desenvolvi a pesquisa doutoral.

É impossível esquecer que passamos por um momento traumático em nossas vidas. A pandemia de Covid-19, decretada em março de 2020, foi um dos momentos mais difíceis para a população mundial, sobretudo para os brasileiros que viveram um período de negacionismo científico e de um avanço dos discursos da extrema-direita em diferentes aspectos da vida social. Mesmo impactados com o número de mortes que avançava dia a dia, enclausurados em casa e sem perspectivas de retorno de atividades acadêmicas presenciais, nos encontrávamos em reuniões online para discutir o cenário social e político do país, colocando também as nossas questões pessoais e emocionais naquele contexto.

As reuniões remotas do Nechs funcionaram como um curativo para as dores que sentíamos naquele momento. Chorávamos, ríamos, fabulávamos e buscávamos formas de sobreviver à onda de morte e descaso que assombrava a população brasileira. Contudo, tivemos fôlego para

escrever e produzir trabalhos que marcaram a nossa resposta aos ditames da necropolítica estabelecida pelo governo de Jair Messias Bolsonaro. O grupo funcionou como uma máquina de guerra contra a desinformação e todo repertório que corroía a democracia brasileira naquela época. Lembro-me de como os nossos esforços estavam alinhados com a importância da ciência para a sociedade e com os valores sociais e democráticos.

O dossiê "História da Mídia e Saúde", organizado por Wilson Borges e Igor Sacramento, na Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), é um dos exemplos das atividades de impacto que o Nechs produziu durante a pandemia de Covid-19. Além do dossiê, todas as pesquisas em Saúde Pública que seguiram, tinham como plano de fundo a luta pelo reconhecimento da ciência como agente de justiça social. Esse histórico de atuação contra a desinformação em saúde colocou Igor como uma principais referências do campo nos últimos anos.

No decorrer do período pandêmico, defendi a minha tese de doutorado intitulada Convocações biopolíticas e imperativos da boa forma: corpo, saúde e mídia no Brasil (1930-2000) (Sanches, 2022). Me lembro de modo vívido o que Igor me disse após a defesa: "Eu perdi um orientando e ganhei um amigo". Sempre amoroso e cuidadoso com quem compartilhava da sua presença, Igor permaneceu em minha vida como um amigo que me inspirou e persistir no desejo de ser professor.

Em setembro de 2022, me mudei para Portugal para assumir uma vaga em um projeto de pesquisa no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). E mesmo com um oceano nos separando, mantivemos contatos diários sobre assuntos ordinários como divas da *pop music* e viagens, duas coisas que amamos, ao mesmo tempo que planejávamos a escrita de trabalhos científicos. Dessas conversas, surgiu a ideia de escrever um texto que aglutinasse o debate de um trecho da minha tese de doutorado, que culminou na escrita do texto "Só a cirurgia plástica pode 'consertar' o seu nariz: racismo e eugenia na coluna Elegância e Beleza de O Cruzeiro na década de 1940", publicado na *Revista Estudos Históricos* (Sanches; Sacramento, 2023).

Acredito que a escrita a quatro mãos sempre foi muito especial. Igor era atento às preocupações teóricas e metodológicas, mas também às pessoas que escreviam com ele. Existia um diálogo profundo sobre o objeto empírico, o aporte teórico, o recorte e a bibliografia utilizada, mas também tinha um espírito de colaboração e escuta que marcava cada encontro de escrita como algo extraordinário. Apesar de ter uma trajetória maior e de reconhecimento no campo, Igor Sacramento era um pesquisador que não abandonava a característica da humildade em relações aos temas e sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, seus orientandos e orientandas sempre estavam confortáveis no ambiente acadêmico, em eventos e na sala de aula. Inegavelmente, a alegria de ser autor e coautor de textos com o Igor é algo inestimável.

Em junho de 2023, retornei ao Brasil a partir de longas conversas com o Igor sobre concursos públicos. Incentivado por Igor Sacramento e Marcelo dos Santos Marcelino, participei do concurso para professor adjunto do Departamento de Teoria da Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e logrei o êxito de ser classificado em segundo lugar. Essa aprovação me levou a ser convocado e nomeado como servidor público da UERJ em fevereiro de 2024. Novamente, Igor me mostrava o quanto a parceria e o afeto eram fundamentais em nosso relacionamento. Eu me via no Igor e penso que ele se via em mim também: dois homens negros, jovens e intelectuais.

A dinâmica do reconhecimento mútuo tornava a nossa relação muito prazerosa. Os projetos de escrita coletiva, eventos e disciplinas estavam sempre presentes em nosso horizonte. Quando fui credenciado como docente do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET/RJ, em dezembro de 2024, Igor foi a primeira pessoa que soube da informação. Eu tinha e, com toda certeza, ainda tenho uma enorme gratidão por ele ser um bom orientador, professor, pesquisador e amigo. Reconhecer a presença e a potência do Igor em minha jornada acadêmica e profissional é fundamental para manter viva a memória dele por onde quer que eu vá.

Uma das grandes emoções que vivi com o Igor, em 2024, foi a oportunidade de dividir com ele uma disciplina no PPGCOM/UFRJ. Voltei para a sala de aula que me formou como docente convidado, ao lado daquele intelectual que mais admirei nos últimos anos. Desde a concepção da ementa da disciplina, que nomeamos "Nas margens da racialidade: teoria, política e subjetividade", até as horas que dividíamos o quadro para explicações teóricas e epistemológicas, a alegria presente naqueles encontros semanais era notória. Planejávamos publicar um livro que pudesse condensar o debate sobre comunicação e racialidade, colocando em questão o posicionamento crítico em torno da raça e o racismo.

Essas são as minhas últimas memórias da presença física de Igor Sacramento: em sala de aula, fazendo aquilo que ele mais gostava de fazer: ensinar. A paixão com que Igor desenvolvia as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, é algo significativo e inenarrável. A entonação da voz, a postura altiva e, ao mesmo tempo, acolhedora, a movimentação no quadro branco, as anotações, os exemplos; tudo, definitivamente tudo, escancarava o amor que ele tinha em relação à docência. A vocação docente de Igor, inegavelmente, contaminava a sala de aula, seus alunos e alunas comentavam com empolgação sobre como as aulas dele tornavam o ambiente da Universidade mais potente. Eu vivi isso e posso confirmar: a aula do Igor Sacramento era de arrepiar!

O ofício do educador é, desde sempre, de incentivar e semear ideias, provocações e curiosidades. É dar esperança àqueles e àquelas que buscam a liberdade. Nesse quesito, me parece impossível pensar no Igor e não lembrar dele como educador. Mesmo nas mais variadas situações ordinárias, lá estava ele tomando uma posição de analista das coisas, de investigador das sutilezas e dos silenciamentos. Como educador, Igor Sacramento semeou uma vasta floresta, onde sempre adubou o solo com grandes ideias e a esperança de dias melhores.

Com a partida do Igor para o *Orum* (o reino do céu), entramos em estado de vigília em torno da sua memória e colocamos a sua vida em vestígio. Igor Sacramento está agora materializado na história de vida de

inúmeras pessoas ao tornar-se um de nossos ancestrais. E como ancestral, ele continuará nos guiando por caminhos de alegria, solidariedade e comprometimento ético. Daqui do Ayê (terra), a nossa tarefa é sempre louvar o legado do nosso ancestral e torná-lo um sujeito inesquecível. Acredito que, assim, jamais a vida e a obra de Igor Sacramento serão esquecidas.

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

OXÓSSI, Mãe Stella de. Òwe-Provérbios. *Salvador*: Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá, 2007.

SACRAMENTO, Igor; SANCHES, Julio César. (orgs.). *Dispositivos de subjetivação*: saúde, cultura, mídia. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2019.

SANCHES, Julio César. *Convocações biopolíticas e imperativos da boa forma*: corpo, saúde e mídia no Brasil (1930-2000). 2022. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SANCHES, Julio César; SACRAMENTO, Igor. *Só a cirurgia plástica pode 'consertar' o seu nariz*: racismo e eugenia na coluna Elegância e Beleza de O Cruzeiro na década de 1940. *Estudos Históricos (rio De Janeiro)*, 36(78), 94–113, 2023. https://doi.org/10.1590/S2178-149420230106

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis*: afeto, mídia e política. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



Uma biografia incontornável

Marcelo dos Santos Marcelino

Biografar é sempre, inevitavelmente, um gesto para falar *com* uma vida. Ainda que nós não habitemos mais o mesmo tempo e aquela pessoa tenha se tornado ancestral, uma vida sempre deixa seus rastros e vestígios para que assim possa permanecer no presente, participar do futuro e confortar o coração daqueles que ainda estão por aqui. A vida da qual falamos está sempre *junto* de nós, inscrita num tempo de longa duração que nos permite a memória. Esse talvez seja o maior desafio de uma biografia: aceitar correr o risco de falar de forma insuficiente sobre alguém que significa muito na vida de muitas outras pessoas e relações (pessoais, familiares, intelectuais, amorosas, de trabalho e outras). A insuficiência sempre existirá porque há o incontornável daquele que aqui viveu e passou. Por isso, sempre insistimos em ver sua vida em retrospecto, mas também de forma imaginativa: tentar ver o que a pessoa pensou, como talvez agiria ou se faria desse ou de outro modo. Biografar jamais será apenas falar *sobre* uma vida. Também falamos *para* aquela vida, com imensa saudade.

Escrevo este texto para falar de biografia comunicacional, conceito e proposta teórico-metodológica pensada por Igor Sacramento, amigo e orientador, que nos deixou tão precocemente, em 21 de abril de 2025, em Paris, quando realizava seu estágio de pós-doutorado. Lembro de Igor radiante na cidade, compartilhando momentos e falando sobre o seu desejo antigo de estar naquelas terras para continuar suas pesquisas. Sua partida ainda me deixa atônito, pensativo sobre o que poderíamos fazer, ler, debater e falar. Hoje, tenho memórias de suas falas, intervenções, carinhos e dedicação de uma parceria profunda. Dedicarei aqui um tempo para falar de um conceito de sua autoria que me provoca até hoje. Este texto é, mais que uma exposição conceitual, também um relato biográfico envolvendo memórias pessoais e afetivas duradouras de quem construiu uma linda amizade, com companheirismo e amor. Não poderia deixar de dizer sobre sua vida, como me atravessou profundamente e, invariavelmente, sobre a dor da sua partida. Há um incontornável que, acredito profundamente, jamais me fará superar sua ausência, inclusive porque acredito muito pouco em superação e, segundo, porque muito do que sou hoje também tem pedaços de Igor Sacramento.

***

Biografia comunicacional é um conceito que mobiliza minha trajetória desde o fim da minha graduação, em 2021, quando ainda morava em São Paulo e sonhava em fazer mestrado na UFRJ no ano seguinte. Após meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, em 2022, escolhi a biografia como conceito norteador para pensar no processo de difusão da narrativa neoliberal do empreendedor de si no contemporâneo. Fiz profundos estudos sobre o conceito e mergulhei em muitos autores com quem Igor se colocou em diálogo na sua tese de doutorado sobre Dias Gomes (Sacramento, 2012). Hoje consigo dizer que a biografia comunicacional é uma das chaves importantes para abrir novos encaminhamentos para

diversas questões do contemporâneo, como os estudos das celebridades e a celebrificação da vida social (Driessens, 2014), os influenciadores digitais, os testemunhos e a emergência do pessoal na mídia de modo geral. Com muitos autores, Igor parte do entendimento de que não há possibilidade de compreender as processualidades e os fenômenos contemporâneos da Comunicação e da Cultura sem falar do individual. Para ele, o social, compreendido não como agregado de indivíduos ou coletividade, e menos ainda como um fato, também não está apartado daquilo que modernamente sempre associamos apenas ao domínio do pessoal, como as subjetividades, as idiossincrasias e o processo de agenciamento do indivíduo. Social e individual coexistem de modo dialógico, em constante tensão como domínios interdependentes e inter-relacionais. Nesse sentido, ao modo bakhtiniano de Igor, uma trajetória individual seria sempre *semialheia*, ligada eminentemente a um outro, parte de uma cadeia infinita de outros discursos, sujeitos e materialidades.

Pois bem, mas o que Igor pensou como biografia comunicacional? Em um dos seus artigos mais célebres e importantes, publicado na revista Matrizes (Sacramento, 2014), Igor procura pensar a biografia para além do gênero literário. Pensá-la justamente de um ponto de vista comunicacional significa ver as tramas comunicacionais que atravessam um indivíduo biografado. É percebê-lo na sua infinita contradição, sempre constitutiva e jamais vista de modo negativo. Ao contrário, a biografia comunicacional é um aporte teórico-metodológico que busca ampliar os sentidos de uma narrativa individual na história, e a própria processualidade histórica no individual. É por isso que Igor, ao estudar Dias Gomes, pensou nele muito mais como um mediador cultural, fugindo das dicotomias cooptação-infiltração.

Lembro bem do ponto de virada que esses diálogos conceituais significaram para mim. Eu começava a me esquivar de uma perspectiva reducionista – confesso, ainda existente na academia – sobre o indivíduo como um resultado do social para uma proposta mais adensada: colocar em tensão uma trajetória individual com os contextos, outros sujeitos

e imaginários que o atravessam. Na época, Igor me escolheu como seu orientando num momento em que eu ainda pensava a partir de outras tradições teóricas, seguindo minha formação na Escola de Comunicações e Artes da USP. Igor parecia captar muito bem meu espírito da época: 23 anos, recém-formado da universidade após cinco anos de muita luta, ex-morador de um conjunto residencial para estudantes em vulnerabilidade social, recém-chegado ao Rio de Janeiro, sem muito dinheiro, vivendo de bolsa e de um trabalho mal remunerado precarizado.

Igor conseguia me enxergar muito minha revolta: a crítica à acumulação econômica na mão de bilionários aliada à produção de uma subjetividade de valorização e celebrificação crescentes em nossas vidas. Contudo, Igor deu possibilidades para que minha análise dessas figuras não fosse reducionista, como resultado de um sistema, simplesmente. Teríamos o trabalho, desde aquela época, de complexificar o pessoal, o íntimo e a individualidade. É a partir desse gesto, de olhar o que ainda não tinham visto, que inauguramos novos olhares para o tema. Nesse momento, Igor, como bom foucaultiano, já me apresentava os textos clássicos de Foucault sobre biopolítica, em especial aqueles que foram inauguradores do debate sobre uma nova racionalidade emergente no final da segunda metade do século XX. Assim como ele, que dizia ver em mim em partes de mim um Igor jovem mais próximo do marxista, eu era apresentado a uma perspectiva diferente para pensar os problemas. Assim como Igor, acredito que nunca deixei de lado fundamentos e perspectivas caras ao pensamento marxista, mas passei a olhá-los em seus alcances, limites e possibilidades. Como Igor me disse em vários momentos, seu pensamento sobre o marxismo se alinhava muito ao de Stuart Hall: um trabalho nas vizinhanças, sobre o marxismo, contra o marxismo e com ele, de modo que seja possível desenvolvê-lo (Hall, 2013, p. 223-224).

O biográfico permitiria não apenas deixar de lado o enquadramento automático sobre os indivíduos estudados nas pesquisas, mas dar vista e reconhecimento ao seu agenciamento, aos papeis desempenhados, às negociações simbólicas nem sempre colocadas em evidência pela crítica

feita pelos enquadramentos conceituais tradicionais de vertente estruturalista. Essa inflexão me permite hoje pensar como as trajetórias individuais servem a todos nós como um lugar para vislumbrar mudanças possíveis num contexto de profunda acomodação intelectual diante do mundo em colapso (ambiental, econômico, financeiro, moral). Pergunto, com Igor: quem poderá pensar em outros mundos possíveis a não ser nós mesmos, indivíduos com experiências diversas?

No caso da minha trajetória no mestrado, procurei com Igor ver como trajetória da primeira self-made-woman brasileira, Luiza Trajano (ver Marcelino, 2024), está vinculada a uma alteração profunda na subjetividade contemporânea face ao esgarçamento dos laços comunitários e da institucionalidade pública (de ordem liberal) pelas finanças e pela racionalidade da forma-empresa, tão bem descritos por Foucault (2008), um dos intelectuais companheiros de Igor em muitos dos seus escritos, falas e intervenções públicas, assim como na sua prática cotidiana. Falar do biográfico a partir da figura de uma empresária brasileira nem sempre foi visto como uma escolha teórico-metodológica agradável a maioria das pessoas, mas Igor foi uma pessoa que sempre acreditou no projeto e no meu objeto de pesquisa. Fundamentalmente, foi uma pessoa que acreditou na possibilidade de abrir novas frentes de crítica sobre o tema e ampliar o trabalho com o conceito de biografia comunicacional em sua aplicabilidade, vendo as tensões e aberturas possíveis. Num nível mais profundo eu diria, sem incorrer em qualquer erro ou exagero, que Igor sempre foi uma pessoa que acreditou profundamente nos projetos dos seus orientandos e orientandas, da graduação ao doutorado, mesmo quando não acreditássemos, nós mesmos, em nossas potências. Há algo de muito especial nesse gesto, típico de verdadeiros intelectuais implicados e preocupados com a vida daqueles que o cercam.

Um verdadeiro processo educativo, visceralmente atravessado por vínculos e trocas, passa por uma profunda iniciação dos educandos, vislumbrando sempre novos alcances, incentivos a mergulhos em novas leituras sobre o mundo e, em especial, em si mesmo. Igor fazia isso

de maneira muito sutil, seja nas correções dos nossos trabalhos (teses, dissertações, artigos), como também em momentos de grande êxtase de alegria, como em bares e festas. Ainda tenho comigo as nossas conversas no LF Café & Bistrô, em Copacabana, cafeteria próximo de onde morou. Ali, fizemos muitas anotações para nossos escritos, reuniões de orientação e conversas que duravam manhãs inteiras. Naquele lugar, por exemplo, é onde guardo muito das suas provocações sobre minha dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2024. Antes desse momento, foi em cafés, conversas por WhatsApp e pelo Instagram, que discutimos a necessidade de falar mais de cultura na minha dissertação, após identificar um flerte ainda persistente com um certo mecanicismo estruturalista-marxista ortodoxo, como se as biografias empresariais hoje celebrificadas fossem apenas resultado da infraestrutura econômica.

Igor queria que eu fosse até as brechas, buscasse nelas modos de ampliação da compreensão sobre o fenômeno da pesquisa. Este Igor como orientador existia com todos os seus orientandos e orientandas. Sem dúvida alguma, Igor era contundentemente contra qualquer ideia de história linear, cumulativa e sem reconhecimento do agenciamento dos sujeitos históricos. Por isso, a dúvida constante sobre o que escrevemos e lemos foi sempre presente.

Um bakhtiniano insuspeito

A experiência nunca deixou de se apresentar como dimensão fundamental na vida. Lembro como Igor acreditava fortemente nisso. Não é possível descrever e analisar – melhor dizendo, não é possível pensar razoavelmente – um fenômeno social e cultural sem levar em conta a experiência dos sujeitos ou dos grupos sociais e coletivos. Aqui, definitivamente há uma escolha de rompimento com as perspectivas estruturalistas que definem ou determinam o sujeito em quadros conceituais e metodológicos sem dar a perceber seus agenciamentos, as mediações, disputas e negociações. Vi esse posicionamento de Igor em muitas oca-

siões. Uma delas foi na sala de aula, quando discutimos certa vez sobre o reducionismo que autores como Louis Althusser poderiam fazer da experiência, vendo os sujeitos apenas como produtos da estrutura, sem lugar de contestação, visto que estariam presos às amarras ideológicas dos aparelhos de Estado (ver Thompson, 2021). Outra vez foi em debates sobre os limites do uso da noção de "estrutural" nas discussões envolvendo discriminações, racismos e preconceitos. Falar que algo é "estrutural" mina a possibilidade de compreender que as instituições e espaços de poder são feitas, sobretudo, por indivíduos. Reconhecer o *poder de agência* desses sujeitos é poder imaginar possibilidades de mudanças efetivas, afinal, quem somos nós nas discussões sobre raça, gênero, orientações sexuais e muitos outros marcadores sociais da diferença?

É por ver o poder de agência de todos nós, com nossos limites e possibilidades, que Igor vislumbrava outra possibilidade de mundo que não este. Li recentemente, como parte de uma série de registros e homenagens à sua figura, a definição de Igor como pesquisador inquieto (Tavares, 2025). Concordo com essa palavra para descrevê-lo. Igor Sacramento era alguém que não se acomodava às questões simples, ao modus operandi acadêmico e à maneira como as relações de poder eram postas em nossa sociedade, em especial na institucionalidade universitária. Sua inquietação era perceptível em suas falas em congressos científicos da área da Comunicação. Penso que aprendi com ele a colocar as questões no tom e nas palavras que merecem em cada contexto.

É com Bakhtin que Igor faz essas provocações. Um dos autores com quem ele mais dialogou ao longo de toda sua vida dedicada à ciência e ao pensamento crítico, Igor se debruçou, incentivou e referenciou ativamente o filósofo da linguagem russo. Reconhecia em Bakhtin a possibilidade de, finalmente, ver o discurso e a linguagem não como causalidades sem história, mas como constitutivos de todos nós, sujeitos históricos imersos em infinitas contradições. Igor era um bakhtiniano convicto: tal como o filósofo russo, via os enunciados como parte de um elo de uma cadeira de comunicação discursiva (Bakhtin, 2011), sempre dialógicos porque falam

não apenas com aqueles que estão aqui no presente, mas com enunciados de outrora por outros sujeitos, em tempos distintos ao nosso.

O valor biográfico**,** conceito de Bakhtin (2011) para descrever os elementos narrativos que organizam uma biografia, foi um dos conceitos-chaves desenvolvidos em minha dissertação. Este conceito foi gentilmente sugerido por Igor em uma de nossas longas conversas. Lembro que ele me sugeriu de modo rápido e prático, como sempre fazia: Por que não usar o conceito de valor biográfico? Já tínhamos visto sobre esse conceito no segundo semestre de 2024, quando ele ofereceu o curso "Comunicação, experiência e biografia", no PPGCOM da ECO/UFRJ. Mas, foi nas leituras e nas discussões com ele que pudemos aplicá-lo para analisar a biografia de Luiza Trajano e também expandir a discussão junto do seu conceito inovador de biografia comunicacional. A mobilização dos valores biográficos é fundamental para a construção das tramas comunicacionais que formam uma biografia. Trabalhar esse conceito permitiu a nós desenvolvermos outras visadas sobre os usos do valor biográfico na produção das biografias contemporâneas, especialmente as que emergem sob um regime de encomenda, como a dos empresários e empreendedores.

Igor, uma raridade incontornável

Na minha defesa de mestrado, me emocionei com uma fala de Igor sobre mim. Ele dizia que ter a mim como seu orientando era algo especial, na medida que eu queria muito estar ali naquele lugar, pesquisando, questionando e tendo aulas com pessoas importantes da área. Ele dizia que eu era alguém raro. Obviamente, e sem falsa modéstia por aqui, não sei se merecia tudo aquilo, porque sempre achei que estava apenas fazendo meu trabalho. Hoje, após sua partida, vejo que a raridade estava em Igor. Sua vida, em especial sua biografia, é incontornável para mim e, indo além, também para muitos outros docentes e discentes que puderam conviver com seu espírito livre, questionador e instigante.

Como seu orientando, digo que é difícil seguir sem sua presença física. Se acostumar com a ausência de seu corpo e seguir a vida – seja lá o que queremos dizer com isso – é, às vezes, atordoante. Até agora, houve pouquíssimos momentos em que voltar à pesquisa não significasse também lembrar de Igor, me deparar com suas questões que anotei e com as conversas que tivemos, com planos e sonhos para além da tese. Daqui, sigo escrevendo, lendo e lembrando: junto dele, em suas infinitas outras presenças.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal***.** 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

DRIESSENS, Olivier. *A celebritização da sociedade e da cultur***a:** entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. Ciberlegenda (31), 2014, pp. 8-25.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica***:** curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALL, Stuart. *Da Diáspora***:** Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MARCELINO, Marcelo dos Santos. Luiza Trajano, um empreendimento biográfico: trajetória e narrativas da primeira self-made woman brasileira. *Dissertaçã**o*** (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

SACRAMENTO, Igor Pinto. Nos tempos de Dias Gomes: a trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais. *Tese* (Doutorado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012.

SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. *MATRIZes,* São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. 153–173, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i2p153-173.

TAVARES, Denise. Igor Sacramento: pesquisador inquieto, referência na Comunicação. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 19. n. 2, 2025.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria e ou o planetário de erros***:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.



Depois da revolução, a gratidão: um agente transformador na trajetória de um orientando

Rhayller Peixoto

Falar sobre o Igor Sacramento sempre vai exigir coragem e afeto absurdos. Coragem porque só de lembrar de sua postura, responsabilidade e compromisso para com o outro, a primeira coisa que se tem a fazer é assumir a missão. Afeto porque com ele não existia um sem o outro. Era leão quando precisava ser, defendendo desde seus posicionamentos acadêmicos e pessoais e, ao mesmo tempo, uma pessoa ímpar quando o assunto era o cuidado com o outro. Penso que esse seja um dos motivos pelo qual esse texto, mesmo após seis meses de sua partida, demande tanto de mim. E aqui cabe um sabor agridoce pois ao mesmo tempo em que é muito bom falar sobre ele, expor as alegrias de uma convivência transformadora, o simples fato de estar aqui escrevendo mostra que esse é o lugar em que as homenagens podem ser feitas. Já não é possível lhe dizer o quanto ele é admirável pessoalmente, nem receber ligações ou mensagens calorosas suas sobre um texto ou qualquer assunto que lhe fizesse brilhar os olhos.

Igor Sacramento não está mais aqui entre nós e isso é uma ferida que, sinceramente, não tenho a esperança de ver cicatrizada nem tão cedo. De

alguma forma isso é até bom, sabe? É difícil entender sua partida, mas ela não precisa ficar reclusa ao luto. Pode ser potência. Sentida, mas jamais reduzida; lamentada, mas sempre celebrada. É isso que pretendo fazer com esse texto, uma reunião de momentos marcantes em que Igor norteou minha vida dentro e fora dos muros da universidade. Foram cinco anos de convivência intensa com ele. Assistindo às aulas, participando dos grupos de pesquisa, lendo os textos, indo a congressos, frequentando bares e baladas que sempre fizeram da experiência de ser seu orientando algo único. O melhor é que cada pessoa que conviveu comigo durante esse tempo pôde perceber o quão revolucionário foi o nosso encontro. Em 2022, meus amigos diziam que eu era "sacramenter", algo que pode ser traduzido como fã de Igor Sacramento. Brincadeiras à parte, é lindo que em vida isso pôde ser percebido por ele. Em desabafos, auxílios prestados nos mais diversos âmbitos, nas risadas. Fui, sou e serei um admirador do Igor e faço questão de reforçar isso pelos lugares onde passo.

Pensei em fazer um texto que unisse os saberes acadêmicos que construímos juntos, mas seria técnico demais para a compreensão do que fizemos. Da mesma maneira poderia parecer descompromissado demais falar apenas dos sentimentos quando o que nos uniu primeiro foi a minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ. Refletir sobre os dois caminhos me parece ser mais prudente, confiável e até mesmo sincero com nossa aproximação. Acredito também que isso honre o legado do Igor, sobretudo no que ele gostaria que fosse feito. Igor era responsabilidade com afeto, aquela pessoa que dizia "você não deve ir por esse caminho" e completava, com a mesma intensidade, com um "por que não tenta fazer dessa forma?". Isso dá corpo à tentativa de dimensionar sua importância e mostra para os tantos que o conheceram – e os que irão conhecer a partir desse texto – que eu também tenho muito a dizer sobre sua passagem aqui por essa terra. Mais do que isso, que sua estada aqui me amadureceu em muitos níveis.

Conheci o Igor durante a seleção do mestrado do PPGCOM-ECO/UFRJ ainda em 2019. Eu sou fluminense, nascido no interior do estado

do Rio de Janeiro, mas me graduei na Universidade Federal de Alagoas, lugar onde morei de 2015 ao início de 2020. Retornei ao Rio de Janeiro após passar no mestrado da ECO e já na primeira etapa do processo seletivo os nossos caminhos se cruzaram. Como disse anteriormente, a primeira proximidade veio pela universidade. Meu objeto de pesquisa naquele momento era a telenovela Xica da Silva, exibida na década de 1990 pela extinta Rede Manchete. Fui avançando na seleção e a última etapa classificatória, a que me garantiria a vaga no mestrado, teve como banca três professores, Igor entre eles. Foi um misto de nervosismo e deleite. Cheguei acanhado, bolsa na frente do corpo em algum sinal de proteção, mas fui me desarmando aos poucos com sua presença e carinho. "Coloca a bolsa aqui [na cadeira ao lado]", disse ele. E de repente um sorriso fez com que aquela experiência fosse um pouco menos esquisita.

Conforme as perguntas eram respondidas, meu projeto foi ganhando um admirador naquela dinâmica em que os professores te sabatinam sobre algo escrito por você, mas que ali parece ter sido redigido por outra pessoa. Igor falou da potência e das pretensões do texto, e ganhei confiança para responder às críticas, sugestões e até elogios feitos pelas outras componentes da banca. Hoje, percebo que meu texto estava longe de ser perfeito e carregava, como produto de seu tempo, as aspirações de um rapaz recém-saído da graduação. Isso só torna o Igor ainda mais grandioso aos meus olhos, porque naquele dia ele viu no meu projeto mais do que algo que não precisasse de modificação. Igor viu algo que poderia ser lapidado e transformado a partir da sua ajuda e da ajuda dos grupos de pesquisa que compartilhamos.

O meu último ano do doutorado começou da pior forma possível, me despedindo do meu orientador. Mas de algum modo olhar para esse início me faz perceber o quanto, desde a minha entrada na ECO-UFRJ, eu fui visto não como um gênio, alguém que sabia todas as respostas sobre meu projeto, sobre a televisão brasileira ou sobre as telenovelas, que tanto amo. Eu fui enxergado como alguém que poderia ser auxiliado pela atividade docente exercida pelos que me cercavam e conduzido para um bem-estar.

Ali, eu era muito diferente de todos e nem falo aqui somente pela questão racial, visto que o Igor, assim como eu, era um homem negro. Eu era alguém em um estado de vulnerabilidade que só uma pessoa como ele poderia enxergar e pensar "É, esse aí eu vou ajudar". E foi o que ele fez nos cinco anos em que convivemos. Já disse isso noutro texto que escrevi sobre sua presença em minha vida e vou repetir: eu não tinha dimensão de que a próxima pergunta feita por ele, ainda na entrevista do mestrado, mudaria o curso da minha vida, mas me lembro perfeitamente dela: "Rhayller, você colocou uma opção aqui de orientação. Teria problema em mudar de orientador?". Respondi prontamente que não. Duas semanas depois fui aprovado no mestrado e descobri que meu orientador seria Igor Sacramento. Três meses depois, estávamos em sala de aula trocando ideias e desenhando uma Xica da Silva para chamar de nossa.

Passados cinco anos, cá estou eu escrevendo sobre como uma pergunta foi tão importante e norteadora da minha vida. Fui aprovado em um programa de pós-graduação de referência e tendo como orientador o escritor de *Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970* (Sacramento, 2011) e *Dias Gomes: um intelectual comunista nas tramas comunicacionais* (Sacramento, 2016). Dois trabalhos que exemplificam as dinâmicas de seu pensamento: as matrizes culturais da televisão e o fazer de homens e mulheres nesse mesmo veículo de comunicação. Com ele, aprendi que nada se produz "por acaso" e que os discursos postos em circulação em um tempo específico podem nos ajudar a entender um passado. Não em sua totalidade, é claro, mas dão uma dimensão do que a sociedade pensava naquele momento. Tudo o que escrevi e refleti desde então é norteado por essas e outras de suas muitas proposições.

No ano de 2020, começamos o semestre letivo já com alterações no meu projeto. Minha proposta inicial sofreu modificações importantes que, claro, fizeram muito mais sentido. À medida em que a "Xica da Silva de telenovela" ia aparecendo nas discussões e na escrita da dissertação, a confiança aumentava. Abandonei algumas noções que tinha durante

a escrita do texto para pleitear a entrada na pós-graduação, conheci à fundo as ideias do Bakhtin – o evento canônico de todo orientando de Igor Sacramento – e criei a partir daí uma relação de vínculo afetivo com a pesquisa. É sincero afirmar que aprendi a pesquisar nesse período, em que a gente praticava o ofício não apenas por serem nossos empregos, mas como forma de sobreviver às normativas de um ano que começou com a avassaladora pandemia de Covid-19.

Resistimos, mas não foi tarefa fácil: o ano foi marcado pela pandemia e um distanciamento social imposto, que acirrou ainda mais as diferenças geográficas e sociais existentes. Neste momento, é importante dizer que fui muito assistido por Igor e pelos amigos e colegas dos grupos de pesquisa. Em contrapartida, também contribuí para que o momento de apreensão e medo fosse menos doloroso para nós. Aulas, reuniões e momentos mais descontraídos, como as videochamadas online totalmente despretensiosas, deram o tom de um dos momentos mais emblemáticos deste século. É preciso dizer aqui – e Igor era muito orgulhoso disso, que o recém-criado Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (NECHS) continuou produzindo e teve contribuições importantes para o campo da comunicação com suas publicações. Igor foi professor permanente de duas pós-graduações: o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ e o Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) da Fiocruz. Por isso, nosso grupo e textos publicados tinham em essência discussões que abarcassem a pluralidade dos campos da comunicação, história e saúde. Destaco aqui o artigo que escrevi, em 2021, com o Professor Dr. Júlio César Sanches e a Dra. Raika Julie Moisés, intitulado "O Brasil não pode parar: racismo e desigualdade social na campanha publicitária do governo Bolsonaro", para a *Revista Brasileira de História da Mídia*. Motivo de orgulho para um professor que sempre prezou pela excelência da universidade pública, mesmo em tempos tão sombrios.

O brilhantismo de Igor Sacramento também se dava na ideia de que não havia excelência sem assistência. Quando entrei no mestrado eu era

residente da Vila Cruzeiro, uma das favelas do Complexo da Penha, na Zona Norte do Rio. Enfrentava problemas de conexão com a internet e outras questões estruturais que acometem historicamente as periferias cariocas. Meu orientador sempre fez questão de compreender minhas limitações e ajudar para que minha situação não me pusesse atrás dos outros alunos. Ele não queria que eu me sentisse menor ou diminuto mesmo diante de uma estrutura precária. Lembro-me da vez em que fui convidado para participar com Igor de uma *live* do Centro da Memória da Eletricidade no Brasil (o Memória da Eletricidade) e minha conexão de internet caiu. Fiquei desesperado e envergonhado. Igor, muito paciente, me disse para tentar pelo celular. Foi o que fiz e a conversa seguiu com minha tela na vertical. Era o que podia ser feito na época e deu certo. Com ele, sempre dava.

Muitas são as histórias do período da pandemia que exemplificam o seu cuidado comigo, um carinho que nunca o fez passar a mão na minha cabeça, pelo contrário. Me instigava a pensar e batalhar por um futuro melhor enquanto provia, a seu modo, os caminhos para que eu pudesse passar pela pós-graduação da melhor forma possível. E não é exagero. Quantas vezes, em meio às dificuldades pandêmicas, Igor não me ofereceu um trabalho freelancer por entender a minha situação financeira? Escrevo esse texto em frente a uma televisão comprada com um trabalho que fiz por indicação dele. Eu pesquisava telenovela e não tinha um aparelho de TV para assistir a meu objeto de pesquisa. Foi através de sua intervenção que pude comprar um. Isso é um cuidado que jamais vou me envergonhar ou negligenciar todas as vezes em que falar dele. Outro exemplo, desta vez com uma pessoa próxima, foi quando um ex-orientando seu estava em um processo seletivo de concurso para professor, e Igor reuniu todas os orientandos em um bar, com o rapaz entre os convidados. Ninguém exceto os dois sabia do concurso. Hoje, percebo que aquela reunião serviu para dar gás e esperança ao amigo que precisava, naquele momento, se sentir acolhido pelos seus. Deu certo, ele hoje é professor efetivo e motivo de muito orgulho para todos nós. Sei que para o Igor também. São

nesses momentos em que a vida universitária se entrelaça com nossas aspirações pessoais que Igor se mostra uma pessoa ímpar.

Escrevi e apresentei minha dissertação de mestrado "Xica da Silva como acontecimento: telenovela, raça e sexualidade no Brasil dos anos 1990" (Peixoto, 2022), fiz a seleção de doutorado e fui aprovado no mesmo ano. Desde então, curso esse estágio na pós-graduação na mesma Universidade Federal do Rio de Janeiro. "Mesma" entre muitas aspas. Em 21 de abril de 2025, fomos todos surpreendidos com a notícia de que o Igor, meu amigo e orientador, havia falecido em Paris. E aí nada mais foi o mesmo: nem a ECO, nem o doutorado, nem o Rhayller. Falar sobre isso também é apresentar as ambiguidades do sentimento, não há como falar do Igor sem honrá-lo e dizer que mesmo em ausência ele é presente. Hoje tenho uma nova orientadora, a professora Ana Paula Goulart Ribeiro, que foi quem o orientou e trilha esse caminho comigo desde antes de sua partida, justamente pelas conexões feitas por ele. Então, o luto se transforma em esperança à medida que sua falta é mobilizadora em desenhar novas formas de se fazer presente. Os modos impensados de cultivar o que não está mais aqui. E aí passei a enxergar o Igor em tudo e de uma forma que nunca havia feito. Ele está na falta, mas também nas homenagens. Está presente todas as vezes em que encontro as pessoas que conheci por intermédio dele, quando escuto Whitney Houston. É preciso olhar por essa perspectiva para algo tão trágico.

Ah, também preciso dizer que, como fruto de anos de parceria e pesquisa, escrevemos um texto sobre as Xicas da Silva que tanto encabeçaram nossas discussões. Em 2024, publicamos "Taís recusa-se a tirar a roupa: disputas de sentido e representações em torno da Xica da Silva na televisão" (Peixoto e Sacramento, 2024) pela *Revista Projeto História*. Texto do qual me orgulho muito.

Longe de algo que vise trazer uma pessoa idealizada para os leitores, prefiro apresentar – ou reforçar aos que já conhecem – um homem real e especial. Talvez seja difícil encontrarmos outros assim e, por isso, é tão doloroso e proveitoso escrever sobre. A cada incentivo, puxão de orelha,

questões compartilhadas. Como era bom fazer parte desse universo e rede de apoio que Igor teceu durante sua trajetória. São grupos de pessoas distintas, mas unidas por um elo que permanece. Na telenovela, na pista de dança, na comunicação e saúde, nos livros... continua ressoando a cada publicação. Obrigado, Igor!

Referências

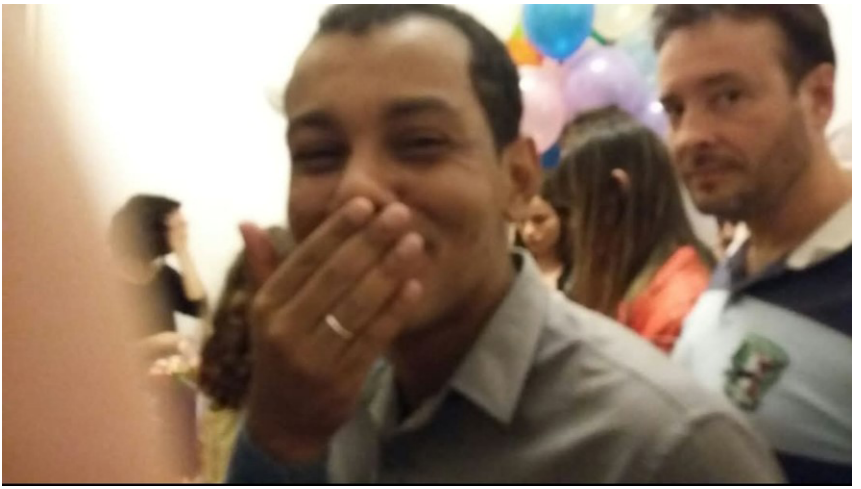
PEIXOTO, R.; SACRAMENTO, Igor. -Taís recusa-se a tirar a roupa. *Projeto História*. Revista do programa de estudos pós-graduados de história, v. 80, p. 108-134, 2024.

PEIXOTO, Rhayller. *Xica da Silva como acontecimento*: telenovela, raça e sexualidade no Brasil dos anos 1990. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Igor Pinto Sacramento.

SACRAMENTO, Igor. *Depois da revolução, a televisão*: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. 264p.

SACRAMENTO, Igor. *Dias Gomes*: um intelectual comunista nas tramas comunicacionais. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 606p .

SANCHES, Julio Cesar; MOISÉS, Raika Julie; SOUZA, Rhayller Peixoto da Cosa. *O Brasil não pode parar*: racismo e desigualdade social na campanha publicitária do governo Bolsonaro. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 9, p. 96-113, 2021.



Albúm de afetos



Com Ana Paula Goulart Ribeiro



Com Marinalva Barbosa



Com Raquel Paiva



Com Wilson Borges e Izamara Bastos Machado



Com Ana Regina Rego



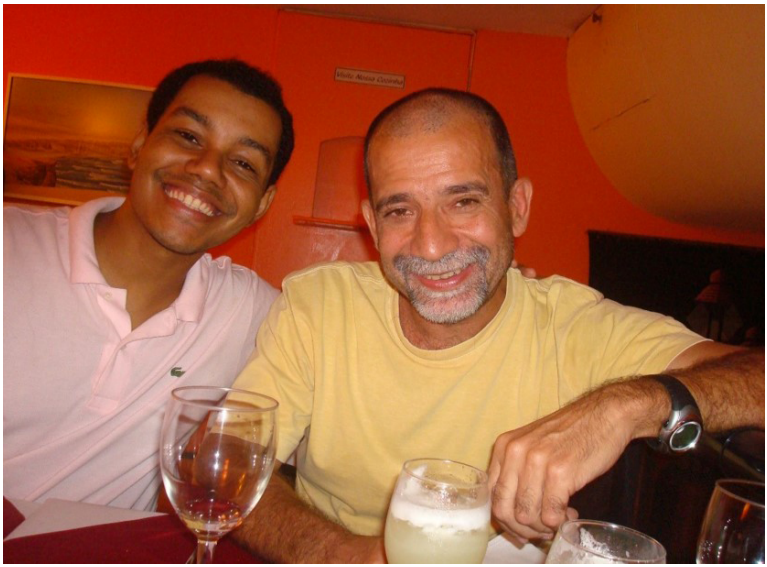
Com Danielle Brasiliense



Com Fred Tavares



Com Janine Cardoso



Com Marco Roxo



Com Patrícia D'Abreu



Com joão Paulo Malerba e Adam Golowicz



Com Rachel Bertol, Juliana Tillmann e Maria Livia Roriz



Com Vinicius Ferreria



Com Roberto e Julio Ceasar Sanches



No Historicinight, com Bruno Martins, Márcio Gonçalves, Patrícia D'Abreu, Bruno Souza Leal, Juliana Tillmann, Ana Paula Goulart Ribeiro e Izamara Bastos Machado

Créditos das imagens

As imagens presentes nesta publicação fazem parte dos acervos de parceiros e amigos, gentilmente cedidas para esta edição.

Sobre as autoras e autores

Ana Paula Goulart Ribeiro
Professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ana Regina Rêgo
Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí.

Bruno Souza Leal
Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Danielle Brasiliense
Professora da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Frederico de Mello Brandão Tavare
Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto.

Izamara Bastos Machado
Professora do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde e pesquisadora no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (LACES), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Juliana Freire Gutmann
Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia.

Julio Cesar Sanchez
Professor do Departamento de Teoria da Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal Tecnológico Celso Suckow da Fonseca.

Marcelo dos Santos Marcelino
Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Marialva Barbosa
Professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rachel Bertol
Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense.

Raquel Paiva
Professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rhayller Peixoto
Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Roberto Abib
Doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vinicius Ferreira
Doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bruno Souza Leal
Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ana Paula Goulart Ribeiro
Professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TRAJETOS §

Esta coleção traz obras que apresentam perfis, bios, memoriais e trajetórias diversas, mas sobretudo de pesquisadoras e pesquisadores, de grupos de pesquisa e instituições que contribuem para a conformação da pesquisa e da pós-graduação em Comunicação e áreas afins no Brasil.